

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



**RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

**Os Mais Pequenos Descobrem o Museu da Água  
- Visitas Guiadas e Outras Actividades -**

**Vânia Silva Rocha**

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE  
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**Área de Especialização em Formação de Adultos**

**2009**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



**RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

**Os Mais Pequenos Descobrem o Museu da Água  
- Visitas Guiadas e Outras Actividades -**

**Vânia Silva Rocha**

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE  
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**ORIENTADORA: Natália Alves**

**Área de Especialização em Formação de Adultos**

**2009**

## Índice

Introdução.....	1
<b>1 CAPÍTULO</b>	
A Educação de Adultos no Museu da Água.....	4
<b>1.1 EDUCAÇÃO DE ADULTOS – PERTINÊNCIA NOS DIAS DE HOJE.....</b>	<b>8</b>
1.1.1 - Educação de Adultos e Educação de Crianças – Que Relação?.....	6
1.1.2 - Educação Não Formal.....	11
1.1.3 - Animação Sócio-Cultural.....	17
<b>1.2 BREVE RESENHA DE MUSEOLOGIA DOS ÚLTIMOS 50 ANOS.....</b>	<b>19</b>
1.2.1 - Os Museus e a Educação.....	26
<b>1.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR.....</b>	<b>27</b>
1.3.1 - A Utilização do Lúdico no Museu.....	29
<b>2 CAPÍTULO</b>	
O Museu da Água	
<b>2.1 O MUSEU DA ÁGUA DA EPAL.....</b>	<b>31</b>
<b>2.2 APRESENTAÇÃO DO PROJECTO.....</b>	<b>33</b>
2.1.1 - Projecto - Os Mais Pequenos Descobrem o Museu da Água – <i>Visitas Guiadas e Outras Actividades</i> .....	35
<b>3 CAPÍTULO</b>	
O Estágio	
<b>3.1-A INTEGRAÇÃO NO MUSEU DA ÁGUA.....</b>	<b>45</b>
3.1.1- Tarefas do Projecto – <i>Visitas Guiadas e Outras Actividades</i> .....	47
3.1.2- As <i>Visitas Guiadas</i> .....	51
3.1.3- Outras Tarefas Realizadas no Estágio.....	54
<b>3.2 A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO-ACÇÃO NO MEU ESTÁGIO.....</b>	<b>62</b>
<b>3.3 A MINHA PRÁTICA VISTA POR PROFESSORES E ALUNOS.....</b>	<b>66</b>
<b>3.4 AS APRENDIZAGENS REALIZADAS NO MDA.....</b>	<b>76</b>
Conclusão.....	81

## ANEXOS

**Anexo I** – Questionário de Avaliação de *Visitas Guiadas*

**Anexo II** – Análise dos Questionários

**Anexo III** – Ficha de Dados

**Anexo IV** – Diploma “Amigos da Água”

**Anexo V** – Folheto “Poupança da Água”

**Anexo VI** – Excerto de Visita Guiada

**Anexo VII** – Fotos Visitas Guiadas e Dias Especiais

**Anexo VIII** – Projecto “O Museu da Água Visita o Hospital”

**Anexo IX** – Notícias para o Jornal Águas Livres

**Anexo X** – Puzzle “Ciclo da Água”

**Anexo XI** – História para o pré-escolar

**Anexo XII** – Diários de Campo

## **Resumo**

Este trabalho relata o estágio curricular realizado no serviço educativo do Museu da Água e a experiência proporcionada pela realização de um projecto de visitas guiadas (e outras actividades) com crianças do ensino pré-escolar e dos 1º e 2º anos do 1º ciclo.

Este estágio está relacionado com a área da educação de adultos e especificamente a da animação.

O objectivo principal deste relatório é proporcionar um melhor entendimento sobre o funcionamento de um serviço educativo bem como explicitar toda a minha acção durante o estágio, com a realização das visitas guiadas e de todos os passos que estiveram relacionados com elas.

A animação sócio-cultural, um dos temas abordados, surge como estratégia para realizar actividades dentro de um museu com todo o tipo de público, pois é uma forma de trabalhar os conteúdos que se pretendem transmitir nas visitas, tornando as visitas mais “leves” e adaptadas ao público em geral.

A reflexão-acção surge neste trabalho como uma estratégia e um apoio que sustenta a acção desenvolvida e condiciona a acção a desenvolver pelo educador, através das questões, da compreensão de fenómenos educativos que acontecem nas visitas guiadas.

O projecto foi aplicado durante 9 meses e foram feitas 27 visitas guiadas para crianças do pré-escolar e do 1º e 2º anos, do 1º ciclo.

**Palavras-chave:** museu; educação; animação sócio-cultural; experiência museal; visitas guiadas.

## **Abstract**

This work describes the traineeship realized in the educational service of the Water Museum and the experience that was offered in the realization of a project based on guide tours, and other activities, with children from the pre- school and from the 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> years from the 1<sup>st</sup> cycle.

This traineeship is related with the education area of adult education, specifically in the animation area.

The principal objective of this report it's to proportionate the best understanding how an education service works as well to explain all my work in the traineeship, and the realization of guide tours and all the steps related with them.

The socio-cultural animation, one of used themes, appears as an strategy to realize activities inside a museum with all kind of public, because it's a way of work the contents that we pretend to transmit in the tours, lightning the tours and transforming them for the general public.

The action-reflection appears in this work as a strategy and backup that holds developed action and conditioned the action made by the educator, through the questions, and understanding of educational phenomenon that happen on the guide tours.

This project was applied during nine months and there were made twenty seven guide tours for pre-school and for 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> year children from the 1<sup>st</sup> cycle.

**Key-words:** museum; education; socio-cultural animation; museum experience; guide visits.

## **Introdução**

Este relatório surge no âmbito do estágio curricular realizado no serviço educativo do Museu da Água da EPAL S.A e teve como objectivo geral adquirir experiência no mercado de trabalho, aplicando os conhecimentos que foram obtidos durante a licenciatura em Ciências da Educação.

Dentro da minha área de especialização – Formação de Adultos – escolhi a área de animação sócio-cultural, uma vez que é a que corresponde mais ao meu interesse e é a área com que mais me identifico pela minha forma de estar na vida. Foi também a área com a qual tive mais contacto durante a licenciatura, devido aos trabalhos de campo realizados.

Escolhi este museu, porque pertence à EPAL, e eu possuía já algum conhecimento sobre esta empresa, pois estive inserida no programa OTL nos meses de Verão. Uma outra razão para a minha escolha é o facto de o Museu da Água ser um museu prestigiado no contexto museológico português e sempre tive intenção de colaborar e dar a minha contribuição para este museu com os conhecimentos que adquiri na licenciatura. O meu pedido de estágio, neste museu, foi desde logo aceite e a minha integração no serviço foi imediata.

O estágio no MDA teve início em Setembro de 2008 e terminou em Maio de 2009, o que correspondeu a 9 meses de aplicação dos conhecimentos adquiridos na licenciatura e de ganhos experienciais que são uma mais-valia para a minha vida futura.

Quando escolhi este local para realizar o meu estágio, não sabia muito bem o que iria fazer e não sabia sequer que o Museu tinha um serviço educativo tão vasto e variado, o que me deixou muito surpreendida pela positiva. Um outro aspecto que me surpreendeu foi a confiança e a autonomia que depositaram em mim *à priori*, atribuindo-me tarefas de responsabilidade, como fazer visitas guiadas e realizar o projecto dos hospitais. Desta forma, considero que estes nove meses de estágio, foram muito positivos e úteis na minha vida futura, não só porque aprendi imenso com as conversas que tinha com a minha orientadora do museu como pela experiência que adquiri “às minhas custas”, ou

seja, pelos erros que cometi ao longo da minha acção, os quais tive que repensar e avaliar para melhorar a minha prestação no museu.

As principais tarefas realizadas prenderam-se com a realização das visitas guiadas que o museu dispõe e a concepção, realização e avaliação de visitas e actividades que, no âmbito do meu projecto, realizei no meu estágio. Para realizar as tarefas que irei descrever no decorrer deste relatório, utilizo como principal estratégia a animação sócio-cultural e a educação não formal, dois conceitos intimamente relacionados. De notar, que toda a avaliação que será feita ao projecto, de cariz mais formal, tem a ver com a minha acção e com a forma como o projecto está a ser implementado, mas nunca avaliando os conhecimentos das crianças como acontece nas instituições de carácter formal, como a escola, pois apesar de o meu projecto se comprometer a contribuir para uma mudança de atitude e de transmitir determinados conhecimentos, comportamentos e atitudes, não é seu objectivo primordial avaliar os conhecimentos dos alunos.

Mesmo antes de estar concluído o meu projecto, eu estava já a realizar visitas guiadas no Museu da Água para o público pré-escolar e para o 1º ciclo. Para além disso, e porque o Serviço Educativo é constituído apenas por uma pessoa, contando apenas com a ajuda de estagiários que apenas permanecem por um curto espaço de tempo (3 a 6 meses), estive inserida na concepção de actividades “fora de portas”, uma vez que o Museu da Água tem como objectivo sair do seu espaço museológico, levando-o a locais que não o podem visitar como os hospitais.

De todos os serviços que constituem o Museu da Água, este é o que mais actividades desenvolve e, como tal, mais ajuda necessita, tendo em conta que é um dos museus mais visitados por grupos escolares nos quatro núcleos espalhados pela cidade (Aqueduto das Águas Livres, Reservatórios da Mãe d'Água das Amoreiras e Patriarcal e Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos). Possui ainda um programa de passeios para adultos durante todo o ano que inclui 12 visitas temáticas e presta informações históricas a utilizadores do museu.

Tendo em conta este panorama, e porque existiam algumas lacunas nas visitas para o público pré-escolar, pretendi implementar um projecto que cobrisse este público,



retirando algumas ideias de jogos realizados com o 1º ciclo, e adaptando-os ao pré-escolar criando, assim, um projecto de raiz.

O objectivo do meu projecto foi contribuir para enriquecer, o já de si bem constituído, serviço educativo e ajudar a transmitir uma imagem cuidada do Museu da Água, mostrando preocupação em se adaptar a todo o tipo de público.

Este relatório está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo desenvolve alguns dos temas teóricos mais importantes para a fundamentação do meu projecto; no segundo capítulo pode encontrar-se a caracterização da instituição acolhedora, a apresentação do projecto e o projecto de estágio na íntegra; no terceiro capítulo desenvolvo as acções que foram acontecendo ao longo do estágio: a integração no museu, as visitas guiadas e as outras actividades realizadas, nomeadamente, o projecto dos hospitais.

## **1 CAPÍTULO**

### **A Educação de Adultos no Museu da Água**

No decorrer do meu estágio deparei-me com algumas situações/dilemas que tentei resolver com a realização de leituras de algumas temáticas e que pretendo abordar aqui sucintamente. A teoria que seleccionei para incorporar no meu relatório apoia as minhas decisões e as minhas escolhas ao longo da minha acção no museu.

De seguida pode encontrar-se temas como: a educação de adultos, caracterizando um bocadinho o seu importante papel na sociedade e no Museu da Água; a animação sócio-cultural, fundamental para dinamizar um museu, bem como a educação não formal. O tema sobre os museus e a educação, realçando que hoje em dia, esta é uma das principais funções dos museus, no qual se descreve também quais as suas principais dificuldades na concretização deste objectivo. Desenvolvo ainda o tema da educação pré-escolar, demonstrando a sua importância actualmente e caracterizando o seu papel na sociedade do século XXI. Finalmente vou abordar o tema do lúdico, demonstrando o seu papel na vida das crianças e explicitarei porque o lúdico é uma boa estratégia para se visitar um museu.

#### **1.1- EDUCAÇÃO DE ADULTOS – PERTINÊNCIA NOS DIAS DE HOJE**

A educação de adultos desenvolveu-se a partir de 1792, com a Revolução Francesa no seguimento da filosofia das luzes e consolidando-se durante o século XIX e início do século XX. Durante este período a educação de adultos teve como base iniciativas não estatais de origem popular (política, sindical e associativa) e surge associada ao movimento operário, vital na educação popular. Por outro lado o processo de formação e consolidação dos sistemas escolares nacionais gerou modalidades de ensino de segunda oportunidade.

A educação de adultos teve uma forte reorientação após a II Guerra Mundial assistindo-se a um “ (...) crescimento exponencial da oferta educativa” (Canário, 1999).

No seguimento do que foi dito e de acordo com a conferência da UNESCO em Nairobi em 1976, a educação de adultos é definida como:

*“a totalidade dos processos organizados de educação, qualquer que seja o conteúdo, o nível ou o método, quer sejam formais ou não formais, quer prolonguem ou substituam a educação inicial ministrada nas escolas e nas universidades, e sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais as pessoas consideradas como adultos pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação, e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspectiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no desenvolvimento social, económico e cultural equilibrado e independente.”*

Em Portugal em 1991, como refere Canário (2000:58) a taxa de analfabetismo do nosso país era a mais alta da Europa e situava-se nos 12%. É neste sentido que a educação de adultos ganha ânimo e importância acrescida no nosso país. A educação de adultos em Portugal, teve o seu momento forte após o 25 de Abril (74-76), desenvolvendo-se sobretudo com o associativismo e o carácter popular (Canário; 2000:58), apoiando e desenvolvendo iniciativas de base. Este tipo de educação visava a articulação entre a educação, a construção de uma consciência cívica e os processos de desenvolvimento local.

Nos anos 80 foi criado um plano nacional de alfabetização de adultos (PNAEBA) que retomava alguns dos princípios de Paulo Freire. No entanto, foi também nos anos 80 e 90 que a sua desvalorização cresce, por parte da política educativa, desfragmentando e desarticulando este sector.

Nos anos 90, foi criado em Portugal o programa PRODEP (Programa de Desenvolvimento da Educação de Adultos em Portugal) que visava a promoção da escolaridade obrigatória e a inserção social, a redução das taxas de analfabetismo e a modernização da economia, através da qualificação da mão-de-obra.

Actualmente a entidade responsável pela formação e educação de adultos designa-se ANQ e tem por missão coordenar a execução das políticas de educação e formação profissional de jovens e adultos e assegurar o desenvolvimento e a gestão do sistema de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC).

#### **1.1.1 - Educação de Adultos e Educação de Crianças – Que Relação?**

Para iniciar esta caminhada pelo interior dos museus e da animação sócio-cultural, talvez seja oportuno começar por explicar como se relacionam com área de formação de adultos. A formação de adultos é um campo de estudo que abrange, tanto a formação profissional contínua como o desenvolvimento local e a animação sócio-cultural. Neste trabalho o campo que terá mais interesse desenvolver é o da animação.

A educação e a formação de adultos e crianças nem sempre foram aceites e ainda há quem não aceite esta concepção, de que se relacionam, hoje em dia.

A oferta educativa para adultos que marcou o pós II Guerra Mundial, pautou-se sobretudo pelas metodologias, modalidades e técnicas que eram utilizadas na educação de crianças, - oferta directiva, que partia do princípio que o adulto não sabia nada e que desvalorizava os conhecimentos que tinham, tal como acontecia com as crianças.

Num segundo momento, a partir dos anos 60, com a emergência de práticas de andragogia, procura-se a identidade deste tipo de educação que trazia uma visão crítica da forma escolar. (Canário. 1999:135).

O terceiro momento, como refere Canário, (1999:24) é marcado por um esforço para ultrapassar esta contraposição, entre a educação de crianças e adultos, construindo um corpo teórico unificado, que possa ser utilizado nos diversos processos educativos, tanto na diversidade de contextos como na diversidade de públicos. Esta fase corresponde então a uma fase de síntese, onde é necessário combinar três elementos fundamentais de ruptura: a universalidade de métodos e conteúdos que conduz à standardização e à produção em série de processos de formação, o fechamento da instituição escolar sobre si mesma restringindo a reflexão sobre o processo educativo ao que é pedagógico e a

representação do campo pedagógico como uma relação do educador com o aluno, baseada na assimetria de saber e poder.

A educação formal tem dominado os debates, as políticas educativas e o pensamento político, pois até há pouco tempo considerava-se que só a escola é que educava para uma sociedade mais desenvolvida. No entanto, cada vez mais se tem vindo a verificar uma valorização da educação não formal, que se dá por exemplo no Museu da Água, pois um museu é um espaço de aprendizagem tanto pessoal como colectiva pois existe troca de experiências e aprendizagens. Um indivíduo quando visita um museu, pode não ter como principal objectivo a educação ou a aprendizagem, no entanto é algo que está intrínseco, e quando se visita a exposição de um museu, inevitavelmente, algum tema ou objecto irá ficar mais presente e aprende-se algo mais que não se sabia sobre um determinado assunto. A valorização da educação não formal de que se fala torna-se importante, pois para muitos adultos pouco escolarizados é a única via para adquirir conhecimentos e aprendizagens, seja por razões culturais, económicas ou até mesmo geográficas. Assim, a educação não formal é a via que motiva os adultos para a aprendizagem.

Quando realizava visita guiadas a adultos que vinham inseridos em grupos de formação ou a idosos notava-se um grande aproveitamento das temáticas que se tratavam. A água é um tema que pode ser desenvolvido de várias formas e apesar de todas as pessoas saberem algo sobre ele, existem determinados termos técnicos ou informações que não são de fácil acesso, como por exemplo, saber qual o processo por que a água passa para ser tratada antes de ser distribuída para as habitações, saber qual a percentagem de água que é retirada do rio Zêzere ou saber quantos dias a água demora a chegar a Lisboa desde a barragem de Castelo de Bode. Se não fosse através de uma visita ao Museu da Água estes formandos, muito provavelmente, não teriam estes conhecimentos e teriam menos acesso à informação.

A educação permanente, e que se desenvolve no Museu da Água, pretende criar condições para a igualdade de oportunidades no que se refere ao desenvolvimento pessoal, à criatividade e à expressão não competitiva, com o objectivo de melhorar a qualidade de vida de um determinado grupo.

É neste sentido que é tão importante que os museus estejam abertos a receber todos os tipos de públicos e se afirmem constantemente como uma forma de aprendizagem e de instituição não formal que contribui para a formação constante dos indivíduos, ou seja, para a educação permanente.

Concluindo, o principal contributo da andragogia foi encorajar práticas de educação alternativas que permitem um enriquecimento e a separação da forma escolar. Com o afastamento das “produções industriais”, podemos compreender a singularidade de cada situação educativa e tentar articular o pedagógico e o institucional, para criar um processo pedagógico único e contínuo, que se constrói socialmente, ao longo da vida. (Canário, 1999:24).

#### **1.1.2 - Educação Não Formal**

Para podermos chegar à animação sócio-cultural convém explicitar o que significa a educação não formal, pois é aqui que se insere o tipo de educação que se dá dentro de um museu e que se pretende descrever neste trabalho. “ Pode falar-se de educação não formal sempre que a organização de uma actividade social (produtiva, cultural, desportiva, associativa, ...) tem em conta uma intenção educativa facilitadora da aprendizagem de conhecimento e competências identificáveis.” (Canário. 1999)

A educação formal ocorre em instituições de ensino e conduz a diplomas e qualificações reconhecidas. A educação não formal, por sua vez, ocorre em simultâneo com a educação formal e não conduz, necessariamente, a diplomas nem a uma qualificação.

A aprendizagem não formal, pode ocorrer tanto no local de trabalho como em grupos organizados de pessoas, associações. Pode também ser ministrada através da organização ou serviços criados como complemento ao sistema tradicional. É neste tipo de educação que se inserem as visitas guiadas e as actividades/jogos que realizei no MDA e como se pode verificar mais à frente neste relatório, as visitas guiadas realizadas aparecem normalmente como um complemento ao que é leccionado na sala de aula.

As visitas e as actividades obedecem a uma determinada estrutura que pode ser condicionada pela disciplina porque os alunos vão a um museu. Se é uma disciplina de História que se desloca ao Museu da Água então a ênfase será dada sobretudo à história do abastecimento de água à cidade de Lisboa. Se for a disciplina de Ciências da Natureza então dá-se mais relevo aos aspectos científicos como o ciclo da água, as suas características e ao tratamento pelo qual passa.

A educação informal acontece naturalmente no quotidiano e não tem necessariamente que ser intencional, não tendo, portanto, que ser reconhecida pelos próprios indivíduos como enriquecimento dos seus conhecimentos e aptidões.

Nas visitas guiadas que realizava tentava com que existisse uma separação entre a escola e o museu, não em termos de conteúdos mas em termos de postura. No entanto, este foi um aspecto difícil pois muitos professores não distinguem o espaço em que estão e diziam aos alunos que se mantivessem calados, que não fizessem tantas perguntas. Este tipo de comentários não eram adequados, pois pretendia que os alunos me questionassem e me colocassem dúvidas para que o tema ficasse consolidado.

A educação não formal, de uma forma geral, pode ser distinguida em duas abordagens: uma estruturada que não conduz à certificação e a formação implícita numa actividade social. As visitas guiadas, no entanto, podem corresponder a ambas. As visitas são algo estruturado, organizado, com um determinado objectivo e adequado a um determinado público sem, no entanto, conduzir a uma certificação reconhecida. Todavia considero que são uma actividade social em que a formação está implícita, pois uma visita escolar a um museu tem um objectivo concreto que é o de aprender mais sobre um determinado tema e existe uma relação com uma instituição social.

A educação não formal tem algumas características, as quais penso ser importante apontar. Mesmo que a educação não formal seja realizada numa instituição, a instituição não é um estabelecimento de ensino. Tem objectivos, sobretudo, sociais e de dotar de competências o público-alvo que frequenta este tipo de instituição. As actividades estão adequadas aos participantes das visitas, adaptadas aos seus interesses e aos que estão a

trabalhar naquele momento na escola, de modo a que haja uma relação entre os vários tipos de educação e estas se possam complementar (Aymon. 2007:15).

Este tipo de educação mobiliza o grupo turma, no seu todo, contribuindo, assim, todos e cada um para as aprendizagens, facilita a socialização, o espírito de equipa e a ligação ao local onde estão (MDA). As actividades/jogos realizados permitem aprendizagens que são, desde logo, percepcionadas pelos alunos. Estas actividades/jogos são organizadas segundo competências e saberes, que eles foram adquirindo ao longo da visita e podem ser imediatamente utilizadas e transferíveis.(Aymon. 2007:16)

Estas visitas e actividades permitem a tomada de consciência e consequentemente a mudança de atitude e conseguem motivar os participantes da visita ou actividade para qualquer aprendizagem, seja de educação não formal ou formal.

Existe a necessidade de fomentar a articulação entre a educação formal e a não formal, e este aspecto é trabalhado no MDA, pois o museu trabalha em articulação com a escola, ou seja, tem em conta os programas curriculares, as temáticas trabalhadas e os interesses da escola, por exemplo, num tema que é tratado agora com muita frequência, que é o ambiente e a necessidade de poupança de água.

Por vezes, a frequência de actividades de educação não formal permite motivar mais os alunos e promover um maior interesse em aprender. No MDA notava isto em muitas visitas em que as crianças revelavam muito interesse nas temáticas tratadas, apenas porque não estavam na escola, dentro de uma sala de aula, com um professor, como habitualmente. Este tipo de comportamento faz-nos entender (aos animadores que utilizam a educação não formal como estratégia) que as aprendizagens podem ser transmitidas muito mais facilmente e de uma forma muito agradável e divertida, tornando-se mais sólidas e permanentes do que a escola nos faz acreditar.

Uma das estratégias utilizadas nas visitas guiadas era o facto de perguntar se os alunos tinham dúvidas ou queriam que eu explicasse alguma coisa de novo, para que eles pudessem entender o resto da visita. Este tipo de estratégia faz com que a visita se baseie nas necessidades/dúvidas que os alunos tinham, tornando a visita mais interessante conseguindo captar a atenção dos alunos e tornar a visita numa espécie de



síntese, do que era ensinado na escola. A aprendizagem dos alunos é mais sólida, porque eles podem mostrar o tipo de experiência que têm nesta matéria, dizendo, por exemplo, como é que poupam água em casa e se não o fazem ensinam-se formas de o fazer. Com a utilização das suas próprias experiências, dos seus adquiridos, dão-se mais aprendizagens colectivas, através da partilha entre pares, que se tornam naturais para os alunos que participam nas visitas.

### **1.1.3 - Animação Sócio-Cultural**

Pela etimologia (greco-latina) da palavra animação, como nos diz Canastra (s/d:1) podemos distinguir dois sentidos distintos: “anima”, que significa vida, sentido e o outro sentido “animus” que nos reporta a movimento, dinamismo. Estas duas concepções vão ser apropriadas em contextos distintos e com objectivos diferentes ao longo da história. No entanto, hoje em dia, se tivermos em conta ambos os significados podemos perceber que a cultura traduz um pouco de ambos (vida, sentido; movimento e dinamismo).

Uma das razões porque existe animação “sócio-cultural” é pelo facto de as pessoas estarem constantemente em articulação com uma sociedade, comunidade ou cultura e à qual criam sentimentos de pertença.

Historicamente, a animação sócio-cultural tem raízes na educação popular, que se desenvolveu com a Revolução Francesa e com a sociedade industrial no século XIX, assumindo uma função paliativa dos problemas sociais e culturais decorrentes do processo de urbanização e industrialização. Já no século XX, nos anos 50-60 a animação continua a ser muito associada à educação de base popular. Apelava a um ideal educativo baseado numa pedagogia dos tempos livres, num ambiente de voluntariado e recriando movimentos associativos de dinamização e recriação social. Nesta época os animadores eram voluntários que poderiam ser laicos ou católicos. Nos anos seguintes, 60-70, começou a valorizar-se a profissionalização e ganhou relevo o papel do técnico na intervenção social.

Mais tarde, a animação passou a estar enquadrada nas políticas sociais e educativas, a partir do desenvolvimento de programas para o acesso à cultura para todos. Nesta altura

massificou-se também o acesso à cultura, (que antes era apenas destinado para as elites), existindo desta forma, uma maior democratização cultural. (Canastra.S/d:2)

Nas décadas, seguintes, de 80-90, configurou-se um quadro de formação específica para os técnicos, que ficaram comumente conhecidos como técnicos de animação sócio-cultural. Foi um dos melhores períodos para a animação sócio-cultural pois reconhecia-se a sua função social e a qualificação como acesso à categoria profissional. É também nesta época que a animação começa a ser percepcionada como um programa de intervenção social que atravessa vários factores, incluindo a educação de adultos (Canastra. S/d:3).

Em meados dos anos 90 a animação sócio-cultural é vista de várias frentes: animação social (desenvolvimento comunitário e local); animação cultural (gestão cultural) e ainda engenharia social (cultura urbana) (Canastra. S/d:3). Este último está relacionado com a forte cultura do lazer e a criação dos novos espaços urbanos.

A animação sócio-cultural, passa pelo reconhecimento do carácter educativo da experiência vivida em contextos sociais muito diversos entre si, mas tendo em comum o facto de serem exteriores ao universo escolar. (Nóvoa, 1999:7).

Enquanto a educação se associou intimamente à dimensão formal e mais tarde à instituição escolar, a animação surge mais ligada a preocupações sociais, culturais e de desenvolvimento comunitário. Como nos diz Canário (1999:71) a animação sócio-cultural é um fenómeno muito recente em termos sociais e educativos, na dimensão e configuração actuais, surgindo na segunda metade do século XX. Hoje em dia, considera-se que a animação tem determinadas funções, como a função de adaptação e integração, a função recreativa, a função ortopédica, a função crítica e a função educativa. É nesta última que me vou concentrar neste trabalho, pois o museu utiliza a animação como estratégia fundamental para aprofundar matérias leccionadas nas aulas e determinados interesses culturais dos alunos.

A animação promove a articulação entre modalidades educativas formais e não formais e entre as actividades escolares e não escolares. Este conceito é entendido como estruturante de uma determinada comunidade, pois surge associada a um objecto e a um

sujeito. A animação reclama uma maior autonomia e participação nas actividades não formais e informais que realiza e produz efeitos educativos muito elevados, que correspondem à maior fatia das aprendizagens realizadas pelos indivíduos. No final de cada visita guiada confirmava-se esta afirmação, pois quando se faziam jogos que incluíam perguntas os alunos acertavam na maioria das respostas.

No meu ponto de vista, os museus são óptimos locais para adaptar a animação sócio-cultural, uma vez que não são uma instituição formal como a escola, mas sim uma instituição onde os conhecimentos transmitidos dão uso aos conceitos de educação não formal e informal, utilizando-se muitas vezes a própria experiência da criança, valorizando-a, para explicar determinados fenómenos ou conceitos, favorecendo as suas aprendizagens. Quintana (1993) refere que a animação sócio-cultural é uma actuação intencional para transformar as atitudes individuais e colectivas mediante a prática de actividades sociais, culturais e lúdicas realizadas de um modo participativo.

A animação sócio-cultural, segundo Canastra (s/d) pode ser vista actualmente, como desenvolvimento comunitário, que traduz uma capacidade geradora de auto-organização e de auto-gestão social por parte de uma determinada comunidade, população ou região, no qual se articulam processos de dinamização, recriação e difusão de actividades culturais e artísticas que se relacionam com a nova engenharia social, a partir da promoção e gestão de novos espaços urbanos de proximidade

A animação sócio-cultural recorre a metodologias activas, visto que tem o objectivo de contribuir para o desenvolvimento do sujeito no seu todo, mas sem obrigar à sua participação. Assim se pode notar que a animação sócio-cultural se distancia largamente da educação formal prevista pela instituição escola. No entanto, a animação sócio-cultural tem organização, pois o animador (para o Museu da Água a designação correcta é a de educadores e não animadores) deve delinear os objectivos da acção/actividade para poder cumprir o que pretende. Este era um aspecto muito importante no meu projecto pois todas as actividades e visitas tinham um objectivo a de explicar os conceitos relacionados com os temas que se desenvolviam, a água e a história do abastecimento de água à cidade de Lisboa e proporcionar aprendizagens e

comportamentos permanentes, como por exemplo o incentivando os alunos a poupar água.

O animador deve ter em conta os interesses e as necessidades do público para o qual irá realizar a actividade, sendo por isso importante ter alguma capacidade de improviso e não aplicar apenas o que já foi testado nem apenas o que está pré-feito, visto que o resultado nunca é igual, variando consoante os grupos. Este era um aspecto importante, pois quando se iniciava a visita conseguia perceber à partida o seu comportamento e o nível de conhecimentos e a partir deste ponto podia adaptar a linguagem a utilizar, as experiências a realizar, os jogos e seleccionar que temas podia desenvolver mais.

A animação sócio-cultural pode ser descrita como animação social, animação educativa e animação cultural. Se a animação social pretende ajudar a melhorar o empowerment de uma dada população, utilizando como recurso o trabalho social e educativo nas comunidades locais promovendo o auto-desenvolvimento e a auto-suficiência social, uma cultura de participação democrática e optimizando práticas de emancipação social numa óptica crítica e transformadora; a animação educativa prende-se mais com o trabalho sócio educativo que se presta na comunidade, como por exemplo, nos museus. Este tipo de trabalho visa promover a mediação entre os técnicos do serviço educativo (ou semelhante) e as pessoas que utilizam determinado serviço, melhorando a qualidade do serviço público, e promovendo uma cidadania activa de responsabilidade social e pessoal.

A animação sócio-educativa está presente no meu projecto de estágio pois pretendia não apenas transmitir informações sobre o museu, mas também formar as crianças e jovens como cidadãos cívicos e conscientes dos problemas ambientais com que nos deparamos actualmente cumprindo assim o objectivo de educar para uma sociedade mais justa e mais igualitária. Este tipo de animação utiliza uma dinâmica de aprendizagem ao longo da vida, promovendo a autoformação de cada sujeito, uma vez que este tipo aprendizagem não se esgota na visita ao Museu da Água, sendo algo que vai acontecer em muitas esferas da vida de cada sujeito.

A animação cultural (turística, artística, desportiva, urbana, virtual), por sua vez, relaciona-se com a gestão sócio-cultural e de espaços urbanos. Este sector da animação enquadra-se nas políticas sociais e culturais que preconizam uma difusão, gestão e dinamização da cultura urbana e serviços acessíveis a toda a comunidade. (Canastra. s/d:5).

Ainda dentro da animação sócio-cultural podemos encontrar a animação infantil, que se define pela criação e experimentação de coisas e onde as actividades devem promover o espírito de grupo nas crianças e a sua socialização, tendo sempre implícito um objectivo educativo e pedagógico. Desta forma a utilização dos métodos activos, que propiciem a criatividade, o espaço e a liberdade é fundamental na animação sócio-cultural, para promover a participação de todas as crianças. Este aspecto era importante e foi sempre uma forte preocupação da minha parte na realização do meu projecto, a de promover a criatividade e dar espaço para que as crianças pudessem partilhar as experiências com os colegas e tentei, em todas as visitas, fazer uma explicação e actividades interessantes para que as crianças, quando ouvirem falar num museu, fiquem com vontade de o visitar e de participar nas actividades.

No Museu da Água, museu de história onde se narra o abastecimento de água desde os romanos até aos nossos dias, as actividades estão limitadas à partida pelo *objecto* que o museu tem para oferecer ao ensino pré-escolar e 1º ciclo.

Durante a visita propus utilizar a metodologia de trabalho de projecto, começando sempre com um problema/questão, para colocar as crianças à vontade e para que elas se sentissem activas nas suas aprendizagens, valorizando os conhecimentos e as suas experiências e mostrando que todos são capazes de aprender. É neste sentido que o projecto foi construído, deixando espaço às crianças para aprenderem o que mais fizer sentido para elas e não impondo conhecimentos e informações como é típico da instituição escola.

A escola não dá espaço para que determinadas aprendizagens aconteçam, por isso surge o conceito de educação não formal, que designa práticas mutáveis, que se modificam e adaptam facilmente. O museu é um local organizado, com actividades sistematizadas e

educativas que facilitam as aprendizagens que muitas vezes são difíceis de adquirir na sala de aula.

A educação não formal caracteriza-se fundamentalmente pelo seu currículo flexível, no que diz respeito às suas matérias e conteúdos; pela sua prática ser mais virada para o fazer, experimentar; por incorporar o lúdico nas suas práticas, de acordo com o público-alvo; pelos resultados de aprendizagem, que são mais conscientes; e pela intencionalidade dos seus actos, ou seja, tem objectivos e metodologias específicas para realizar uma determinada acção. Desta forma as actividades realizadas nesta lógica não têm uma programação rígida mas sim adaptável. O conceito de educação não formal, de acordo com Trilla (2003), é a educação que tem lugar nas instituições, actividades, meios e âmbitos de educação, que não sendo escolares foram expressamente criados para satisfazer determinados objectivos educativos. Um exemplo disso mesmo é o projecto que realizei no Museu da Água onde se pretende, sobretudo para com os mais pequenos, educar e sensibilizar a adopção de novas atitudes para com a água e com o meio ambiente.

A educação não é uma tarefa exclusiva da escola, significa muito mais do que simplesmente instruir e não existe uma idade própria ou específica para se ensinar. A educação enfrenta novos desafios e exigências, assume novas responsabilidades e tarefas na sociedade actual.

A educação informal também está presente no espaço museu e caracteriza-se pela educação que ocorre a todo o momento, (mesmo que não tenhamos consciência que estamos a adquirir conhecimentos), influenciando os comportamentos, as atitudes e o discernimento da realidade mediante as experiências do quotidiano e a relação com o meio ambiente. No entanto, pode dizer-se que a visita a um museu, é uma prática não formal, que complementa a educação formal - a escola -, pois tem uma finalidade, sistematizar conhecimentos ou introduzir novos elementos, que serão depois trabalhados na sala de aula.

Como espaço de educação informal, o museu é chamado a contribuir para a educação permanente ou ao longo da vida, fomentando as aprendizagens, o pensamento crítico e o

desenvolvimento pessoal de cada um dos visitantes, favorecendo o estabelecimento de estruturas e métodos que ajudem o ser humano, ao longo da sua existência, a prosseguir a aprendizagem e a formação; e equipar o indivíduo para que ele se torne o mais possível, o agente e o instrumento do seu próprio desenvolvimento.

## **1.2 - BREVE RESENHA DE MUSEOLOGIA DOS ÚLTIMOS 50 ANOS**

Neste ponto farei uma breve resenha histórica sobre o panorama museológico, desde os anos 50 até aos dias de hoje para se perceber como se veio parar a esta função fundamental que é a educação dentro dos museus e perceber porque existe esta preocupação. Para isso utilizo como base os textos dos encontros realizados a partir dos anos 50 para discutir quais as principais funções dos museus.

Desde os anos 50 que uma das principais preocupações dos museus se prende com a actividade educativa. A ênfase é colocada na educação formal e entende-se o museu como extensão da escola, enfatiza-se o carácter didáctico da exposição e pesquisam-se alternativas de comunicação da exposição com o público. Só mais tarde é que o pensamento de Paulo Freire vai mudar este conceito e modificar as prioridades dos museus, intensificando o carácter social da instituição (Primo. 1999).

Já nos anos 70, no encontro realizado no Chile, (Primo. 1999:3) define-se uma nova acção para os museus. A ideia de Museu Integral, em que o museu passa a ser entendido como um “instrumento de mudança social” enquanto instrumento para o desenvolvimento, tanto dos indivíduos, como das comunidades. O museu assume uma função social, sendo o seu papel preponderante na educação da comunidade. Começa a interpretar-se um museu como um local interdisciplinar em que a educação permanente ganha relevo, pois considera-se que o museu pode intervir nos problemas da comunidade e entende-se o profissional de museologia, como um actor político e social.

Pensa-se no museu como um agente de transformação social, discutindo-se o papel do museu na sociedade. A educação ganha relevo discutindo-se a introdução de novas correntes de pensamento pedagógicas. Surge uma visão mais cuidada sobre os processos pedagógicos e a sua adequação e aplicação no contexto museológico. A partir deste momento introduziram-se no panorama museológico algumas das ideias de Paulo

Freire, como por exemplo, a relação educador - educando é feita na horizontal, ou seja, os homens educam-se em comunhão, a partir da reflexão e do diálogo. (Primo. 1999).

A teoria da acção educativa dialógica baseia-se na colaboração e “compreende o homem como um sujeito participativo, que na colaboração com os outros indivíduos consegue perceber criticamente a realidade, procurando fundamentar-se no diálogo, na criatividade e reflexão crítica”. Este é um pensar mais democrático da educação. Os anos 70, e este encontro na América do Sul, para rever a actuação dos museus, revolucionaram a visão da educação dentro dos museus e a forma como se percebe a instituição Museu.

Já nos anos 80, no Quebec, continua a afirmar-se que o museu deve servir as várias disciplinas, utilizando e promovendo a interdisciplinaridade, e excluir o saber isolado e redutor sobre um determinado tema. A investigação e a interpretação ganham relevo, para promover o desenvolvimento comunitário e preservar memórias das civilizações passadas.

Na declaração de Oaxtepec, no México em 1984, (Primo. 1999:5) fortifica-se uma nova relação: território - património - comunidade, promovendo mais um vez a participação comunitária e o seu consequente desenvolvimento. A ideia de património cultural passa a fazer parte integrante da realidade e existe uma relação cada vez mais próxima entre os museus e os vários problemas sociais, económicos e políticos da sociedade em que cada museu se insere. Os museus são um dos caminhos para promover o desenvolvimento da sociedade e da comunidade, mais especificamente.

Estes últimos encontros marcaram a diferença entre a museologia tradicional e a nova museologia, pois se a primeira exercia uma função de educação formal, a segunda era exercida dentro do território e trabalhava a museologia e o património com a participação da comunidade.

Em Caracas, em 1992, reafirma-se e redefine-se o conceito de o museu se encontrar inserido numa comunidade e fazendo parte integrante dela, fazendo propostas que sejam do interesse da comunidade.



*“...Os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interacção da comunidade com o processo e com os produtos culturais.”* (Declaração de Caracas, 1992 in Primo. 1999).

Como se pode ver pela descrição realizada, a função educativa está intrinsecamente ligada aos museus e a função social foi uma crescente preocupação ao longo dos anos. Todas estas declarações trouxeram alguns novos pressupostos e introduziram mudanças.

A grande mudança é que o museu passa a actuar como uma via de comunicação com a sociedade e a comunidade em que se insere e reforça o papel de agente socializador.

Já em 1995, o ICOM – Conselho Internacional de Museologia, dá a seguinte definição de museu: “uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que realiza investigações que dizem respeito aos testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, adquire as mesmos, conserva-os, transmite-os e expõe-nos especialmente com intenções de estudo, de educação e deleite.” (ICOM. 1995)

### **1.2.2 - Os Museus e a Educação**

De acordo com a lei nº 47/2004 de 19 de Agosto, artigo 3º, *um museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a)garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.*

O conceito de educação é muito abrangente e abarca nele todas as situações porque os sujeitos passam ao longo de toda a vida. A educação é transmitida por múltiplos agentes como a escola, a família, o emprego ou os grupos de amigos. É um processo que se constrói ao longo da vida, na relação com os outros, na experiências e vivências que

cada sujeito adquire bem como no significado que atribui a cada uma dessas experiências. A educação é espontânea e não formal, (é intrínseco) ao ser humano. Faz-se de aprendizagens de matérias dadas na escola mas também da aprendizagem de comportamentos e atitudes para uma boa socialização com os outros na sociedade. A educação visa o desenvolvimento social, pessoal, emocional, físico e psicológico do indivíduo.

Mas afinal como se relacionam estes dois conceitos, *museus e educação*?

Já em 1974, o ICOM (Comité Internacional de Museus) definia o museu como sendo uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que adquire, conserva, comunica e apresenta com fins de estudo, educação e deleite, testemunhos materiais do homem e do seu meio (Mendes, 2003:3). Ainda na lei citada anteriormente, no artigo 42º, se pode ver uma secção dedicada à educação na qual refere que: *1) o museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais, 2) o museu promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação na comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos.*

Nas últimas décadas, a função que mais se tem destacado dentro dos museus é a função educativa, uma vez que existem muitas possibilidades dentro de um museu, sendo considerados instituições de educação, pois é também uma forma de a instituição continuar viva, actualizada e inovadora.

É, relativamente, actual a ideia de que todas as pessoas podem visitar um museu, pois até ao século passado, o museu era considerado um local de cultura para elites. Só visitava um museu, quem já era especialista num determinado assunto. Apenas a partir dos anos 60 a acção educativa dos museus passa a ser alvo de estudo e reflexão, concebendo o museu como um espaço pedagógico autónomo.

Também em 1974, nos EUA foi publicada uma lei reconhecendo que:

«1. os museus servem como fontes para as escolas, ao providenciarem educação às crianças;

2. os museus fornecem serviços educativos, de vários géneros, a diversas agências e instituições de educação superior;
3. as despesas dos serviços educativos fornecidos pelos museus é, por vezes, suportada por agências e instituições de educação, atendendo às vantagens das fontes disponibilizadas pelos museus» (Mendes, 2003:4).

“O museu é uma instituição cultural intrinsecamente educativa, o que não significa que tudo o que realiza seja expressamente pedagógico [...]. Assim, o museu converte-se num instrumento de aprendizagem, em benefício dos alunos, cujo maior ou menor grau de êxito dependerá fundamentalmente do museu e dos professores” (Mendes, 2003:4).

O museu deve ser um parceiro imprescindível dos programas educativos, para que exista uma maior diversificação e estruturação do ensino. Tanto para a escola como para o museu existem ganhos se ambos cooperarem, prestando ajuda técnica, o simples facto de se dar a conhecer à escola, a dar a conhecer o seu objecto. No entanto, não se pretende aqui afirmar que a escola tem o papel primordial na ajuda educativa ao museu.

Devem ter algo em comum, sendo as duas instituições, meios ao serviço de um fim, que é a educação ambiental e ecológica é fundamental, e é uma das coisas que o Museu da Água se propõe a fazer criando relações de proximidade com os jovens na abordagem deste tema.

Numa noção mais ampla, como a de “pedagogia alargada” (APOM. 1976), podemos afirmar que os museus têm um papel a desempenhar na educação permanente. O museu deve prestar-se a colaborar não apenas com as escolas, mas também com os pais, os alunos, as instituições interessadas e a comunidade em geral, fomentando a imaginação de todos para que exerçam de forma mais consciente os seus direitos, liberdades e que cumpram as suas funções na sociedade.

A educação nos museus pode servir como fonte de experiência e aprendizagem, não apenas para os públicos escolares, mas para qualquer pessoa que esteja interessada. Nos últimos tempos tem-se desenvolvido o conceito de *experiência museal*. Este conceito define toda a aprendizagem, emoções, sensações e vivências experimentadas, que são

passíveis de acontecer num museu, que resultam da interacção com os objectos, as ideias, os conceitos, as pessoas e os espaços dos museus. A experiência museal é moldada através de três elementos fundamentais: o pessoal, o social e o físico. (Silva, 2007: 58).

É pela experiência museal que o sujeito constrói a experiência que irá perdurar na sua memória, mesmo que seja apenas a recordação de um determinado espaço, obra ou objecto. Nas visitas guiadas pode dizer-se o elemento pessoal é o que os alunos interiorizam de acordo com o que sabem e com o que vão aprendendo ao longo da vida, o elemento social é a socialização com os colegas, os professores e a guia do museu e o elemento físico são os objectos que os alunos vêem e o próprio museu em si.

A experiência museal adquirida numa visita depende do que o museu pode oferecer a cada um dos visitantes, se faz sentido para as suas vivências e experiências, se corresponde aos interesses de cada sujeito se complementa informações já adquiridas sobre o tema ou se é um tema completamente novo.

A experiência museal de cada pessoa aplica-se aos processos de aprendizagem contínua dentro do museu. Existem algumas vantagens das experiências que se dão dentro de um museu. O facto de existirem objectos permite que exista experiência multissensorial e vivencial proporcionada pelo próprio ambiente. A realidade de um museu faz com que a aprendizagem seja complexa, duradoura e enriquecedora para os visitantes.

A experiência deve ser entendida como um todo – aprendizagens, emoções, sensações e vivências, que resultam da interacção com os objectos, as ideias, os conceitos, os discursos e os próprios espaços dos museus e a experiência é moldada por três contextos: o contexto pessoal, social e físico. Estas experiências vão construir a memória que irá ficar para o indivíduo e elas resultam do que as pessoas trazem na sua *bagagem*, do que o museu lhe pode oferecer e da articulação que fazem com as experiências que já têm. Os sujeitos são activos na construção e interpretação do seu próprio conhecimento (Silva. 2007: 59) tendo em conta o seu historial, a sua vida, as suas competências e a sua motivação pessoal. O que o museu e o educador têm que fazer é criar ambientes e espaços favoráveis para que essa interiorização e as

aprendizagens sejam facilitadas. O educador surge como um mediador e facilitador de aprendizagens e não como fonte única de saber. A aprendizagem é um processo activo que resulta da assimilação de conteúdos e da relação que o indivíduo faz com os anteriores (Silva. 2007:60).

Também condicionam a experiência museal factores como: o espaço arquitectónico, os profissionais que trabalham no museu, na disponibilização de visitas ou actividades, o design expositivo, a informação e a sinalização disponíveis, os espaços de lazer e até a loja.

Existem dois elementos muito importantes nas visitas aos museus: a novidade e a descoberta e ambos fazem parte integrante da visita. Estes comportamentos verificam-se no reconhecimento dos locais, dos objectos, dos ambientes novos. Quando as crianças são deixadas à vontade dentro do MDA, a interacção social com o meio é a primeira a manifestar-se através de comportamentos como o correr pelo espaço, a exploração dos objectos e do ambiente, tendo em conta os seus interesses e motivação e dispõem muito mais tempo no que corresponde ao seu interesse do que às informações que estão expostas. Este é um processo de reconhecimento, como refere Silva (2007: 60) que é motivado pela necessidade de segurança, orientação e familiarização com o espaço envolvente. Estes comportamentos são potenciados pela novidade, que motiva as aprendizagens, obrigando os visitantes a descobrirem e a acomodar nova informação.

No entanto, se for em excesso também pode inibir as aprendizagens e causar falta de concentração para que as crianças possam resolver os problemas que são colocados ao longo da visita, perturbando, como consequência o funcionamento normal da visita.

Estas experiências museais, que ocorrem, naturalmente, com cada criança ou adulto, quando visitam um museu dependem também dos serviços educativos, das actividades que promove e que realiza com os visitantes.

Nota-se hoje em dia uma maior preocupação por parte dos museus em alargar a oferta de actividades a vários públicos, no entanto, aquele que necessita de uma maior preparação são as escolas, absorvendo uma parte significativa da actividade normal dos museus. Esta é uma situação que acontece no Museu da Água. A partir do início do ano

lectivo começam as marcações de visitas para os públicos escolares, havendo visitas quase todos os dias da semana, nos vários núcleos do museu.

A educação dentro do museu permite aos alunos uma crescente compreensão da memória da sua comunidade e das restantes e até uma melhor integração na escola, aumentando a consciência cívica e a cidadania activa. Segundo Barca (2003), os museus de Portugal têm feito um enorme esforço para conseguir implementar um serviço educativo, implementando acções pedagógicas dentro do museu, que tal como acontece no Museu da Água, que se dirigem maioritariamente às escolas, de modo a oferecerem experiências que complementem o currículo. Como refere ainda a mesma autora, este tipo de actividades, apesar do mérito, não têm sido correctamente reconhecidas pelas instituições que tutelam o ensino em Portugal, para além de, por vezes, os recursos existentes nos museus e as próprias visitas guiadas não serem devidamente aproveitados pelos professores.

Ter um serviço educativo é visto como um ponto de qualidade, no panorama museológico. No entanto e apesar do esforço, em 1999, os museus com serviço educativos correspondem a apenas 26%, de entre 414 dos inquiridos. (Faria. 2000: 13)

A visita ao museu, como refere Barca (2003), quando é bem aproveitada, produz alguns efeitos positivos nos alunos, como a estimulação da valorização do património cultural e, no caso do Museu da Água, natural, aquisição de uma maior apetência para valorizar o papel do museu na sociedade, incutindo uma maior consciencialização cultural e promoção da cidadania. É na troca de saberes, na partilha de protagonismo entre a educação formal e a educação não formal que se pode construir conhecimento, aludindo-se à experiência e criatividade por parte de todos os que estão inseridos neste processo e neste contexto.

A animação sócio-cultural tem como pólos, onde se pode aplicar, o museu, a escola e a comunidade. Por sua vez, a educação patrimonial (que se utiliza dentro de um museu) é um óptimo meio para utilizar esta estratégia, educando as pessoas e sensibilizando-as para a valorização do património. O público que se dirige aos museus, fá-lo por duas razões fundamentais: pela educação e pela animação/entretenimento. É por esta razão

que o museu tem que se constituir como uma instituição activa, interveniente e mobilizadora, na comunidade onde está inserida.

O museu tem, como já foi referido, uma relação privilegiada com a escola e nesta relação tem também alguns objectivos, como preservar e animar o património comum, debater problemas que afectem o mundo contemporâneo, bem como o país e a região onde o museu se insere, realizar projectos comunitários com a comunidade/região envolvente e estar atento aos movimentos vanguardistas, tanto em matéria de investigação como na arte.

Os museus são locais sociais onde existe uma cultura própria, particular. Na museologia existem algumas estratégias pedagógicas que permitem que se interprete melhor um determinado objecto, promovendo a comunicação de uma dada exposição.

Quem utiliza mais estas estratégias são as escolas através da realização de visitas de estudo, existindo uma relação de cumplicidade e de facilitação entre as duas instituições criando-se novos objectivos e sensibilizando o público através da transposição didáctica dos conteúdos para os visitantes. Através desta transposição de conteúdos, os mediadores (que trabalham no museu) permitem que os saberes sejam compreendidos por todos os visitantes, tornando-os comunicáveis.

Um dos desafios dos museus é responder às questões e necessidades que as escolas têm, através da realização das visitas guiadas. As visitas guiadas, devem, no meu ponto de vista, cumprir dois objectivos: tratar os temas inseridos no contexto da exposição e do acervo do museu e responder aos interesses das escolas, na visita guiada. No entanto, apesar de relacionarem e de se complementarem, a escola e o museu têm objectivos diferentes. O museu tem como grande objectivo conservar, estudar e expor a sua colecção e os seus objectos, pois as actividades dos museus fundamentam-se nos objectos, no acervo que possui e no seu próprio património. As suas actividades pedagógicas e educativas são feitas em função dos recursos e do acervo disponível do próprio museu. Desta forma a situação pedagógica do museu define-se numa relação tripartida: o visitante – a temática – o mediador/interventor (Santos. 2001). Existe uma relação de apropriação e interiorização do visitante sobre a temática, mas esta relação só

pode ser suportada e transposta pelo mediador, ou seja, o guia do museu que facilita este tipo de interacção.

As técnicas utilizadas pelos museus devem estar de acordo com a educação, com a museologia e devem estar adaptadas aos diferentes contextos e expectativas dos vários grupos com os quais se actua. Desta forma existe uma necessidade constante de actualizar, melhorar, repensar e modificar as estratégias, as actividades, os métodos, as visitas, com a criatividade que deve existir dentro de uma equipa interdisciplinar no museu que realiza um processo constante de reflexão e questionamento da sua acção. Tal como os interesses e as necessidades dos visitantes, também as visitas, as actividades e os projectos têm que ser “temporários”, o que significa que tem que existir uma constante necessidade de adaptação e de renovação. (Santos, 2001:2)

O museu ao renunciar à função educativa, está a renunciar às suas exposições e objecto como forma de aprendizagem, que poderão servir para modificar o comportamento humano, aumentar a sua sensibilidade e afinando a sua visão. (Faria. 2000:17)

### **2.2.2 - Algumas Dificuldades da Missão Educativa dos Museus**

O museu compromete-se hoje em dia a cumprir uma missão educativa que, por vezes, se torna difícil devido à atitude dos professores, ou seja, o contacto das escolas com os museus, é algo circunstancial, a visita é feita uma vez e pensa-se que aquele museu já ficou visto, não havendo necessidade de voltar. É função do museu transmitir aos seus visitantes, neste caso, escolares, a necessidade de voltar para realizar outra actividade, para aprofundar outro tema. (Barca. 2003). No entanto, para que tal aconteça é necessário que a guia consiga cativar o público através da postura e da empatia. É também neste sentido que as visitas ao museu devem ser uma constante, quando na sala de aula se trata de um tema, que poderá ser melhor aproveitado se existir uma visita, uma conversa com um técnico do serviço educativo ou até mesmo consulta de documentos do museu de modo a sintetizar conhecimentos.

A não preparação de uma visita por parte do professor, faz com que os alunos partilhem menos o saber, não gerando aprendizagens muito significativas. O professor é o elemento chave, pois é ele que faz a ponte entre a escola e o museu, que permite o



aprofundamento das aprendizagens e permite a articulação dos vários saberes. Este era um problema recorrente no Museu da Água. Para se introduzir o tema que estávamos a trabalhar, a água, perguntava aos alunos se á tinham falado do tema na escola ou então o que é que sabiam sobre a água. Muitas vezes, quando os questionávamos, os professores respondiam dizendo que era normal não saberem pois ainda não tinham falado na sala de aula.

Como refere Barca (2003) o contacto das crianças/jovens com o museu proporciona um enriquecimento relativamente ao mundo que os rodeia, para além de contribuir para a sua socialização, proporcionando novas formas de estar. No entanto, é preciso que os alunos tenham um contacto prévio com o local que vão visitar e com o tema que se vai aprofundar, pois só assim podem assimilar e interiorizar os conhecimentos transmitidos, para puderem atribuir um sentido ao que ouvem e vêem.

Tal como o museu, a escola também deve ser aberta à comunidade e deve realizar parcerias com outras instituições, para que exista uma contínua comunicação com o meio, incentivando estruturas democráticas de participação activa. O património cultural é um bom instrumento de educação, mas também de promoção social. Os próprios professores devem ser considerados parceiros neste panorama. As escolas e os professores devem trabalhar para que exista uma aprendizagem integrada, participativa e permanente, pois a educação não se esgota na escola sendo fundamental a participação dentro da comunidade.

A educação através do património cultural é uma mais-valia para suportar a acção educativa, pois permite uma visão diferente da que é transmitida na escola e o contacto directo com o passado e com relatos de experiências que permitem aprendizagens mais sólidas. Este processo, como refere Santos (2001:3), faz com que as crianças memorizem algumas características das colecções e alguns factos relacionados com a vida no passado, fazendo-os representar cenas e vivências do passado.

### **1.3 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

Segundo o relatório da UNESCO de 1996 sobre a educação, a educação pré-escolar é de elevada importância, pois é a iniciação à socialização das crianças. As crianças que

frequentam a educação pré-escolar têm uma maior predisposição para a escola e correm menos riscos de abandono escolar. Este tipo de educação permite também contribuir para a igualdade de oportunidades e oferece ajuda à superação da pobreza e uma maior valorização do acesso à cultura.

A educação pré-escolar, como se pode verificar no estudo feito por Roso (2007:12) a educação pré-escolar em Portugal, desenvolveu-se mesmo sem existir um documento que relatasse as orientações curriculares que orientassem os educadores. Desta forma, as práticas variam (actualmente não muito) de estabelecimento para estabelecimento, tendo muito a ver com o educador que está presente. Só em 1997 é que se redigiram as orientações curriculares da educação pré-escolar e se tentou “uniformizar” este tipo de educação a nível nacional.

As orientações curriculares são importantes na medida em que orientam a acção do educador para com as crianças e lhes dá instrumentos para que possam otimizar e desenvolver as competências das crianças. Segundo Roso, (2007: 14) a educação pré-escolar deve criar ambientes de aprendizagem significativas e relevantes para as crianças para que elas possam desenvolver competências de autonomia e pensamento crítico e que correspondam a aos seus interesses e curiosidades.

A educação pré-escolar é fundamental, pois é a primeira ligação das crianças com um espaço de educação mais formal, onde aprendem a lidar com outras crianças e conseqüentemente a ter que aprender a lidar com as frustrações, tornando-se mais tolerantes e com maior sentido de responsabilidade, pois é o local onde passam o dia quase todo o dia, sem estar um membro da família presente.

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação que se vai dar ao longo da vida e esta imprime-se de uma forte componente social, pois como foi dito no início deste ponto, o pré-escolar é o primeiro local (depois da família) onde se inicia a socialização da criança com seres semelhantes, ou seja, com outras crianças, em elevado número.

As orientações curriculares têm por base alguns princípios como, por exemplo, o reconhecimento da criança como sujeito educativo, ou seja, deve partir-se daquilo que a

criança já sabe e potenciar novas aprendizagens e não considerar a criança como uma “tábua rasa”. É importante construir aprendizagens de forma integrada e articulada, pois as áreas não são estanques entre si, assim como recorrer a um estilo de aprendizagem que utilize a cooperação e uma pedagogia diferenciada, para que todas as crianças possam ter acesso a este tipo de educação e que seja integradora socialmente. Todas as actividades e toda a acção do educador tem que ser adaptada o grupo com que está a trabalhar, de acordo com as suas necessidades e interesses e esta acção só pode ser desenvolvida e adequada se houver reflexão por parte dos educadores. O ponto da necessidade de reflexão do educador será abordado mais à frente neste relatório.

### **1.3.1 - A Utilização do Lúdico no Museu**

Os jogos são a forma mais lúdica de visitar um museu. No entanto, e como o Museu da Água tem algumas limitações, sobretudo de espaço, a visita, começa por ser uma visita guiada, sempre adaptada às crianças, mas enriquecida com vários objectos pedagógicos e didácticos que permitem uma melhor compreensão do tema exposto.

O lúdico tem como objectivo primordial o divertimento, o prazer e também é conhecido por brincadeira. Num museu tenta-se ensinar as crianças, a brincar, de modo a simplificar algumas temáticas, que são complexas. O lúdico é uma ferramenta fundamental para a aprendizagem. Também Piaget referia este aspecto, de que o lúdico é fundamental na vida das crianças, permitindo a descoberta do mundo, a interacção com o outro e o desenvolvimento de actividades intelectuais. (Alves. 2006). Assim, considera-se indispensável tornar uma actividade dentro de um museu lúdica, permitindo também que as crianças considerem o museu um espaço vivo, no qual se aprende a brincar.

O lúdico é uma estratégia que permite que as crianças realizem aprendizagens efectivas e duradouras e estimula a sua criatividade e capacidade de responder aos desafios que são colocados (Silva. 2007: 61). Algumas das aprendizagens mais significativas, dão-se através do lúdico, pois determinadas tarefas necessitam de competências, esforço, concentração e investimento pessoal. O lúdico associa-se ao prazer e permite a construção de uma relação de familiaridade que potencia as aprendizagens.

Os educadores devem construir estratégias para uma exploração estruturada que seja capaz de conduzir ao desenvolvimento das crianças e lhes permita construir significados para o que vêem e o que experimentam. No entanto, potenciar as aprendizagens não é dar aos visitantes mais pequenos tudo o que eles querem. Por outro lado, significa que deve-se estabelecer uma relação com os seus sistemas de referência, de forma que possam construir um ponto de partida comum, que confere sentido às aprendizagens. Apesar de se realizarem jogos depois das visitas as crianças tinham que cumprir algumas regras, como por exemplo, esperar pela vez para responderem, tentar responder correctamente à pergunta que tinha sido feita, manterem-se sentados enquanto estava a decorrer o jogo.

O brincar é a linguagem própria da criança e faz parte integrante do seu desenvolvimento, tanto físico como psicológico. Desta forma, a utilização dos jogos favorece a aprendizagem das crianças. Os jogos, o brincar, o divertimento, são algo que está presente no homem, desde os primórdios da humanidade. É algo que permite a aprendizagem e o desenvolvimento e estes dois conceitos estão intimamente relacionados com a educação.

Através do brincar e do lúdico, a criança consegue reorganizar informação e seleccionar aquilo que mais lhe interessa, investindo muito neste tipo de actividade. Esta actividade é consciente e tem como função principal a representação da realidade. No lúdico e no brincar as crianças dão sentido às experiências adquiridas e aos seus conhecimentos e explorar o desconhecido, testando os seus próprios limites. (Alves. 2006).

Existe uma real necessidade de utilizar o brincar na educação, brincando com os conhecimentos das crianças e não utilizando apenas as brincadeiras, os jogos, o lúdico de uma forma desarticulada, mas sim como algo que esteja intrínseco na prática pedagógica e como facilitador da aprendizagem. No entanto, o brincar e o lúdico, no MDA, estavam limitados à minha vontade, ou seja, ao jogo que eu escolhia, se bem que o jogo decorria apenas como os alunos queriam que decorresse, dando-lhes espaço de manobra.

Concluindo, o brincar é fundamental e é sinónimo de aprendizagem principalmente para a criança pois potencializa a exploração e a construção de conhecimento (Alves,

2006:129). No brincar as respostas não estão prontas, é preciso descobri-las, sendo elaboradas a partir de cada situação que se apresenta. No brincar está presente a situação de risco, do prazer, da surpresa e da curiosidade, numa aventura constante.

## **2 CAPÍTULO**

### **O Museu da Água**

A EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA apresenta-se como uma sociedade anónima, integrada na ADP – Águas de Portugal. Para além da sua longa história, a EPAL é ainda herdeira de um vasto e valioso património histórico e museológico, que se encontra reunido e exposto no Museu da Água, local onde realizei o meu estágio.

#### **2.1 - O MUSEU DA ÁGUA DA EPAL**

O Museu da Água da EPAL, o antigo, “Museu da Água de Manuel da Maia”, foi inaugurado em 1987, e é constituído por quatro núcleos, todos ligados ao abastecimento de água à cidade de Lisboa nos séculos XVIII e XIX: o Aqueduto das Águas Livres, o Reservatório da Mãe d’Água das Amoreiras, o Reservatório da Patriarcal e finalmente a Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos. O último é o local onde eu estava todos os dias, excepto quando havia visitas nos outros núcleos, e é também o local onde se encontram todos os serviços que constituem o Museu. O Museu da Água é um dos mais conhecidos na Europa, tendo sido galardoado com o Prémio do Museu do Conselho da Europa, que distingue o museu que mais contribui para o desenvolvimento cultural na sua área, em 1990, e foi, até hoje, o único museu português a recebê-lo.

O serviço que mais actividade comporta e que é o motor do MDA, é o serviço educativo e caracteriza-se pelo seu carácter prático, com a realização das visitas guiadas mas também pela sua concepção e orientação.

O serviço educativo é planeado, desenvolvido e conduzido por uma só pessoa, a minha orientadora de estágio, com formação em história e com uma experiência de 10 anos no serviço educativo do Museu da Água da EPAL. Foi neste serviço que realizei o meu

estágio, ao longo de 9 meses e foi aqui que adquiri experiência como técnica do serviço educativo de um museu. Desde o início do meu estágio, que me davam tarefas para realizar, mesmo que não tivessem a ver com o meu estágio, pois desde o início que fui vista como mais uma colega e não como uma simples estagiária. Como tal, trabalhava como eles e fazia um horário idêntico (das 9h às 17h). Este aspecto foi sempre muito positivo, pois fez-me sentir “em casa”, parecendo que já conhecia todos os colegas, há muito mais tempo, do que acontecia na realidade. Todos estes aspectos contribuíram para o meu sucesso neste estágio e do qual foi difícil sair ao fim de 9 meses de trabalho em conjunto.

Um outro aspecto a meu favor, foi a confiança e a autonomia que a minha orientadora depositou em mim desde o início e a força que me deu quando alguma visita ou actividade, não corria tal como a tinha planeado. Criou-se uma relação, mais uma vez, de colegas e não de coordenadora - estagiária contribuindo, desta forma, para o avontade que existia, mesmo nas alturas em que havia dúvidas, inseguranças e receios.

No entanto, devo dizer, que apesar de ter tido alguns momentos mais críticos, no início da aplicação do meu projecto, e tendo um pouco de receio, se as visitas e as actividades não corriam como eu pretendia, nunca foi uma excessiva preocupação, mas uma preocupação saudável que me levava a fazer as coisas como melhor sabia, conseguia e sabia. Penso que consegui levar tudo com descontração, obviamente, preocupada com o meu trabalho, mas nunca deixando que isso me afectasse demasiado. Senti desde o início uma grande empatia pelos colegas, pelo museu, pelo ambiente, quase familiar, que existe naquele museu, onde se tratam os visitantes, como pessoas da comunidade, com muita simpatia, apreço e profissionalismo.

O serviço educativo tem como principais objectivos: Contribuir para a educação ambiental e patrimonial; Compreender a história da cidade, bem como a história do abastecimento da água, dando a conhecer todo o património; Compreender a ligação dos saberes tradicionais da escola com os do museu (educação formal e educação não-formal); Promover a aproximação das escolas ao Museu da Água; Estimular a criatividade e a imaginação; Proporcionar momentos de aventura, lazer e descontração em contacto com o património histórico/cultural e ambiental; Proporcionar o convívio; Fomentar a interajuda/ cooperação e o espírito de grupo.

O museu tem várias visitas programadas: as que são dirigidas às escolas e os passeios culturais que são dirigidos para o público em geral, que se realizam com marcação prévia para grupos de pessoas. São 12 os passeios que, aproveitando a curiosidade intelectual dos visitantes, dão a conhecer os vários núcleos do Museu da Água, e que promovem a preservação cultural e ambiental, espalhados na cidade de Lisboa.

Para além disso, o Serviço Educativo, realiza ainda visitas para variados grupos: estrangeiros, juntas de freguesia, associações, cursos EFA, câmaras municipais, instituições de solidariedade social.

Este serviço, para além das visitas guiadas e dos passeios que realiza pontualmente, está também inserido em dois projectos distintos: o projecto dos hospitais “O Museu da Água Visita o Hospital de Sta Maria” e um projecto que se irá desenrolar no Museu, numa primeira fase, com visitas guiadas, sobre a água na Madragoa e que se intitula “Este é o Nosso Bairro”. Numa segunda fase, o Museu deslocar-se-á à escola.

É também neste serviço que se realizam visitas consideradas especiais: para a administração da EPAL e convidados VIP’s.

## **2.2 - APRESENTAÇÃO DO PROJECTO**

O meu estágio no Museu da Água, foi constituído por um projecto realizado para um determinado público. Como já referi o museu tem muitas actividades para os diferentes públicos escolares, sendo que o que estava menos coberto era o pré-escolar, por requerer outro tipo de atenção e porque nem tudo se adequa a este público. Desta forma, penso que a grande vantagem de estagiar no Museu da Água foi poder construir um projecto de raiz, tendo em conta a problemática do museu, para aplicar com as crianças mais novas, que é o público com o qual eu tenho maior gosto em trabalhar.

Assim, o meu projecto consistiu sobretudo em fazer visitas guiadas ao museu, trabalhando o tema da água, (características, poupança e ciclo da água), falar sobre a história dos espaços que compõem o museu, de forma a motivar a sensibilização patrimonial e o conhecimento de monumentos nacionais como o Aqueduto das Águas Livres; a Estação Elevatória a Vapor, adaptando os conteúdos e a linguagem utilizada,

para que as crianças compreendam alguns conceitos, por norma complexos, com exemplos do quotidiano.

Os museus são espaços que devem ser dinâmicos, ao mesmo tempo que educativos, desta forma propus-me a realizar actividades de pintura, jogos de perguntas, experiências com água, entre outros, como complemento à exposição teórica que realizo no início da visita. Pretendi que as crianças construíssem as suas próprias aprendizagens, de acordo com aquilo que mais fizer sentido para elas, que fossem activas nas suas aprendizagens, que aprendessem pela forma como encaram o museu, os jogos, a educadora, pela forma como manipulam os objectos. Os jogos são interactivos (realizados em grupos ou individualmente), e pretendem incutir o espírito de entreajuda durante a visita.

Este projecto não teve um número mínimo de visitas e de actividades a realizar, mas foi adaptado às idades das crianças que os visitam ou aos interesses que as professoras terão. Assim, a escolha das actividades ficou ao meu critério, tendo em conta o público que nos visitou num determinado dia. Não poderia existir um número mínimo de realização de visitas, pois estamos dependentes das marcações que são realizadas pelas escolas/jardins-de-infância.

A concretização deste projecto foi avaliada através de um questionário a todos os professores/educadores/animadores que acompanharem grupos de crianças numa visita guiada. Com o questionário pretendi avaliar a minha acção nas visitas guiadas e a forma como são expostos os conteúdos, se estes estão adequados e se são bem trabalhados com as crianças em causa, ou seja, analisar a visita guiada no geral.

No final de cada visita guiada realizei uma reflexão sobre como correu, de forma a poder corrigir os erros e a melhorar os pontos menos positivos. Esta foi uma forma de eu própria avaliar a minha forma de agir perante problemas e novas situações que foram ocorrendo ao longo dos 9 meses.

Este projecto tinha como objectivo analisar os públicos escolares que realizam visitas no Museu da Água da EPAL, através de uma ficha de dados, que ao serem analisados, permitissem que o projecto fosse repensado e readaptado aos públicos de forma que as



actividades não sejam feitas “por catálogo”, mas adaptadas às crianças que visitam o Museu.

Com este projecto pretendi atingir alguns objectivos e resultados. Esses objectivos foram contribuir para uma mudança de comportamento nas crianças relativamente ao tema da poupança da água; sensibilizar para o problema ambiental e patrimonial, demonstrar que o património pode ser interessante e dinâmico e incutir comportamentos a adoptar dentro do museu.

#### **2.1.1 - Projecto - Os Mais Pequenos Descobrem o Museu da Água – *Visitas Guiadas e Outras Actividades* -**

##### **Instituição**

- Museu da Água – Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos

##### **Público-alvo**

- Pré-escolar (a partir dos 3 anos)
- 1 ciclo – 1º e 2º ano

##### **Finalidade do projecto**

- Proporcionar às crianças o contacto com o tema da água (ciclo da água, a poluição dos mares e do meio ambiente e sensibilização patrimonial) sensibilizando-as para a utilização eficaz da água utilizando o lúdico como estratégia fundamental, na realização das visitas guiadas.

##### **Objectivos gerais**

- Realizar visitas guiadas subordinadas ao tema da sensibilização ambiental e patrimonial;
- Dinamizar o Museu da Água com visitas guiadas e actividades lúdicas que proporcionem aprendizagens significativas para as crianças;
- Mostrar que o museu pode ser um local de lazer e deleite no qual a educação não formal tem um papel primordial;

##### **Objectivos específicos**

- Incutir nas crianças atitudes e valores que valorizem o património cultural da EPAL e da cidade de Lisboa;
- Sensibilizar para o problema ambiental existente no nosso planeta e para a necessidade de poupar água;
- Dar a oportunidade às crianças de descobrirem o Museu da Água estimulando a imaginação e a criatividade;
- Implementar actividades e jogos no museu de forma que as aprendizagens sejam permanentes;

### **Temas chave**

- O Ciclo da Água
- Poluição e Meio Ambiente
- Património Histórico da EPAL - Museu da Água

### **Fundamentação do Projecto**

O meu projecto no Museu da Água, provém de uma forte necessidade sentida pela própria instituição em não conseguir dar resposta a todas as visitas para as quais são solicitados e sobretudo, pela dificuldade que têm em trabalhar com o público mais novo, - as crianças que frequentam o pré-escolar. Uma vez sentida esta necessidade e visto que o meu estágio tem uma duração de 9 meses, (situação rara neste museu, a de acolher um estágio tão longo), foi-me proposto que realizasse as visitas guiadas, para o público pré-escolar, visto que tiveram conhecimento do meu gosto em trabalhar com crianças.

Desta forma nasceu este projecto que propõe sobretudo actividades para o pré-escolar, que poderão também ser adaptadas para as crianças do 1º ciclo. No entanto, realizei também visitas ao 1º ciclo, se bem que para este público não foi necessário grandes planos uma vez que esta faixa etária tinha preparadas muitas actividades e muitos jogos e foi mais uma intervenção de melhoria do que de criação de actividades.

Uma das minhas vontades para a realização deste projecto foi não só fazer visitas na Estação Elevatória para ao público mais novo, mas também dar a conhecer o Aqueduto das Águas Livres, com uma actividade que fosse dinâmica e adequada para a idade. Quando uma educadora pedia para marcar uma visita guiada, aconselhava-se sempre que fosse uma visita à Estação Elevatória, pois era mais fácil para os guias poderem

trabalhar os conteúdos, visto que não existiam muitas condições nos restantes núcleos para que visitas aos mais novos acontecessem.

Existe uma preocupação cada vez maior por parte das pessoas com o ambiente, com a qualidade dos produtos que consomem, do que não faz bem à saúde. No entanto, existe ainda um grande trabalho a realizar para que a degradação da qualidade ambiental seja travada, para que o equilíbrio ecológico comece a ser tratado convenientemente. Assim, este trabalho tem que começar a ser feito desde cedo, ou seja, a consciencialização e o despertar de uma mudança de atitude, para que se comece a resolver os muitos problemas que existem no Ambiente. Para que isto aconteça é necessário existir uma consciência colectiva de que o desenvolvimento e o aumento de bem-estar não podem comprometer as gerações futuras. O MDA é um óptimo local onde se pode despertar para a consciência dos alunos através das visitas guiadas, nas quais são tratados estes temas. Este tema é um instrumento para a alteração de valores, comportamentos, mentalidades e atitudes, para criar uma consciencialização duradoura e permanente nos futuros cidadãos, pois contribui com responsabilidade social e cívica, para serem cidadãos informados, responsáveis e intervenientes na sociedade. A educação ambiental não se deve esgotar nem no MDA, nem na escola, nem nos alunos, mas é também objectivo do museu, fazer com os alunos que nos visitam, transmitam a informação que receberam, seja no seio familiar, na comunidade ou num grupo informal.

### **Conteúdos**

Os conceitos a trabalhar neste projecto prendem-se com o ciclo da água e consequente explicação de todos os fenómenos que lhe estão subjacentes, como a evaporação da água dos mares, rios, lagos e ribeiros para as nuvens pela acção do calor provocado pelo Sol, a condensação das gotas de água nas nuvens, a precipitação em forma de chuva, neve ou granizo e depois a infiltração nos solos. São ainda tratados os estados da água, tomando como exemplos algumas situações quotidianas, fazendo a comparação entre o vapor de água que sai da sopa quando está muito quente e as gotas de água que se evaporam pela acção do Sol, referindo que essa água está no estado gasoso. Para explicar o estado sólido pode falar-se dos glaciares que existem no nosso planeta, que são as grandes reservas de água doce e que mantém o equilíbrio climático do nosso planeta. Quando se trata este tema refere-se qual é o problema que está a ocorrer agora,

que é o facto de os glaciares estarem a derreter e por isso o nível do mar está a aumentar. Isto provoca um aumento do nível do mar e o desaparecimento da água doce para a Humanidade. Para explicar o estado líquido e explicado aos alunos como aquela água que nós bebemos e a água que está nos mares, rios, oceanos, etc...

Ainda nesta primeira parte se fala sobre as características da água e a diferença entre a água potável (que é tratada e se pode beber), que deve obedecer a determinadas características, como o facto de ter que ser insípida, inodora e incolor, e não potável (que não se pode beber).

### **Actividades**

O projecto tem, como referi acima, algumas actividades. As actividades realizadas estão descritas a seguir, detalhadamente de forma a compreender o que se pretendia com cada uma delas.

- *Gincana da Água - duração total da actividade – 60 minutos. Estrutura – 6 postos. Esta actividade pode ser feita tanto no interior como no exterior do museu.*

Público-alvo – 4/5/6/7 anos

#### **1º POSTO**

Actividade – Corrida dos Aguadeiros

Duração – 10 minutos

Materiais – Gotas de água de cartão (10 a 15), dependendo do número de participantes; 2 baldes;

Descrição da Actividade – Nesta corrida de aguadeiros, devem haver duas equipas e cada equipa tem um balde e um aguadeiro, que tem que apanhar as gotas de água dispostas ao longo do museu ou no jardim. A equipa que conseguir apanhar mais gotas de água ganha o jogo.

#### **2º POSTO**

Actividade – Água Misturada

Duração – 5 minutos

Material – Tubos de ensaio (4), azeite, corante, sal e álcool

Descrição da Actividade – Neste posto as crianças vão ver a água misturada com outros ingredientes e têm que descobrir qual o nome dos ingredientes que está dentro do tubo de ensaio, que estarão dispostos num pano, e que serão escondidos, para que as crianças digam o nome de todos eles.

### 3º POSTO

Actividade – Jogo da mímica

Duração – 10 minutos

Materiais – Cartões com os gestos.

Descrição da Actividade – Neste jogo as crianças devem dividir-se em equipas e é escolhido um elemento de cada uma delas.

As crianças têm que imitar um gesto que nós usamos no quotidiano que utilize água, como seja: lavar os dentes, lavar as mãos, lavar a roupa, a loiça, tomar banho, regar as plantas, ou qualquer outro que cumpra este requisito.

Primeiro é uma equipa e depois a outra, independentemente se ganhou ou não.

Cada equipa faz três gestos (todos diferentes).

### 4º POSTO

Actividade – Jogo da Poupança

Duração – 5 minutos

Materiais – Não são necessários materiais.

Descrição da Actividade – As crianças, divididas em duas equipas, mais uma vez, têm que dizer três formas de poupar água para ganhar este jogo.

### 5º POSTO

Actividade – Desenhar a Água

Duração – 10 minutos

Materiais -

Descrição da Actividade – Neste jogo as crianças são desafiadas a desenhar objectos que tenham a ver com água: o Aqueduto das Águas Livres, uma piscina, uma torneira, um peixe, ou outra coisa que tenha a ver com o tema. Ambas as equipas devem fazer três desenhos.

#### 6º POSTO

Actividade – Sem Derramar 1 Gota

Duração – 10 minutos

Materiais – Quatro baldes/alguidares e dois copos

Descrição da Actividade – Neste jogo, as crianças continuam divididas em duas equipas e para cada equipa existem dois baldes, um com água e outro sem água. Cada equipa tem um copo para encher o balde vazio que se encontra no lado oposto, regressa e entrega o copo ao colega seguinte que por sua vez enche o copo para encher o balde e assim sucessivamente. As crianças não podem entornar uma gota de água senão perdem o jogo. A primeira equipa a encher o balde é a vencedora.

#### O MUSEU AOS QUADRADOS

Actividade - O Ciclo da Água

Público-alvo – 4/5/6/7

Duração – 1 hora a 1 h 30 minutos

Materiais – Ciclo da água, puzzle ciclo da água (anexo X)

Descrição da Actividade – Nesta actividade será feita uma exposição teórica sobre o tema da água (poupança, ciclo da água, características, etc...). Mostram-se algumas imagens, umas erradas outras certas, sobre formas de poupar água, e as crianças têm que dizer se as imagens estão correctas ou não. O jogo final será constituído por um puzzle, com a sequência do ciclo da água, para as crianças fazerem em grupo.

## EXPERIÊNCIAS COM ÁGUA

Actividade - Realizar experiências com água

Público-alvo – 3/4/5/6/7

Duração – 1 hora

Materiais - Sal, azeite, álcool, cilindros, pato de borracha, barco, maçã, prato de esmalte, gelo, água quente, recipiente de vidro, clips e copo de plástico.

Descrições da Actividade - nesta actividade realizam-se várias experiências com água, que tenham a ver com o ciclo da água e com as suas características. Por exemplo: fazer chover; experiência com objectos que flutuam e outros não; o copo colorido, para compreender as dimensões de vários ingredientes na água.

## CONTO SOBRE ÁGUA

Actividade – Conto sobre a poupança da água

Público-alvo – 3/4/5 anos

Duração – 1 hora

Materiais – História

Descrição da Actividade - esta actividade pretende dar a conhecer às crianças, com uma história de reis e rainhas, o ciclo da água, as suas características e a poupança da água, com a ajuda de dois fantoches. No final, o grupo faz um jogo de mímica no qual têm que imitar os gestos que utilizamos no quotidiano quando usamos água. Esta história encontra-se em anexo (anexo XI).

## PINTAR A ÁGUA

Actividade – Pintar o ciclo da água

Público-alvo – 3/4/5/6/7 anos

Duração - 1 hora a 1 h 30 minutos

Materiais – Tintas, pincéis, papel, sacos de plástico, recipientes para tintas

Descrição da Actividade – Esta visita consiste em fazer uma explicação teórica sobre o tema da água e no final as crianças são convidadas a pintar o ciclo da água, numa folha

de papel de cenário, utilizando vários materiais: canetas, lápis de cor e de cera e utilizando folhas para fazer recortes para enquadrar nos desenhos. Utilizam-se também tintas de água para que os alunos possam fazer um desenho relativo à água, a poluição nos mares, um elemento da natureza, que esteja directa ou indirectamente relacionado com a água. Esta actividade apela à criatividade e à imaginação das crianças.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada no projecto é sobretudo a de reflexão-acção, pois a minha acção foi orientada através da experimentação e da consequente reformulação do que ía sendo necessário. É quase uma metodologia de tentativa e erro, uma vez que estando num museu, não sabia qual seria o público que iria visitar e ao qual eu poderia fazer uma visita guiada.

O meu projecto propunha actividades dinâmicas e interactivas que despertassem o interesse das crianças de modo a participarem activamente na visita.

Creio que posso afirmar que nas visitas guiadas a metodologia utilizada foi a de trabalho de projecto, não porque eles decidissem o que queriam fazer, mas porque as crianças é que faziam a visita quase toda, estando eu ali, sobretudo para fazer perguntas e para ajudar quando eles não sabiam responder, explicando os fenómenos de forma que os interpretassem e os conseguissem explicar pelas suas próprias palavras.

### **Estratégias**

O nível de linguagem utilizado tem que ser adaptada ao público com quem estamos a trabalhar, tendo um maior cuidado na forma como a visita é conduzida. Também as perguntas feitas ao longo da visita guiada e no jogo eram adaptadas ao que os alunos demonstravam saber.

Uma outra estratégia utilizada foi a realização de perguntas, pois é uma forma de as crianças participarem e aprenderem mais activamente. A estratégia fundamental, no entanto, foi a utilização do lúdico, de forma a tornar as visitas mais interessantes e mais adaptadas ao dia-a-dia das crianças. Pretende-se que as aprendizagens sejam activas, pois cada criança, como ser singular, interpreta as suas experiências de acordo com a



sua interacção com o meio, com o ambiente físico, com a relação que construiu ao longo da visita com a educadora do museu e tudo isto parte dos seus conhecimentos anteriores, da sua bagagem cultural e intelectual e da sua motivação e predisposição para aprender. Assim, os educadores, surgem como facilitadores, mediadores ou potenciadores das aprendizagens que cada criança pode adquirir consoante o significado que constrói.

A pintura e o desenho são uma outra estratégia utilizada para realizar actividades com as crianças, pois os desafios, as descobertas e a exploração do museu contribuem para aprendizagens significativas.

Também as actividades de corrida e velocidade são uma boa estratégia pois permitem desenvolver a atenção e a concentração bem como a precaução aquando da realização de determinadas actividades. Procura-se estimular o desenvolvimento global da criança através do desenvolvimento da expressão e da comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização ambiental e de compreensão do mundo, através do desenvolvimento com o meio envolvente.

Como podemos ler nas orientações curriculares para o ensino pré-escolar “*O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos.*”

(*Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar. 1997:57*)

### **Avaliação do Projecto**

Avaliar é “o processo de observar, registar, e outros modos de documentar o trabalho que a criança faz e como faz, como a base para a variedade de decisões educacionais que afectam a criança, incluindo planear para grupos e crianças individuais...” (Santos, s/d:6).

A avaliação deste projecto foi feita pelas escolas que realizaram visitas guiadas ao Museu da Água. A avaliação deve ser feita desde o início, para que se possa ver a

evolução, uma vez que a metodologia a utilizar no estágio é a de reflexão-acção. Esta metodologia permite, à medida que o tempo vai passando, a reflexão acerca das visitas e sobre determinados pontos que considero que podem ser melhorados. Durante e depois das visitas, foi feita uma pequena avaliação, através do feedback que as crianças forneciam, adaptando a minha atitude consoante as suas atitudes.

A avaliação das visitas é também realizada dentro do próprio contexto da visita. As tarefas, as perguntas, qualquer tipo de interacção permite recolher informação do que está a decorrer com a criança e o grupo, com que estou a trabalhar. A avaliação “a quente” das visitas fez com que as seguintes fossem diferentes, tendo em conta os aspectos menos positivos da avaliação dada pelas escolas. A avaliação tem que ter em conta os objectivos a que me propus, se foram atingidos ou não e se os resultados adquiridos foram os esperados.

O questionário aplicado para avaliar a visita é uma ferramenta que nos permite tirar algumas ilações e avaliar também a nossa acção, o que poderia ter corrido melhor, a forma de falar com as crianças, se os conteúdos ditos foram os mais adequados àquele público, de forma a poder continuar sempre a melhorar a minha prestação.

A avaliação das visitas no final do projecto deu-me uma outra perspectiva e pude repensar algumas das actividades e das estratégias utilizadas, de forma a poder melhorar as actividades e as visitas guiadas.

A avaliação permitiu também fazer uma análise do perfil dos educadores e professores que visitam o Museu da Água, categorizando-os por idade, situação profissional em que se encontram, pelas habilitações literárias e pelo género.

A avaliação com o público deste projecto foi um processo continuo e interpretativo, pois é importante que as crianças sejam protagonistas das suas aprendizagens, com a ajuda do colectivo, naturalmente. A avaliação permitiu também saber se os objectivos a que me propus foram ou não cumpridos.

A avaliação surge quase como um tipo de avaliação correctiva, pois é utilizada para mudar o que não estiver a correr tão bem. Os meus julgamentos pessoais e as minhas

opiniões são também importantes para perceber se o que está a ser feito está a ser bem sucedido ou não. O questionamento sobre o impacto das visitas guiadas foi importante, para que pudesse, continuamente, aperfeiçoar a minha acção. A avaliação ajuda a estruturar e a fazer evoluir um projecto, partindo de dados substanciais e fundamentados. A avaliação ajuda a não fazer alguma coisa, simplesmente, por fazer, mas dá orientações e directrizes sobre por onde se deve começar. Segundo Faria (2006), avaliar é analisar o valor de alguma coisa e medi-lo. É também pela avaliação que se consegue perceber se os meios utilizados me fizeram chegar aos meus objectivos.

### **3 CAPÍTULO**

#### **O Estágio**

#### **3.1 - A INTEGRAÇÃO NO MUSEU DA ÁGUA**

O meu estágio no Museu da Água começou em Setembro de 2008 e nas duas primeiras semanas a minha orientadora estava de férias, tendo ficado o meu estágio entregue ao serviço pedagógico. Foi nesta altura que assisti à primeira visita guiada, com idosos, e que tive o primeiro contacto com este tipo de actividades. Foi também nesta altura que tive mais contacto com o serviço pedagógico.

Quando a minha orientadora chegou de férias, tivemos uma conversa sobre a minha licenciatura, sobre o Museu da Água e especificamente sobre o serviço educativo, sobre o que eu poderia fazer ou não e quais os principais problemas do museu. Nesta conversa fiquei a conhecer a vasta actividade do serviço educativo e dos eventos que o Museu da Água realiza.

Tomei também conhecimento que uma das maiores dificuldades do museu é a solicitação de visitas guiadas às quais não conseguem dar resposta se não tiverem ajuda, uma vez que são quatro núcleos abertos ao público. Percebi, por esta conversa de apresentação, o que eu iria fazer, apenas precisava de arranjar uma questão pertinente, que me permitisse construir um projecto sólido.

Nos dias que se seguiram, as conversas aconteciam naturalmente, uma vez que estava no mesmo gabinete que a minha orientadora, até que percebi que era pelas visitas guiadas que teria que caminhar. Decidi então juntar no meu projecto duas necessidades

deste serviço: a construção de visitas guiadas para o pré-escolar, uma vez que tinham muitos pedidos e falta de tempo para se debruçarem sobre este público; e a sua realização.

O meu projecto surge, então, com o objectivo de melhorar a acção do museu junto do público pré-escolar, estando as actividades especificamente pensadas e planeadas de acordo com as necessidades e interesses mais prementes destas idades (3 a 6 anos).

Até ao mês de Outubro realizei apenas observação de visitas, analisei como poderia dar o meu cunho às visitas que iria fazer, reflecti sobre os temas que teria que abordar e pesquisei sobre estes temas, para poder fazer face a perguntas relativas às visitas e para não ficar atrapalhada sem saber o que responder a uma criança, pois os alunos perguntam sobre qualquer coisa numa visita guiada e é necessário estar preparada para lhes poder responder.

Os três primeiros meses foram sobretudo de conhecimento, de recolha e de assimilação de informação, muito diferente da que estou habituada. Neste sentido, fiz um esforço acrescido, para que quando fosse fazer visitas guiadas, a diferença entre mim e a minha orientadora, em termos da transmissão de conteúdos, não fosse muito distinta e para que o museu continuasse com a boa reputação que já tinha, pois muitas das escolas que visitam o museu, fazem-no ano após ano. Assim, tive que me debruçar sobre temas com os quais estava muito pouco habituada: o ciclo da água; a poupança da água, bem como todos os conceitos que estão subjacentes a estas temáticas e toda a parte histórica que era necessária para fazer visitas guiadas às escolas e para que saíssem do MDA com a ideia de que a visita de estudo tinha sido bem sucedida.

A maior dificuldade sentida neste aspecto foi a quantidade de informação que tinha que passar e foi a explicação do funcionamento da Sala das Máquinas do Museu da Água, que é um pouco complicada de explicar sobretudo com crianças muito pequenas.

No entanto, não realizei apenas visitas para o pré-escolar, incluindo também outras visitas a meu encargo, como as do 1º ciclo, e pontualmente, as do 2º e 3º ciclo, jovens/adultos com deficiências, - surdos-mudos e deficiências mentais, - adultos

(cursos EFA) e público sénior; público do ensino secundário, universitário e com grupos de estrangeiros.

### **3.1.1 - Tarefas do Projecto – Visitas Guiadas e Outras Actividades**

Desde o início que comecei a fazer tarefas para me enquadrar no museu. No entanto, quanto ao meu estágio, as tarefas foram mais tardias, pois no primeiro mês, fiz observações de visitas, estudei os documentos que me tinham sido fornecidos e tentei adaptar-me ao ritmo com que me deparei, uma vez que o trabalho em grupo apenas tinha acontecido na faculdade, mesmo considerando que tenho alguma facilidade em me adaptar a novos contextos.

Posso afirmar que não senti grandes dificuldades de integração no Museu e mesmo contactando com situações novas todos os dias, tive sempre o à-vontade suficiente para perguntar quando tinha dúvidas, receios e dificuldades ou para eu própria resolver alguns problemas pontuais, sozinha, de acordo com a minha experiência.

O maior medo desde o início foi de facto, o contacto com o público, sem saber se as crianças iam gostar de mim, se ia ter jeito para explicar os temas, com os quais não estava familiarizada, se as crianças iam gostar das actividades no final das visitas, qual a opinião das professoras/educadoras sobre mim e a forma como conduzi a visita, sobre os conteúdos que abordei, se estavam bem explicados ou se tinha cometido erros. Inicialmente, eram todas estas questões que me faziam ficar muito apreensiva e muito ansiosa, quando estava à espera das crianças para fazer a visita guiada.

No entanto, à medida que os dias iam passando e ia realizando mais visitas, o “nervoso miudinho” foi ultrapassado. Para isto contribuiu muito a confiança, a autonomia que a minha orientadora de estágio depositou em mim, e o bom feedback que sempre tive, por parte de todos os colegas do museu. Contribuiu também a opinião dos professores, dos alunos, as suas atitudes e comportamentos, de quando, a meio de uma visita, na passagem de uma sala para a outra, as crianças vinham ter comigo e agarravam-se a mim, colocavam questões e no final diziam que tinham gostado muito. Pode ver-se até, no livro de honra do museu, alguns comentários, muito simpáticos de crianças, auxiliares e professoras/educadoras a quem eu realizei a visita.

Devo acrescentar que a primeira visita guiada não correu muito bem apesar de ter tentado dizer tudo quanto achava necessário de forma que as crianças de 4/5 anos me entendessem, o que muitas vezes também não é simples. No entanto, também não posso afirmar que tenha sido um verdadeiro fracasso, uma vez que o feedback da educadora foi positivo. Penso que a educadora saiu do museu satisfeita, e com vontade de voltar, com a minha prestação, que ainda requeria mais prática, menos ansiedade e muito mais confiança.

Comecei, mais tarde, a fazer visitas guiadas para o 1º ciclo. Estas visitas necessitavam de uma melhor preparação, em termos de conteúdos, sendo, no entanto, mais simples de trabalhar com elas, pois não temos que fazer um esforço de adaptação de linguagem tão grande como para as crianças do pré-escolar e podemos trabalhar outros temas, aprofundando mais os assuntos. No anexo VI pode ver-se um excerto de uma visita guiada.

No decorrer da realização do estágio fui fazendo alguns documentos para fornecer às crianças no final da visita. Um deles é um diploma de visita do museu com a inscrição “Amigos da Água” (no anexo IX) e onde se escreve também o nome da escola/instituição que participou. Cada turma levava um único diploma para expor na sala de aula. Este documento foi desenvolvido por mim, devido à vontade de oferecer um documento feito pelo museu e tem como objectivo manter a ideia da importância de poupar água, fazendo uma referência positiva ao comportamento deles dentro do museu acerca do tema da poupança da água, ao longo da visita, e tem como intenção contribuir para uma mudança de atitude mais permanente.

Construí um folheto sobre a poupança (anexo V), para dar às crianças e professores, depois de terem feito uma visita guiada de forma a sintetizar conhecimentos. Este documento serve também para, como o anterior, contribuir para uma mudança de atitude, não apenas das crianças, mas também, dos pais, porque os pais também lêem os documentos que os filhos levam para casa e mesmo que seja de forma inconsciente, prestam atenção ao tema. Ambos os documentos obtiveram a aprovação do museu.

A pedido do coordenador do museu, realizei uma outra ficha de recolha de dados das escolas/instituições que nos visitam, uma vez que a ficha existente estava um pouco desactualizada. Assim, não construí uma nova, mas melhorei a anterior. Esta ficha (anexo III) foi enviada para todos os núcleos que recebem visitas guiadas. O que se pretende com ela é analisar o público que visita o Museu da Água, para definir o perfil dos visitantes.

Construí ainda um questionário de avaliação das visitas guiadas (anexo I), para implementar no meu projecto, de forma a avaliar as visitas e a minha acção. No entanto, o museu gostou do resultado e decidiu aplicar os questionários a todas as visitas guiadas. Também o questionário foi enviado para todos os núcleos que recebem visitas guiadas.

Os questionários permitem uma análise aprofundada sobre as visitas: se são adequadas, se os conteúdos foram bem apresentados e permitem-nos distinguir a concepção dos professores/educadores dependendo da idade, da situação profissional, do ensino onde leccionam, no privado ou no público, entre outras. Também a análise pode ser consultada no anexo II.

Uma outra tarefa relacionada com o meu estágio, foram as visitas aos outros núcleos do museu, como ao Aqueduto das Águas Livres e ao Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras. Estas visitas necessitaram de mais estudo e maior conhecimento, da minha parte, acerca da história do museu onde estou inserida.

A meio do meu estágio tive uma dificuldade acrescida, que penso estar contornada, que era, o pouco público do pré-escolar a marcar visitas no museu. Esta dificuldade estava a tornar o meu projecto impossível de realizar, porque, não havendo público o projecto não podia ser aplicado. Assim, depois de ter sido aconselhada pela minha orientadora do museu, decidi implementar o projecto também com as crianças de 6-7 anos, que frequentam o 1º e 2º ano do 1º ciclo. Penso que a estratégia poderia ser um pouco diferente, como fazer uma “campanha” para trazer os jardins-de-infância ao Museu da Água, se o calendário de visitas guiadas do museu não estivesse tão apertado, pois na minha opinião não se deve propor um serviço, que está limitado à partida em termos de

tempo e porque, de acordo com a informação que nos é passada, os jardins-de-infância têm estruturas próprias, das quais é difícil fugir, com dias estabelecidos para visitas de estudo apenas num dos dias da semana.

A opção mais viável, no meu ponto de vista foi alargar a faixa etária do projecto. Assim, o projecto teve as mesmas actividades que tinha inicialmente, sendo que algumas foram modificadas, de modo a serem mais adequadas para as crianças dos 3-4-5 anos e outras mais adequadas para os 5-6 e 7 anos, que já abrange o 1º e 2º ano do 1º ciclo. No entanto, essas modificações são realizadas na visita guiada, ou momentos antes de começar, pois é algo que tem que ser adaptado ao público que irá realizar a visita.

Considero que na prática a diferença em termos mentais não é muito grande, uma vez que, e de acordo com a experiência retirada das anteriores visitas guiadas, já houve visitas em que as crianças do pré-escolar sabiam mais do que crianças do 1º ou 2º ano. Esta situação depende muito da escola e da atitude das professoras com os alunos. Portanto, e como as actividades são adaptadas o mais possível ao público-alvo, considero que é possível aplicar este projecto com este público-alvo, até porque em quase todas as actividades existem desenhos para fazer ou jogos, como se pode ver no projecto, que são adequados às necessidades do público.

À medida que o projecto foi decorrendo, percebi que nem todas as visitas planeadas teriam uma forte aplicação, pois sendo um museu de água, os novos visitantes pensam que é um museu de ciência, onde se pode tocar em materiais e onde se fazem experiências relacionadas com água.

Para tentar responder a este tipo de expectativas decidi fazer quase sempre a visita na qual se realizam experiências, pois também penso que é uma das visitas que deixa os alunos mais interessados e motivados e de que eles mais gostam. Portanto, a visita na qual se contava uma história, por exemplo, quase não teve aplicação, pois também não tivemos público para que se realizasse. A gincana da água, também se mostrou um pouco difícil de concretizar, pois está mais dirigida para crianças que vêm de ATL's e de colónias de férias, do que para crianças que vêm pela escola, pois os professores



interessam-se muito mais pela exposição teórica. Desta forma tive que me adaptar à realidade em que estava inserida.

Quem realiza visitas guiadas necessita de possuir determinadas características como ser tolerante, respeitar as opiniões do grupo, ter empatia com os sujeitos e acima de tudo conseguir cativar o grupo, mantendo sempre o nível de interesse elevado. É necessário saber ver quando os alunos ainda estão interessados no que estamos a dizer, pois quando estão muito tempo sentados a ouvir apenas uma pessoa a falar, mesmo que se façam perguntas, ficam cansados. Quando isto acontece é necessário encurtar e fazer algo mais mexido, por exemplo, as experiências e depois passar para a sala seguinte e continuar a tratar os temas que pretendemos, para que se consiga manter o nível de interesse dos alunos elevado.

### **3.1.2 - As Visitas Guiadas**

As visitas guiadas no Museu da Água têm um determinado procedimento, que para que a visita seja completa é necessário cumprir. Assim, quando existe uma visita de manhã, a pessoa que realiza a visita tem que chegar mais cedo, para preparar todos os materiais para a visita que escolheu fazer. Portanto, se escolher realizar as experiências com água, tem que se preparar os tubos de ensaio, a garrafa de água, o frasco com água, o sal, o azeite, o álcool e o corante, para transportar para o local onde a visita se inicia (na primeira sala). Temos que colocar o quadro do ciclo da água, num sítio onde as crianças, quando estão sentadas o possam ver, e levamos sempre mais alguns apetrechos, para se no decorrer da visita, fizer sentido, usar um determinado objecto, como por exemplo: um livro, imagens alusivas ao planeta, imagens alusivas à poupança da água, entre outros objectos. Estes e outros objectos estão dentro de uma cesta, que é transportada, em todas visitas, para o interior do museu, para poder utilizar elementos educativos e pedagógicos que ajudam a explicar e a ilustrar alguns exemplos e que enriquecem o conteúdo da visita.

Terminada esta parte, sobre o ciclo da água, a importância de poupar água, começo por fazer a ponte com o que acontecia antigamente: Será que as pessoas tinham torneiras em casa? Elas bebiam água? Tomavam banho? Para responder a todas estas perguntas explico como tudo se passava antes da construção do Aqueduto, de como é que as

peessoas viviam e na minha opinião, esta é sempre a parte que as crianças consideram mais interessante, pois é um tema que lhes desperta muita curiosidade e interesse e é uma novidade, um assunto de que nunca ouviram falar e lhes é completamente estranho.

A visita continua falando sobre o Aqueduto das Águas Livres. Relembro, ainda, o que foi dito na sala anterior (onde se explica o ciclo da água e se introduz o tema da vida social da época, ou seja, explica-se como é que as pessoas viviam, qual o seu quotidiano, hábitos e mentalidades) fazendo perguntas e explicando as dúvidas.

As seguintes salas da exposição permanente (nas quais explicamos a Estação Elevatória, a sua construção e como funcionava e os últimos dois sistemas activados pela EPAL, o sistema Tejo e o sistema Zêzere e as estações de tratamento de água e o seu funcionamento) demoram menos tempo, pois com crianças pequenas, não se fala de pormenores muito técnicos, apesar de serem referidos os ingredientes com que a água é tratada actualmente. Terminada a exposição, passamos para a Sala das Máquinas, onde se explica como é que funcionavam, quando a Estação Elevatória a Vapor ainda funcionava (até 1928) e se realiza o jogo/actividade final.

Este estágio foi muito peculiar e interessante, pois tive a oportunidade de viver experiências muito relevantes, como por exemplo as pessoas que conheci, o facto de ter tido a oportunidade de participar em projectos em que o museu estava inserido, o facto de conhecer o mundo da cultura, que me era completamente desconhecido. Apenas sabia que em Lisboa existiam muitas actividades, mas nunca foi um tema muito trabalhado por mim. Fiquei com uma visão muito diferente, melhor, do tipo de actividades desenvolvidas. Penso que fiquei com um gosto subjacente em estar nos bastidores, em poder realizar uma actividade, uma visita para o público, não sendo eu a consumidora deste tipo de produtos.

Devido à realização deste estágio aprendi a valorizar muito mais o nosso património nacional pois vi as dificuldades e os problemas que existem neste campo e é com alguma tristeza que vemos, cada vez mais, o pouco financiamento que existe na cultura e que o Museu da Água, como todos os museus, sente todos os dias. No entanto, aprendi também que uma visita/actividade é muito gratificante, pelo agradecimento dos

visitantes, pelas palavras de apoio que dão, dizendo que a visita foi muito interessante, que gostaram muito e que vão voltar. Penso que estas palavras são a grande mais-valia deste tipo de trabalho e o facto de sabermos que estamos a contribuir activamente para formar pessoas, cidadãos que usufruem do que existe no nosso país.

No entanto, tive também algumas dificuldades e alguns problemas, que não tinham directamente a ver comigo, como por exemplo, os problemas externos da visita, a pressa dos professores em terminar a visita porque o autocarro estava à espera, não deixando, por vezes, os alunos colocarem dúvidas para não se perder tempo. O facto de as escolas escolherem levar os alunos todos juntos, do 1º ao 4º ano, a uma visita guiada, dificulta muito as estratégias e o tipo de conteúdos que se podem abordar.

No caso dos mais pequenos a visita pode ficar muito difícil e eles não perceberem o que se quer e no caso dos alunos mais velhos, não se pode aprofundar assuntos, que se tivessem vindo sozinhos, poderiam ser trabalhados. Algumas atitudes e comportamentos dos professores, também não ajudavam, quando eles próprios falavam mais e mais alto do que os alunos, o que afectava muito o funcionamento da visita e quando os professores tomavam o meu lugar e explicavam eles próprios o que eu já tinha dito, demonstrava sobretudo falta de respeito, por quem está a realizar este tipo de trabalho. No entanto, estas situações eram pontuais e sempre consegui lidar bem com as situações mais difíceis, pedindo, educadamente, para falarem mais baixo ou dizendo que no final da explicação podiam colocar as dúvidas, pois eu tinha todo o prazer em responder.

Para se realizar este tipo de trabalho é necessário ter capacidade de improviso, pois como já referi os alunos variam muito consoante os locais de onde vêm bem como as suas perguntas e respostas. O improviso era fundamental nas visitas, pois havia determinadas questões que necessitavam de ser respondidas imediatamente, ou seja, surgia como uma forma de resolução de problemas para ajudar o grupo. Este tipo de postura, de improviso, assume-se não só como um comportamento, mas como uma forma de estar na vida.

No total, realizei 27 visitas guiadas. As visitas realizadas para o pré-escolar, foram mais adaptadas para falar mais sobre a água e sobre o ciclo da água, pois como já referi, estes

alunos vinham ao museu, quando existia algum projecto na escola, sobre este tema, sendo esta a principal razão por existir pouco público. No anexo VI pode ver-se, com todos os detalhes, uma visita guiada no museu.

Para além das visitas guiadas realizei muitas outras tarefas no decorrer do meu estágio, como se pode ver na descrição do ponto seguinte.

### **3.1.3 - Outras Tarefas Realizadas no Estágio**

As outras tarefas realizadas no âmbito deste estágio prenderam-se com algumas tarefas de natureza mais administrativa como atender telefones, fazer arrumações e contagens de materiais, atender recados e resolver problemas pontuais, sempre que a minha competência o permitia, marcar visitas, acolher os visitantes e vender ingressos. Tive oportunidade também de realizar tarefas próprias do meu estágio: conceber, preparar, preparar os materiais requeridos para realizar com sucesso a visita, como por exemplo, o puzzle que criei sobre o ciclo da água, escrever as histórias e a realizar visitas guiadas, para o meu projecto.

Uma outra tarefa que foi morosa e que necessitou de muito empenho da minha parte foi a pesquisa de conteúdos sobre o tema da água e todos os conceitos que lhe estão subjacentes e estudar aprofundadamente estes temas para que depois os conseguisse transmitir nas visitas. Com alguns dos temas tive algumas dificuldades, pois são muito científicos e eu apenas sabia o que tinha aprendido nos meus anos de estudante.

Relativamente à história do museu, tive que aprender tudo de raiz, pois é um museu muito específico e muito técnico e não aprendemos estas informações na escola. No entanto tive a ajuda da minha orientadora a quem colocava as dúvidas e me fornecia alguns textos mais simples, por saber que eu estava completamente à parte desta realidade.

### ***O Projecto dos Hospitais – As Visitas ao Hospital de Santa Maria***

De acordo com o pedido da ex-directora do Museu da Água para começarmos a efectuar visitas aos hospitais, a Bárbara, por considerar que tinha a competência técnica adequada, pediu-me que fizesse um projecto para aplicar nos hospitais. Desta forma,

contactei o hospital de Sta Maria para começarmos a efectuar visitas às crianças internadas no serviço de pediatria.

O projecto realizado, que pode ser consultado no anexo VIII surgiu a partir da vontade do Museu da Água da EPAL em participar mais activamente na comunidade, estando disponível para se dirigir a hospitais, sensibilizando este grupo para a herança patrimonial da EPAL e para um uso mais eficiente da água e sensibilização ambiental. Neste contexto, o MDA, propõe-se a animar a vida de crianças que se encontram em contexto hospitalar muito prolongado, de tal forma, que frequentam a “escola” dos hospitais, realizando actividades que se prendem com os conteúdos que estão a tratar na escola. As visitas consistiram na realização de jogos, debates, explicações sobre o tema da água, fazer desenhos, realizar experiências com água e animar as crianças levando personagens de época.

Para realizar as visitas tivemos que ter em conta o espaço do hospital, para reconhecimento. Para iniciar este projecto fizemos uma visita de diagnóstico que se tornou fundamental para conhecer as condições do espaço, para conhecer o público, de modo a tornarmos as visitas do Museu da Água da EPAL habituais para ajudarmos a melhorar a qualidade de vida daquelas crianças que, em determinadas ocasiões, passam anos naqueles corredores de hospital.

O nosso maior objectivo com este projecto foi levar o Museu até àqueles que, por condições temporárias ou permanentes, não se podiam deslocar até nós, ou seja: O Museu Vai ao Hospital.

A primeira visita foi fundamental pois serviu para conhecer o tipo de público com que íamos trabalhar. Durante a primeira visita, apresentamos o museu, explicamos que se dividia em quatro núcleos e levamos uns cartazes que contavam a história do museu. A visita correu bem uma vez que as crianças, apesar de estarem muito doentes, responderam bem ao desafio e foi uma visita divertida. Conseguimos cumprir o nosso objectivo uma vez que era levar um pouco da nossa realidade àquelas crianças e proporcionar momentos divertidos.

Na segunda visita realizada fizemos algo um pouco diferente, pois levamos o rei D João V, para falar um pouco sobre o Aqueduto das Águas Livres e fizemos ainda algumas experiências com água, como por exemplo, misturar algumas substâncias na água como sal, azeite e corante, para mostrar a solubilidade da água, que muitas das substâncias que colocamos na água são solúveis, como o sal e o açúcar. Levámos o azeite para explicar que existem líquidos que têm densidades diferentes e que por isso o azeite não se mistura na água, fica sempre à tona uma vez que é mais leve. Levámos o corante para mostrar que a água é uma substancia que facilmente fica poluída e consegue absorver tudo por onde passa. Desta forma com esta experiência conseguimos mostrar e explicar as características da água potável: ser insípida, inodora e incolor.

À medida que fomos fazendo mais visitas, foram correndo melhor e a visita do mês seguinte correu muito bem. A minha colega do serviço educativo encarnou a personagem de lavadeira e levamos ainda material para as crianças fazerem cartazes sobre o ciclo da água e um frasco e uma planta para que eles pudessem continuar a tratar dela. Os trabalhos feitos ficaram no hospital para serem expostos nas salas actividades que existem, no entanto também tivemos que levar alguns para o museu para mostrar ao nosso coordenador, pois no final do ano gostaríamos de fazer uma exposição com os trabalhos que realizamos no hospital e levar as crianças internadas a uma visita ao Museu da Água. O facto de se levar uma personagem faz com que uma visita seja mais simples de dirigir e de manter uma conversa com o público com quem se está a trabalhar.

Na visita seguinte, no mês de Março fomos ao hospital realizar um teatro de fantoches. Para que esta actividade pudesse ser realizada tivemos que levar todo o material, as imagens das personagens do teatro, os lápis de cor e o guião do teatro. Cada criança fazia um personagem e quando acabaram começámos a fazer o teatro. Cada criança disse apenas uma fala, pois nesta actividade tínhamos muitas crianças e as educadoras tiveram que ajudar aquelas que não conseguiam ler, pois nesta actividade havia crianças com muitas dificuldades físicas e mentais.

Na visita do mês de Abril eu e as minhas colegas planeámos levar a personagem de um pintor francês da corte de D. João V que ia pintar o Aqueduto das Águas Livres em tela.

Desta forma levamos telas para todas as crianças, algumas tinham o Aqueduto desenhado, para as crianças mais velhas e para as crianças mais pequenas desenhámos uma gota de água. Esta actividade correu muito bem, notando-se felicidade nas crianças dizendo que tinham gostado muito de pintar o Aqueduto.

No final da actividade também as educadoras vieram ter connosco e disseram que a visita tinha corrido muitíssimo bem e que as crianças tinham gostado muito pois sentiram-se valorizadas.

Na última visita aos hospitais inserida no meu projecto pintamos cartazes de sensibilização ambiental e fizemos uma experiência sobre água. Esta experiência prendia-se com o facto de querermos explicar a quantidade de água que está disponível no planeta e a quantidade que não está. Para realizar esta experiência tivemos que levar alguns recipientes para colocar água, sendo que a maior quantidade de água, cerca de 18 litros representava aquela que estava no mar, ou seja, que é salgada e daí retiramos 25 colheres de água para representar a água doce, que é muito menos. Dos 18 litros retiramos ainda 8 colheres de chá para representar a água doce que está presente nos lençóis subterrâneos. A actividade foi feita na íntegra pelas crianças e apenas li a experiência e ajudava a retirar as colheres de água quando precisavam de ajuda.

Este projecto dos hospitais foi uma das tarefas mais empolgantes do meu estágio uma vez que qualquer das actividades eram um desafio, pois estas crianças não estão preocupadas em nos agradar ou em responderem o que nós gostaríamos que eles respondessem, são muito sinceros e o nosso objectivo ao realizarmos uma actividade era fazer com que eles se sentissem melhores, sentissem que também eram capazes de levar uma “vida normal” e descontraí-los durante o tempo que a actividade demorava.

Todas as actividades foram avaliadas pelas educadoras e a avaliação delas baseava-se nas atitudes e comportamentos das crianças ao longo das visitas e também pelas actividades que nós implementávamos. A avaliação das educadoras foi sempre positiva e era uma motivação para que voltássemos todos os meses com actividades diferentes que proporcionassem momentos de alegria.

### ***Datas Temáticas***

No dia Nacional da Água, dia 1 de Outubro, o museu abriu as portas gratuitamente, (tal como acontece nos dias 22 de Março, 18 de Abril, 12 e 13 de Maio, 16 e 18 de Maio, 1 de Junho, 5 de Junho, 26 de Julho e Jornadas Europeias do Património) não havendo por isso visitas guiadas. No entanto, neste dia apareceu uma escola que vinha visitar o museu e eu e a minha orientadora encarnámos duas personagens: eu de Rainha D.Mariana D'Áustria e a Bárbara de lavadeira. Foi uma experiência muito engraçada, apesar de não interagir muito com as crianças nem de ter sido nada planeado. Uma das dificuldades desta actividade, era o facto de estar muito nervosa, pois não estava preparada para estar em contacto directo com o público, a encarnar uma personagem de época não sabendo alguns pormenores, que julgo, serem importantes, como por exemplo, saber quantos filhos tinha tido a rainha, pois esta foi uma das questões que os alunos colocaram.

Particpei ainda de alguns dias especiais, como por exemplo, a reabertura do Aqueduto das Águas Livres, no dia 1 de Março. Neste dia realizámos a recriação da corte de D. João V, em que eu encarnei a personagem de marquesa. Particpei no dia 18 de Abril, que é o dia dos Monumentos e Sítios, nas duas visitas que se realizaram neste dia. (No VII anexo existem algumas fotos sobre estes dias temáticos).

Particpei nos dias 16 e 18 de Maio, na noite Longa dos Museus e no dia Internacional dos Museus, respectivamente. No primeiro, vesti-me de Rainha D. Mariana d'Áustria para receber as quase 1000 pessoas que apareceram no Aqueduto das Águas Livres para participarem na visita guiada e poderem ver o AAL à noite. No dia 18 estive no AAL o dia todo, para realizar visitas guiadas a quem aparecesse para o visitar. De manhã realizei ainda uma visita em inglês. Este dia foi muito complicado, porque não me sinto muito à vontade em falar inglês, porque não tenho esse hábito e porque tenho muito pouca confiança, pensando a todo o momento, que estou a dizer coisas sem nexos. No entanto, apenas apareceu um grupo, que foi o da manhã e todos foram extremamente simpáticos e a visita, pode dizer-se, que correu bem.



Ainda neste mês, no último dia oficial do meu estágio, dia 31 de Maio, estive no AAL, de manhã vestida de rainha D. Mariana d'Áustria, para um concurso fotográfico para crianças e jovens, promovido pelo MDA e pelos espaços verdes da CML.

### ***Participação nos Passeios do Museu da Água***

Ajudei na preparação da visita “A Rainha -se – na Pista do Barroco”, contactando, telefonicamente, os interessados para confirmar as presenças e dar todas as informações necessárias aos participantes do passeio, no qual se tinham inscrito. Depois da visita analisei os questionários preenchidos para avaliar o passeio cultural. Ajudei ainda na preparação da visita dos “Chafarizes de Lisboa” para as Jornadas Europeias do Património, fazendo parte do folheto para entregar aos participantes e contactei com as pessoas, por telefone, para confirmar a presença. Além disso, participei (como observadora) em duas visitas deste mesmo evento: visita aos “Chafarizes de Lisboa”, na qual estive presente como repórter fotográfico e “O Post-Terramoto e a Inauguração da Estátua de D José I.

Ainda no âmbito dos passeios do Museu da Água participei ainda em várias “Taverna da Água”, que é um passeio que se realiza apenas para grupos de pessoas e com marcação prévia, ao último troço interior do Aqueduto das Águas Livres, saindo-se no Reservatório da Mãe d'Água, e visitando-se de seguida a Casa do Registo, que fica anexa ao Reservatório, na qual existia um lanche para os visitantes. Neste passeio, acompanhei a minha colega do serviço educativo, ajudando no que fosse preciso e tirando também algumas fotografias.

### ***Notícias para o jornal Águas Livres***

De entre as variadíssimas tarefas que realizei, escrevi ainda duas notícias para serem publicadas no jornal da EPAL, Águas Livres, (ver anexo V) a relatar a segunda visita efectuada ao Hospital de Santa Maria, do dia 16 de Janeiro. Esta visita foi conduzida por mim e pela Bárbara que interpretou a personagem do Rei D. João V e na qual realizei algumas experiências com as crianças. A segunda notícia deu conta de três iniciativas: de outra visita ao hospital, da participação do museu no piquenique dos livros, em parceria com a escola primária de Sta Engrácia, iniciativa essa que decorreu no museu; e do dia da criança no Museu da Água (anexo IX).

### ***Projecto “Este é o nosso bairro”***

O Museu da Água foi também contactado pela Câmara Municipal de Lisboa para realizar um projecto sobre a água no Bairro da Madragoa. Este projecto incluía a visita ao museu de cada escola primária que se situasse neste bairro, numa primeira fase e, numa segunda fase o Museu ir-se-á deslocar à escola para interagir com as crianças, realizando jogos e actividades relacionadas com o tema da água. Este projecto teve quatro visitas guiadas: em que duas foram feitas pela Bárbara e as outras duas foram feitas por mim.

### ***Participação em acções exteriores ao Museu da Água***

A minha orientadora de estágio do museu, a Dra. Bárbara Bruno, tem formação em história. Desta forma, foi convidada a dar uma palestra sobre a água em Lisboa a partir do séc. XVIII, na Associação dos Amigos dos Castelos, em Lisboa. Visto que considerava importante para o sucesso do meu estágio e porque história é um tema que sempre me interessou, assisti a esta palestra, para sintetizar alguns dos conhecimentos já adquiridos aquando da observação das visitas guiadas no museu.

Particpei ainda num seminário na ESE de Setúbal, no qual o Museu da Água esteve representado e onde fez uma apresentação sobre animação sócio-cultural, estratégia que utiliza na realização das visitas guiadas.

### ***Reuniões***

Particpei ainda em reuniões que se realizaram no MDA, pois todas as pessoas que trabalham no museu participam destas reuniões, incluindo as estagiárias.

### ***Exposições***

Ainda no decorrer do meu estágio ajudei na montagem de uma exposição de jóias que tinha como tema base a água, tendo sido essa a razão pela qual a exposição se realizou na Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos, na Sala das Máquinas, ajudando em tudo o que a artista precisasse.

### ***Trabalho Administrativo***

A pedido da responsável do serviço pedagógico, realizei uma base de dados das escolas que visitaram o museu durante o ano lectivo de 2006/2007, com todas as informações necessárias: nome da instituição, contactos e moradas, para que se possa contactar com as escolas e enviar as informações necessárias relativas ao concurso Águas Livres.

Ajudei ainda, com uma pequena parte, na realização do relatório de actividades de 2008, uma vez que as tarefas foram divididas.

Considero que todas estas tarefas - desde as visitas guiadas que observei e que estou agora a realizar até à contagem dos materiais -, foram muito importantes na minha aprendizagem sobre o funcionamento dos serviços educativos de um museu, sobre o mercado de trabalho e sobre o ambiente dentro de uma grande empresa.

Quando visitava um museu não fazia ideia que tudo o que é dito tem que ser estudado ao ínfimo pormenor e nunca imaginei que todas as visitas tivessem que ser pensadas e estudadas para que acontecessem. Penso que sempre acreditei que era uma coisa natural, que se debitava o que se sabia sobre um determinado sítio ou objecto e que isso já era algo inato à pessoa. Evidentemente enganei-me, pois nunca tinha perdido muito tempo a pensar neste assunto. Quando cheguei ao museu e ao longo do meu estágio percebi que afinal tudo tinha que ser discutido, organizado e planeado. Uma visita não acontece por acaso, uma exposição é pensada ao pormenor, uma festa é decidida com algum tempo de antecedência. Percebi que um museu não é apenas um local que se visita quando não temos mais nada para fazer e comecei a valorizar mais os museus e a inclui-los na minha agenda bem como as visitas que se vão fazendo ao longo do ano por Lisboa fora.

Quando somos nós o público e vamos a uma visita e essa mesma visita não corre bem, a atitude mais fácil a ter é criticar. Criticar porque correu mal e pensamos que não foi devidamente organizada e que se fossemos nós faríamos melhor e por isso atribuímos as culpas a quem fez a visita. Com este estágio percebi que nada é assim tão simples.

Quando vou a uma visita e corre mal, tento perceber porque aconteceu, mesmo que a culpa tenha sido da organização. A culpa pode ser da organização, mas porquê? Porque têm pouco pessoal, poucos recursos, poucos apoios. Este tipo de limitações podem

condicionar bastante o que se pretende desenvolver. Penso sempre duas vezes antes de criticar, para perceber se é uma crítica justa ou se é desadequada. No entanto uma grande aprendizagem para mim foi o facto de ter conseguido transpor esta atitude para todas as esferas da minha vida, tornando-me assim numa pessoa melhor.

Penso que foi muito positivo, uma vez que tive muita autonomia para fazer o que pretendia da forma como sabia, sendo aconselhada, pela minha coordenadora de estágio do museu, mas sempre com um grande nível de autonomia.

### **3.2 - A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO ACÇÃO NO MEU ESTÁGIO**

Para realizar o meu projecto de estágio realizei sobretudo a observação de visitas (para todos os públicos) se bem que o meu projecto se limitou às crianças do ensino pré-escolar e a um projecto de melhoria para o ensino do 1º ciclo. Um dos pontos teóricos que sustenta melhor este estágio é a reflexão-acção, uma vez que comecei a fazer visitas, passado pouco tempo de ter começado a observá-las. Desta forma, à medida que ia realizando as visitas percebi o que resultava mais e menos, adaptando assim a minha acção ao público, depois de reflectir sobre o que estava a fazer com a ajuda da minha coordenadora de estágio do museu. À medida que ia fazendo as visitas guiadas, planifiquei-as para me orientar melhor e para compreender se os objectivos estavam a ser cumpridos ou não. No entanto, à medida que realizei mais visitas, deixei de fazer planificações, porque estava a fazer as visitas do museu, que já tinham sido feitas pela minha colega do serviço educativo, pois o meu projecto ainda estava em construção e assim consegui ganhar alguma experiência e bases para o poder construir.

Ao longo do meu estágio, cheguei à conclusão que não valia a pena fazer planificações, uma vez que as actividades foram escolhidas e foram inseridas no meu projecto, no qual eu já tinha decidido quais seriam os objectivos, os materiais a usar, o público-alvo a quem se destinavam, os jogos e os conteúdos que iria tratar. Também o projecto e as suas actividades tiveram que ser adaptadas consoante a realidade, o público-alvo, pois numa visita em que não falasse tanto da parte histórica, se os alunos me perguntassem e tivessem dúvidas, obviamente que eu explicaria.

Penso que a reflexão-acção é a mais adequada para trabalhar na área de animação sócio-cultural, uma vez que os públicos são sempre diferentes, únicos e com características específicas, em que uma mesma visita não corre da mesma forma duas vezes.

Este tema da reflexão-acção e dos profissionais reflexivos, já foi tratado largamente na literatura. Alarcão (2007) foi umas das autoras que escreveu sobre ele. Esta autora descreve a acção do educador reflexivo como uma actuação flexível e contextualizada; em constante diálogo com a realidade na qual tem que mobilizar e reconstruir saberes, para poder transmitir aos outros. Realiza uma aprendizagem continuada que advém da experiência e na forma como a mobiliza, reflectindo na e sobre a sua acção como educador. Ponte (2003) num dos seus textos refere que, de acordo com Schon, a reflexão na acção o professor surpreende-se com o que o aluno faz e diz reflectindo sobre a atitude ou o assunto, tenta reformular o seu modo de ver problema e coloca questões ao aluno para testar a hipótese que formulou sobre a forma de pensar do aluno. Por sua vez Zeichner (in Ponte, 2003) refere que ser reflexivo não é algo que se possa comprar, não são passos ou procedimentos a seguir, mas sim uma maneira de ser e de estar com os alunos.

É necessário ter determinadas competências para que se possa ser um profissional reflexivo. Ter competências empíricas para que possa recolher dados sobre o que quer reflectir. É preciso ter competências analíticas para poder interpretar os dados que recolheu e para ao longo de uma visita poder ir adaptando a sua acção de acordo com o que os alunos vão dizendo e vão fazendo e é necessário ter competências avaliativas para poder pensar nas consequências educativas do seu trabalho e para aplicar os resultados em futuras visitas.

É necessário também ter uma atitude de mentalidade aberta para escutar e respeitar diversas opiniões e perspectivas e para poder retirar, em termos de aprendizagem, o que de melhor tem cada uma dessas perspectivas, ter em conta várias alternativas e a possibilidade de erro e é necessário haver predisposição para questionar, curiosidade para procurar e energia para mudar. (Ponte. 2002).

Podemos entender uma prática reflexiva como o questionamento da realidade em que os educadores estão inseridos, de modo a poderem melhorar a sua prática. A reflexão e o questionamento proporcionam uma reestruturação de práticas educativas para o melhor atendimento e desenvolvimento das crianças.

No entanto este profissional reflexivo surge apenas se existir uma reflexão, questões por parte dos educadores relativamente à sua prática, na vontade de querer conhecer para poder agir melhor; deve conhecer os referentes teóricos da disciplina/área que lecciona para poder analisar; deve dominar os métodos e as tecnologias adequadas; deve encorajar e servir de apoio, servir como um suporte afectivo-motivacional. Tudo isto serve para chegar a uma finalidade, conhecer e conhecer-se para agir numa determinada situação.

Existem algumas estratégias que servem para conseguir chegar à finalidade de conhecer a realidade que o rodeia (Alarcão. 2007). Por exemplo, perguntas pedagógicas, realizar observações e reflectir; pesquisar; agir e reflexões em grupo. As perguntas pedagógicas servem para confrontar os saberes e os reconstruir de modo a que possam ser melhor assimilados pelos alunos. As perguntas pedagógicas era algo que eu fazia ao longo de todas as visitas, para saber por onde começar, tendo em conta as respostas que os alunos me iam dando, mas também para poder tirar todas as dúvidas que os alunos pudessem ter em relação ao tema, que seria trabalhado naquele momento. Muitas vezes as respostas dos alunos não eram correctas, no entanto, também não lhes dizia que o que me diziam estava completamente errado, mas sim: “mais ou menos, uma parte do que disseste está correcto, mas a outra parte nem por isso”. Começava a explicar qual era a parte errada que os alunos tinham dito e porquê, até conseguir esclarecer as dúvidas que os alunos me colocavam, ajudando-os a pensar e a raciocinar, fazendo mais perguntas – (na explicação) -, para que eles conseguissem chegar sozinhos à resposta que pretendiam.

A observação é uma técnica orientada para um determinado objectivo, no qual a informação que se recolhe vai permitir compreender a realidade que rodeia o educador e fornece pistas para posteriores pesquisas (Alarcão. 2007). A técnica da observação, (que foi utilizada na primeira parte deste estágio, para que eu conseguisse criar um projecto

sustentado e que fosse aplicável nesta instituição, tendo em conta os recursos que tinha e o tipo de museu onde estava inserida) não implica apenas a constatação de determinadas situações mas também deve colocar questões e “desmontar” a situação que pretende analisar. A reflexão torna-se importante na observação, pois pode ser visto como o ponto de partida que facilita o conhecimento de uma determinada situação que foi observada.

As reflexões em grupo, era um outro ponto que acontecia com alguma frequência, no MDA, quando se terminava uma visita e se comentava como era o público, se iam preparados ou não da escola, se eram bem comportados e comentava-se também a atitude dos professores, quando considerávamos que eram positivas ou negativas e fazíamos uma avaliação informal em grupo, no serviço educativo. Discutíamos as visitas que corriam melhor, quais os jogos que funcionavam bem e que deixavam os alunos interessados até ao final da visita. Para que estas reflexões em grupo aconteçam é preciso escutar os outros, as opiniões e as experiências deles, apoiando o que consideramos que deve ser apoiado e partilhando também a nossa experiência, as nossas opiniões e os nossos saberes. Para que estas reflexões em grupo aconteçam é necessário também existir um diálogo, interior, para que compreendamos porque razão estamos a agir de uma determinada maneira e não cairmos na rotina, para que a nossa prática possa melhorar de dia para dia e consiga responder às necessidades e interesses do público-alvo com que se pretende intervir.

Para se ser educador reflexivo é necessário agir, pensando; compreender as razões do próprio agir; sendo-se responsável e saber o lugar que se ocupa na sociedade. “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.” (Freire cit. Alarcão;s/d).

A reflexão deve também ter em conta a realidade em que se insere, pois só assim consegue proporcionar aprendizagens significativas a cada elemento do grupo, de modo a seleccionar as melhores estratégias, situações, contextos e metodologias (Marques et al.s/d).

É através do confronto do que fazemos e do que se coloca em prática que se podem realizar reestruturações das práticas pedagógicas de cada educador. Desta forma, tendo em conta as reflexões de cada sujeito, os vários profissionais podem em conjunto arranjar soluções para as questões tornando-se para além de reflexivo, também um agente activo que implementa mudanças. A reflexão não passa somente pelo diário reflexivo, mas também, e sobretudo, pela partilha de angústias, interrogações que surgem à medida que a prática se vai desenvolvendo. Esta situação acontecia no MDA, pois para além de fazer actas de todas as visitas que realizava, por vezes, o simples facto de reflectir sobre determinadas situações não me dava uma solução sobre uma dúvida ou algo que não tivesse corrido tão bem. Este tipo de dilema pode ver-se nos diários de campo, por exemplo, no dia 1 de Abril.

Por isso, quase todas as semanas, e mesmo sem ser algo estruturado, pensado e organizado antecipadamente, falava com a minha colega do serviço educativo, que também era a minha orientadora do estágio e, uma vez que ela tinha muito mais experiência profissional do que eu, através da partilha, conseguia ajudar-me a reflectir e a encontrar soluções para algo que eu precisasse.

O educador como práctico reflexivo avalia as aprendizagens das crianças. No entanto, não deve avaliar apenas o que as crianças aprendem, mas também a sua prática, a sua acção, os seus objectivos e intenções. É através deste tipo de reflexão e questionamento que o educador pode melhorar as suas práticas e tornando-as cada vez mais adaptadas ao público-alvo reestruturando-as periodicamente nas planificações.

O profissional reflexivo só pode actuar quando com a reflexão, levanta hipóteses, experimenta e corrige através do diálogo que estabelece com a realidade que o envolve bem como com os outros. A acção do profissional deve focar-se na interacção entre o pensamento e a acção. No meu caso, em termos de resultados penso que as reflexões, que foram feitas ao longo do meu estágio foram preponderantes para o caminho que segui. Só a partir das reflexões posteriores às visitas guiadas consegui realizar as alterações ao meu projecto, relativamente às actividades e aos conteúdos e a quem se adaptavam melhor.



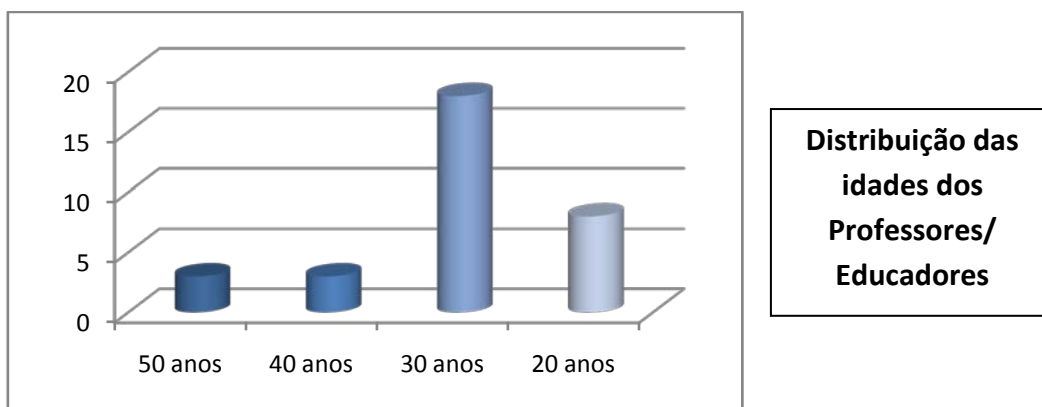
### **3.4 - A MINHA PRÁTICA VISTA POR PROFESSORES E ALUNOS**

Durante o meu estágio construí questionários de avaliação de visitas guiadas, (ver anexo I) que foram preenchidos ao longo de 5 meses por educadores do pré-escolar e professores do 1º e 2º ano do 1º ciclo do ensino básico. Estes questionários tinham como objectivo avaliar as visitas guiadas e encontrar críticas e sugestões que pudessem ser uma mais-valia para futuras visitas. Tinha ainda como objectivo estabelecer uma relação entre os dados pessoais dos indivíduos (idade, sexo, situação profissional e habilitações académicas) e as suas respostas.

Da análise fazem parte 33 questionários, preenchidos durante 27 visitas guiadas do pré-escolar e do 1º e 2º anos do 1º ciclo. As respostas fechadas dos questionários foram alvo de uma análise de frequências e as respostas abertas foram analisadas através da técnica da análise de conteúdo, criando categorias e indicadores. Todos os questionários utilizados neste trabalho são relativos às visitas realizadas por mim, ao pré-escolar e do 1º e 2º anos do 1º ciclo.

A maior parte das visitas realizadas decorreram na Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos (21 visitas), seguindo-se do Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, (7 visitas) e por fim o Aqueduto das Águas Livres, (2 visitas).

Para iniciar esta análise começarei por me referir às frequências das respostas fechadas. A moda das idades dos educadores/professores que visitam o MDA situa-se nos 30 anos (18 professores/educadores). Seguem-se os educadores/professores entre os 20 e os 29 anos, (8). Em igualdade de circunstâncias estão os professores/educadores com 40 e 50 anos (3 professores/educadores de 40 anos e 3 professores/educadores de 50 anos).

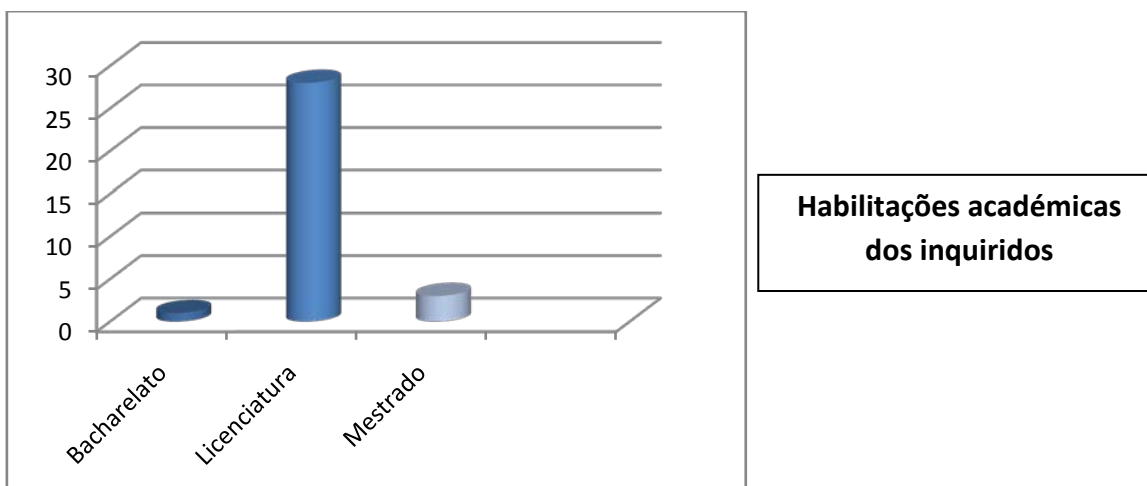


Em relação ao sexo dos professores, 30 são do sexo feminino e apenas 2 do sexo masculino, sendo que um dos inquiridos não respondeu aos dados pessoais. Os dois inquiridos do sexo masculino leccionam no 1º ciclo e não existe nenhum dos inquiridos que seja educador no pré-escolar.

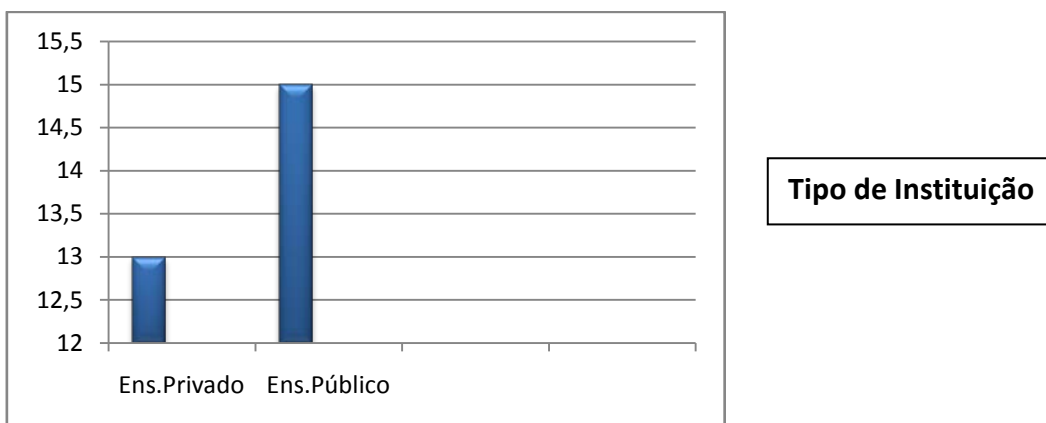
Relativamente à situação profissional de cada um dos inquiridos, a situação encontra-se muito distribuída em 3 diferentes categorias. 15 professores encontram-se na situação mais precária a de “contratado”; 14 são “Efectivos” e 5 pertencem ao Quadro de Zona Pedagógico – QZP.



Como se pode verificar pelo gráfico, apenas 1 inquirido possui ainda o bacharelato, sendo que 28 possuem licenciatura e apenas 3 são mestres. Existem dois casos, que responderam a opção de “Licenciatura” mas também a opção “Outro”, o que me leva a admitir que provavelmente será uma Pós-graduação.



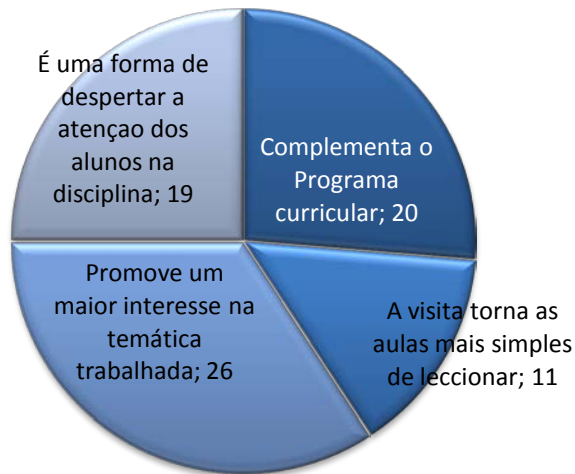
Em relação às instituições que visitam o Museu da Água, pelos dados recolhidos, podemos verificar que a distribuição é muito idêntica, como se pode ver pelo gráfico abaixo.



15 são do ensino público e 13 do ensino privado, existindo apenas 1 numa IPSS. No entanto existem mais educadores no privado do que no público, pois quase todos os infantários ou jardins-de-infância que visitavam o MDA eram do ensino privado.

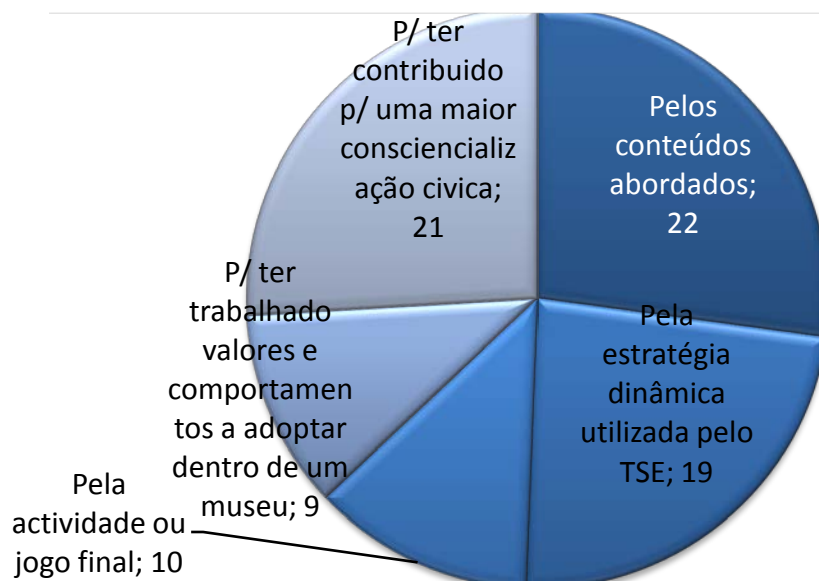
Na questão sobre “*Qual a importância da visita ao MDA*”, existiam quatro hipóteses. A que mais respostas obteve foi a de que a visita promove um “*maior interesse na temática trabalhada*” (26), a segunda hipótese com maior frequência foi a de que “*completa o programa curricular*” (22), seguida da “*forma de despertar os alunos para a disciplina*” (pela qual foram à visita) (19) e por fim a de que “*a visita torna as aulas mais simples de leccionar*” (11).

### Importância da Visita ao MDA

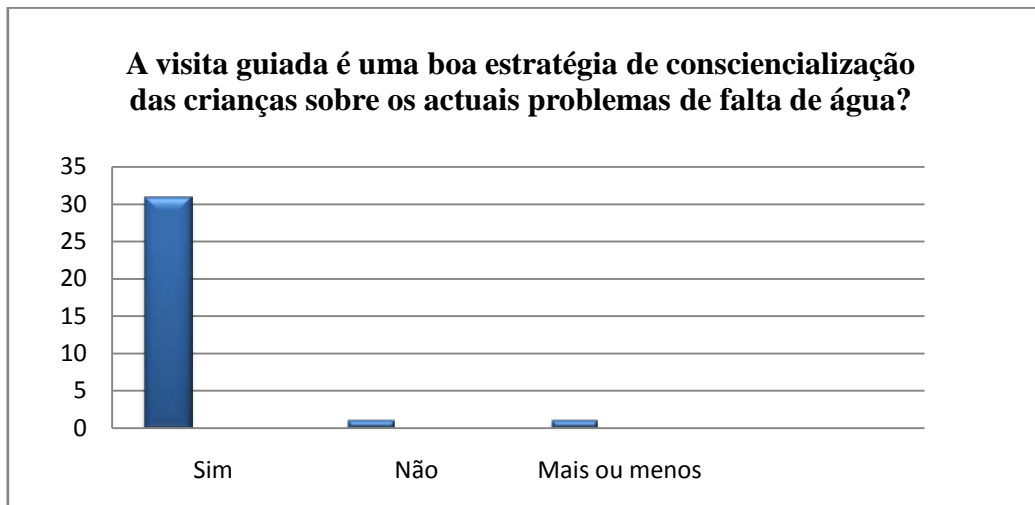


Na segunda questão “*Considera que a visita correspondeu às expectativas?*” as respostas distribuem-se da seguinte maneira: “*pelos conteúdos abordados*” (22); “*por ter contribuído para uma maior consciencialização cívica*” (21); “*pela estratégia dinâmica utilizada pelo TSE*” (19); “*pela actividade ou jogo final*” (10) e finalmente “*por ter trabalhado valores e atitudes a adoptar dentro de um museu*” (9).

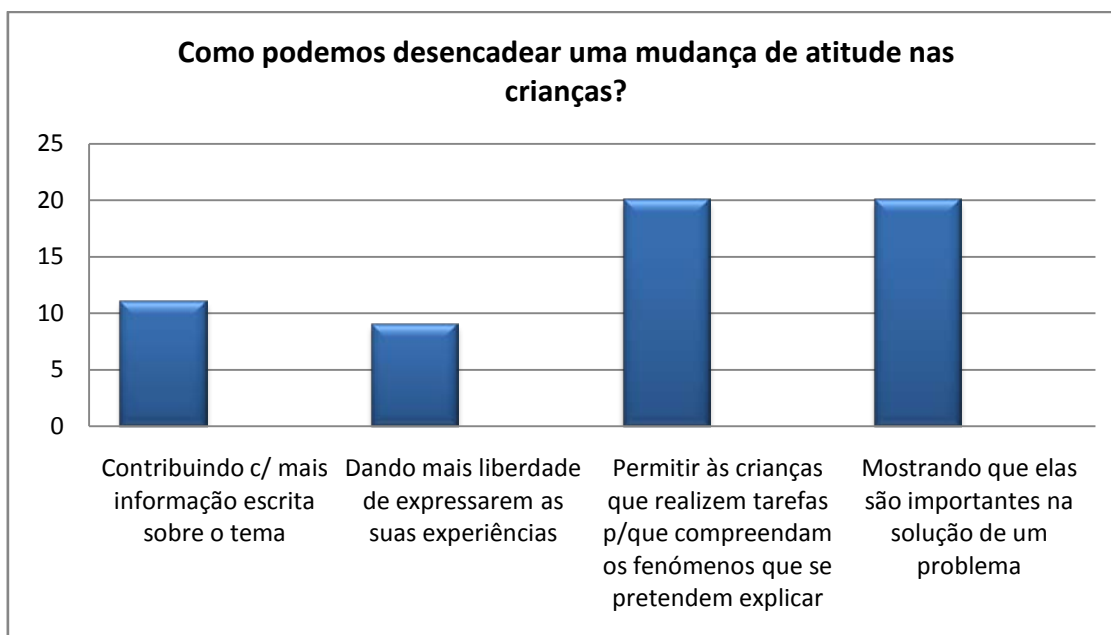
### Considera que a visita correspondeu às expectativas?



Na pergunta “*Considera que a visita guiada é uma boa estratégia para a consciencialização das crianças sobre os actuais problemas de falta de água?*” 31 inquiridos responderam afirmativamente.



Na questão seguinte “*Como podemos desencadear uma mudança de atitude nas crianças?*” as respostas distribuíram-se da seguinte maneira: “*permitir às crianças que realizem tarefas para que compreendam os fenómenos que se pretendem explicar*” (20) e “*mostrando que elas são importantes na solução de um problema*” (20). Segue-se a “*contribuindo com mais informação escrita sobre o tema*” (11) e por fim, “*dando mais liberdade de expressarem as suas experiências*” (9).

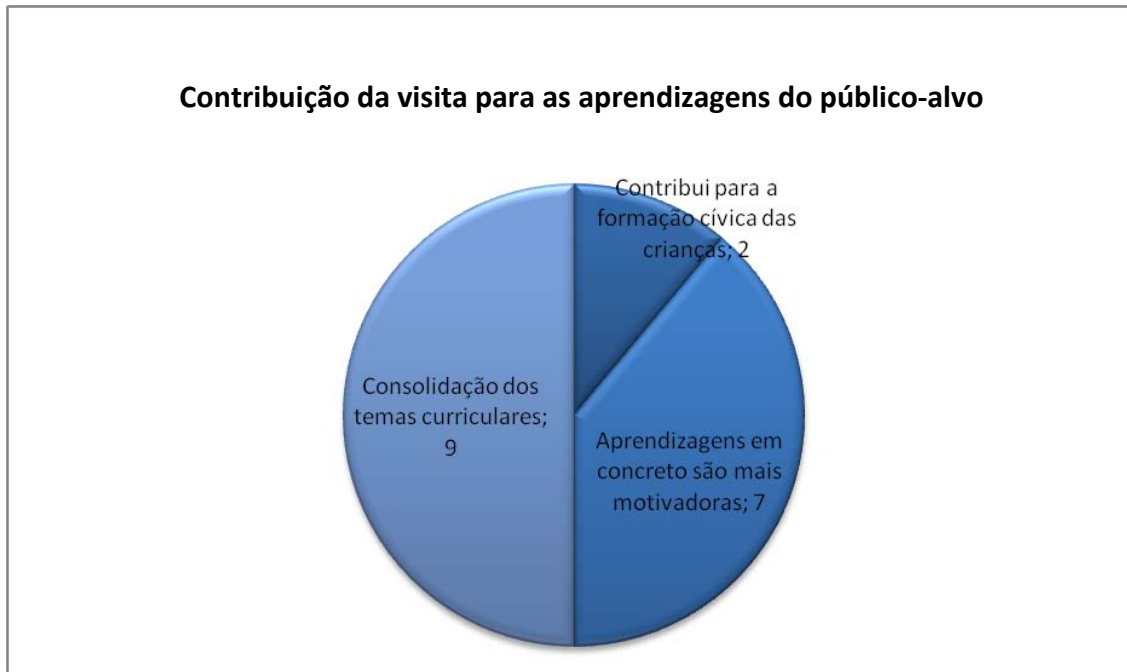


Estes resultados permitem retirar conclusões e admitir que alguns dos pontos teóricos tratados acima, neste caso se aplicam, como por exemplo: cada criança tem a sua experiência museal, que é única e depende das suas vivências e experiências. O trabalho social desenvolvido pelo museu, actualmente, permite que as crianças se tornem mais conscientes sobre o problema da falta de água no nosso planeta e na necessidade, premente, de poupar água.

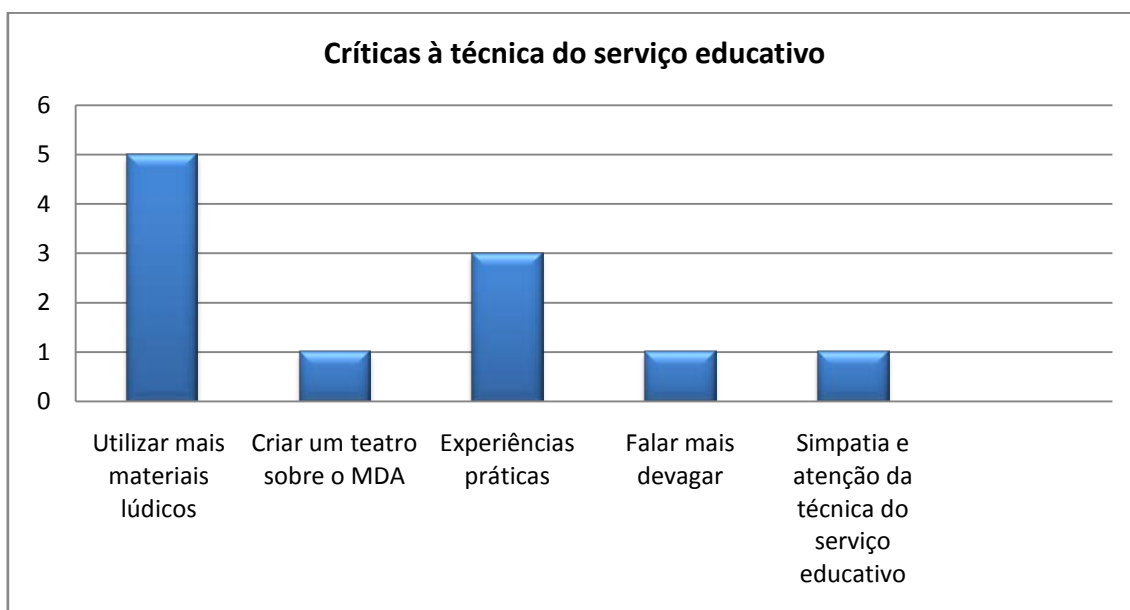
Para analisar as respostas abertas utilizei a técnica da análise de conteúdo, para conseguir criar categorias e assim poder incluir todas as respostas. De salientar que as respostas abertas não eram obrigatórias, portanto, nem todos os inquiridos responderam. Desta forma, na pergunta “*Adequação da visita guiada ao público-alvo*”, podemos verificar, pelo gráfico que as respostas são muito homogéneas. (ver gráfico 2 do anexo II).

As respostas foram na sua maioria, todas positivas, afirmando os visitantes, que a visita foi adequada ao público-alvo que estava a realizar a visita guiada, afirmando, mais uma vez, que todas as visitas devem ser adaptadas ao público com quem se está a trabalhar, uma vez que promoveu o desenvolvimento da criança, os temas coincidem com os que são trabalhados na sala de aula, pelas estratégias adequadas e pela clareza da explicação.

Na segunda pergunta aberta “*Contribuição da visita para as aprendizagens dos alunos*”, os inquiridos responderam da seguinte forma: ajudou a consolidar os temas curriculares, as aprendizagens em concreto são mais motivadoras e contribuiu para a formação cívica das crianças.



Quanto à pergunta sobre as *críticas a fazer à prestação da técnica do serviço educativo*, pode verificar-se que a maioria das respostas são críticas com um carácter construtivo, como se pode ver pelo gráfico abaixo.



Na última questão aberta do questionário “*Outras críticas ou sugestões*” não houve muitas respostas, apenas uma em cada indicador: “Menor tempo de exposição para os mais pequenos”; “arranjar um jogo para o final da visita” e “divulgar mais o MDA”. A Segunda crítica, esteve relacionada com uma visita ao aqueduto, em que a exposição demorou algum tempo e devido à falta de condições logísticas torna-se difícil fazer jogos no aqueduto, uma vez que é um espaço ao ar livre e não existe espaço disponível para guardar materiais.

Como se pode ver pelos gráficos as respostas estão muito condensadas nas mesmas perguntas, estando as críticas muito próximas. Considero no entanto, que as repostas foram bastante positivas e que, tendo em conta as respostas aos questionários, o projecto foi bem sucedido e que foi importante a sua realização, uma vez que permitiu que os alunos que foram às visitas ficassem mais sensibilizados para determinadas matérias que hoje em dia são muito importantes, como por exemplo, o tema do ambiente.

É a partir desta ideia que vou começar a analisar e a verificar se consegui cumprir os meus objectivos. Através da análise dos questionários consigo afirmar que a minha acção como técnica do serviço educativo foi muito positiva e consegui fazer da visita ao MDA uma experiência muito interessante.

Os objectivos nas variadíssimas visitas foram também cumpridos, pois apesar de mudarem as actividades, ou as experiências, a base temática das visitas foi sempre a mesma, exactamente para que os objectivos pudessem ser sempre cumpridos.

Começando pelos objectivos gerais que foram criados inicialmente, aquando da construção do projecto, cumpri os objectivos, pois realizei várias visitas guiadas com o tema da sensibilização ambiental e patrimonial e o primeiro tema era o que mais interessava para as acrianças do ensino pré-escolar, pois muitas das crianças que iam à visita estavam a fazer algum projecto sobre a água.

O segundo objectivo geral, que era dinamizar o museu com visitas guiadas e actividades lúdicas, também foi cumprido, na medida em que qualquer grupo, minimamente organizado, que aparecia no museu tinha uma visita guiada e acompanhando a visita



existiram sempre outras actividades (jogos, experiências, desenhos...) para complementar aquilo que tinha sido dito.

Uma das minhas grandes preocupações, desde que me iniciei a fazer visitas guiadas, era tentar saber se a visita correspondeu às expectativas, se os alunos/adultos tinham gostado da visita, se acima de tudo, se tinham divertido. No fim das visitas, portanto, fazia estas perguntas aos alunos e eles respondiam-me que sim. Eu, por vezes, até respondia por eles e dizia “Mais ou menos, não é?” e eles voltavam a afirmar que sim, que tinham gostado muito. Houve um aluno que numa das muitas visitas me respondeu que não e eu questionei-o, perguntando o porquê. O aluno respondeu: “Porque foi muito curta!”. Uma outra visita que realizei a crianças mais velhas, quando disse que a visita já tinha terminado, olharam todos para mim e perguntaram: “Já acabou?”. Todos estes comentários assim como comentários das professoras, faziam-me fazer perceber que os alunos não estão habituados a este tipo de visitas, que se dirijam, completamente, para os interesses deles, pois penso que ainda existe muito a ideia, por parte dos alunos, de que a visita ao museu é uma “seca” e sem interesse. Era, desta forma, muito agradável para mim ouvir estes comentários, vindos dos alunos, pois significa que gostaram e, como me disseram alguns alunos, “Vou voltar com os meus pais.” Portanto, sem dúvida, que este objectivo também foi cumprido.

Em relação aos objectivos específicos, o primeiro objectivo, mostrou-se um pouco mais difícil de concretizar, pois com as crianças mais pequenas, não enfatizava muito a parte patrimonial das visitas, uma vez que é um tema um pouco difícil de trabalhar. No MDA, apenas quando íamos visitar a sala das máquinas é que se referia este aspecto, de estar muito bem preservada e de ser a sala melhor preservada (de arqueologia industrial) da Europa.

O objectivo de sensibilizar para o problema ambiental do nosso planeta, também foi cumprido, uma vez que este era o grande tema trabalhado nas visitas guiadas, a par da história do património da EPAL, com as crianças mais velhas; e era o tema que mais interesse despertava nas crianças, pois todos os alunos sabem alguma coisa sobre este assunto, ou porque falaram na escola, em casa, porque leram livros, viram na televisão, etc...este é um tema em que todos podem contribuir um bocadinho para as

aprendizagens dos outros e desta forma, valorizar a sua própria aprendizagem. Este tipo de participação foi muito importante em todas as visitas que fiz e é típica de um espaço de educação não formal.

O objectivo “Dar a oportunidade às crianças de descobrirem o Museu da Água estimulando a imaginação e a criatividade”, também foi um dos objectivos cumpridos, pois ao longo das visitas promovia-se a participação e a interacção das crianças, e no final de cada visita, por vezes realizava-se um desenho ou um cartaz que tivesse a ver com a visita, promovendo desta forma a imaginação das crianças e estimulando a criatividade, fazendo com que elas realizassem aprendizagens por elas próprias, de acordo com as suas próprias experiências.

O último objectivo, “Implementar actividades e jogos no museu de forma que as aprendizagens sejam permanentes”, também foi cumprido pois consegui implementar o meu projecto, bem como todas as suas actividades e jogos, sempre com o objectivo de que as aprendizagens façam sentido para as crianças e tendo sempre em conta os seus interesses e necessidades.

Tendo em conta que os objectivos foram todos cumpridos, considero que a aplicação do meu projecto foi bem sucedida e, mais à frente, na discussão de resultados, pode encontrar-se a análise dos questionários respondidos pelas professoras e educadoras, que vão de encontro aos dados discutidos aqui.

### **3.5- AS APRENDIZAGENS REALIZADAS NO MDA**

Para começar devo dizer que gostei muito de fazer este estágio no MDA, pois na minha opinião, correu muito bem e consegui integrar-me na perfeição tanto no ambiente, como nas tarefas que me foram atribuídas. Gostei de todos os colegas, especialmente, das que trabalhavam comigo directamente, como a minha coordenadora e a recepcionista do museu, o que fez com o que trabalho que tinha que ser feito corresse muito melhor. Penso que este sentimento era mútuo e este aspecto ficou bem explícito na avaliação proferida pela minha orientadora, como se pode ver na nota de rodapé.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “Desempenhando desde o início (...) com elevada competência técnica e dedicação pessoal e profissional, todas as tarefas que lhe foram confiadas, demonstrou-se um elemento chave na execução,

Penso que tudo isto foi importante no sucesso do meu estágio e em todas as aprendizagens que fiz. Senti-me muito útil, por contribuir para as aprendizagens dos alunos e em contribuir para que eles se tornem cidadãos conscientes. No entanto, considero que também contribuíram para o meu desenvolvimento como pessoa, em termos sociais, pois aprendi a lidar melhor com a diferença, a compreender e a não ver apenas o que estava errado, mas também aprendi a distinguir quais os pontos positivos das visitas e dos visitantes.

Neste estágio cresci muito como pessoa, uma vez que senti que os alunos percebiam qual era o meu papel ao realizar uma visita e aceitavam e os alunos deixavam que eu lhes transmitisse os conhecimentos que tinha e assim poder cumprir os objectivos das visitas guiadas.

As minhas aprendizagens em termos de conteúdos prenderam-se sobretudo com os termos históricos e científicos que tinha que transmitir nas visitas e que por isso tinha que dominar temáticas como o ambiente e a história do museu.

Com este estágio confirmei o valor da licenciatura em Ciências da Educação, não tanto porque aprendi algo novo, mas porque percebi que é de facto uma licenciatura que desenvolve muitas competências estratégicas, ou seja, não é tanto pela especificidade, mas pela generalidade da formação, que adquirimos competências que nos permitem realizar um trabalho de qualidade. É uma licenciatura que nos ensina sobretudo a ler, a analisar, a observar e a questionar. Isto reflectiu-se na minha prática no museu, em todas as visitas que realizava.

---

com êxito, de todos os projectos relacionados com o Serviço Educativo, nomeadamente na condução de visitas guiadas a todos os tipos de público (...), na elaboração de um projecto de visita guiada para o público pré-escolar e do 1º ciclo, no qual foi responsável pelo trabalho de investigação e posterior programação e organização (...) na realização de workshops no Hospital de Santa Maria e ainda no apoio dado a todos os projectos (...). Manifestando sempre um enorme rigor técnico e uma disponibilidade e dedicação pessoal, a prestação da estagiária deverá qualificar-se como excelente.”

Quando os alunos chegavam no primeiro contacto, tentava manter uma conversa com eles para perceber quais os seus conhecimentos e para perceber quais as atitudes que costumam ter na escola com os professores.

Foi com estas capacidades desenvolvidas, que conseguia sempre dar a volta às visitas quando alguma situação se tornava um problema, por exemplo, quando tinha preparado uma visita e o público não respondia da forma que eu pretendia, então tinha que utilizar uma estratégia diferente, mais dinâmica, mais expositiva, mais interrogativa, dependendo da situação em estava inserida. Um exemplo desta afirmação pode verificar-se no diário de campo do dia 9 de Março, no anexo XIII.

Este estágio ajudou-me muito em termos relacionais e um dos aspectos que estive mais saliente e foi algo que tive que aprender rapidamente, a evitar conflitos. Quando se actua com o público e para o público é necessário ter um cuidado de forma a tentarmos resolver um problema da melhor maneira, no entanto também tive que aprender a evitar conflitos com os colegas, sendo que para isso é necessário escutar os outros e as suas opiniões, para que o ambiente no local de trabalho permita criar atitudes positivas. Um outro aspecto apreendido ao longo deste estágio foi a constatação de que quando estamos motivados e nos empenhamos o trabalho que desenvolvemos corre muito melhor bem como o seu resultado.

Aprendi também a lidar com todo o tipo de pessoas. Uma vez que lidava com público e porque estamos a prestar um serviço, encontramos pessoas que nos criticam, por vezes, sem percebermos porquê e outras que nos elogiam muito e valorizam bastante a nossa prestação e o nosso trabalho.

Um outro projecto que considero ter sido bem cumprido, foi o projecto no Hospital de Santa Maria, não porque a EPAL está a cumprir com a sua responsabilidade social, mas porque o Museu está a contribuir para a melhoria da qualidade de vida daquelas crianças, que passam, por vezes, anos naqueles corredores do hospital. É pelo sorriso dessas crianças, pela aceitação com que nos recebem, que eu e as minhas colegas do serviço educativo, voltamos todos os meses, para lhes levar algo diferente, um bocadinho da nossa realidade.

Obtive um bom feedback por parte das crianças que realizaram visitas comigo, pois acredito ter contribuído para as aprendizagens informais e não formais através dos conteúdos tratados e também pelas actividades/jogos que realizei no final das visitas.

Acredito que o projecto que desenvolvi deve ser visto ainda mais como um recurso educativo que complementa o que é dado na sala de aula, pois num museu existe a facilidade de as crianças apreenderem melhor os conhecimentos, fazendo ligações com o que já aprenderam, de uma maneira informal, transmitindo aos outros as suas experiências e partilhando saberes.

À medida que o projecto foi aplicado, houve algumas actividades e visitas que tiveram que ser adaptadas e reorientadas, pois cheguei à conclusão que havia algumas actividades que funcionavam melhor que outras, como por exemplo, as experiências com a água em vez das histórias sobre a água. Quando deixamos uma criança mexer num determinado objecto, ela ao sentir-se implicada, fica mais motivada. Assim, a visita das experiências funcionava melhor, pois as crianças estando mais motivadas ficavam mais atentas e era mais fácil prender a atenção para os pontos que pretendia explicar. As histórias não funcionavam tão bem, porque como eram lidas por mim e não eram animadas, ou seja, não havia fantoches nem marionetas, tornava-se muito aborrecida para as crianças. Com o passar do tempo e com a experiencia que fui adquirindo percebi que as visitas tinham que ser dinâmicas e o ser dinâmico significa falar pouco, mostrar mais imagens, fazer mais experiências para que as informações possam ser interiorizadas com mais facilidade.

Assim, foram realizadas mais visitas com experiências, uma vez que eram mais dinâmicas e incitavam à participação do público, pedindo opiniões, respostas e muitas vezes eram os próprios alunos que faziam as experiências e eu explicava o que significavam e porque a tínhamos realizado. Por exemplo, fazia-se uma experiência em que se colocava água num copo, até este estar cheio, quase a transbordar e depois colocavam-se clips, um a um, até chegarmos ao topo do copo, sem a água do copo transbordar. Toda a experiência era feita pelos alunos e eu explicava que esta experiência servia para mostrar que as moléculas da água tendem a juntar-se umas às outras e é por essa razão que a água não transborda do copo.

Foi também através dos conhecimentos adquiridos na licenciatura e pelos autores e teorias estudadas que consegui compreender facilmente questões acerca do comportamento das crianças e senti que estava preparada para poder exercer uma profissão na prática. Com o término do estágio este sentimento cresceu, bem como eu própria, pois sinto-me muito mais confiante. Como já referi, a principal dificuldade foi haver muito poucas marcações de visitas para o público-alvo do meu projecto, o que me levou a alargar a faixa etária para alunos do 1º e 2º anos do 1º ciclo, pois considero que as visitas e as actividades são perfeitamente adaptáveis.

Penso que este estágio, podia ser ainda melhor e mais formativo se tivesse tido a oportunidade de realizar mais visitas e se tivesse recolhido mais questionários dos professores, pois os dados recolhidos no questionário não foram os esperados, as críticas surgem sempre ligadas ao mesmo assunto “fazer jogos no final da visita”. Na minha opinião esta foi a crítica que mais vezes foi referida, uma vez que os professores ainda consideram que o museu tem determinadas obrigações e funções a cumprir para com a escola, como por exemplo, ser um complemento da matéria que se transmite na sala de aula. Este tipo de pensamento pode ser visto de duas formas. Se por um lado, é verdade que o museu tem uma função educativa, de transmissão de conhecimentos e de partilha de experiências para com os alunos; por outro lado a função educativa do museu não se esgota na escola, tendo muitas outras iniciativas educativas para o restante público.

A função do museu é sobretudo a de fornecer uma experiência significativa em termos de conhecimentos, dar espaço e liberdade de expressão aos alunos para contarem as suas experiências, podendo não se proporcionar numa visita a realização de um jogo e criando-se outras formas de aprendizagem para os alunos, como por exemplo, as perguntas constantes ao longo da visita, quando se termina cada uma das salas, para perceber se os alunos apreenderam os conhecimentos. Este momento (das perguntas no final de cada sala), costumava ser também, a par do jogo, muito divertido e descontraído. Neste tipo de actividade os alunos respondiam em grupo, o que faz com que se relembrem do que ouviram e para aqueles que não sabem uma resposta podem ficar a saber e apreender mais facilmente a informação.

## **Conclusão**

Um estágio por definição é muito mais rico pedagogicamente, do que qualquer outra forma de aprendizagem ou do que qualquer outro espaço de formação. Permite associar os conhecimentos adquiridos e a acção, a própria acção e a reflexão, a aprendizagem e o projecto e a intervenção na realidade. (Trindade, 2002:67). O estágio permite-nos cruzar e relacionar todas as aprendizagens que adquirimos na licenciatura, a formação teórica e prática.

Todas as experiências que estou a acumular, estão-me a transformar como “educadora”, como ser humano e a transformar a forma de ver a escola e a educação em geral, não atribuindo, de todo, o papel maioritário à escola, mas valorizando cada vez mais os espaços onde acontece a educação não formal e informal, como forma de contribuir para as aprendizagens que se vão acumulando ao longo da vida de cada indivíduo.

Cada vez mais, um museu é visto como um local que fomenta a aprendizagem permanente e um local onde estão presentes determinadas funções para além da educativa, como a função social e a da memória colectiva.

A animação sócio-cultural e particularmente a educativa é um dos maiores desafios à sociedade contemporânea, pois existem cada vez mais problemas sociais e por isso têm que existir também cada vez mais técnicos que saibam responder a esses problemas, adequadamente, sendo mediadores dos serviços e da cultura, promovendo uma cultura para todos, reconhecendo os direitos das pessoas e das comunidades a terem uma vida de qualidade e bem-estar. Esta situação coloca-se quando existem públicos muito desfavorecidos e as instituições tentam, de várias formas integra-los na sociedade, dando-lhes a oportunidade de poderem visitar e conhecer locais, monumentos, que se não fosse por esta via, provavelmente nunca o fariam. Durante o meu estágio tive uma visita no museu com alunos da Musgueira, que nunca tinham visto o rio. Tendo em conta que Lisboa é uma cidade com o rio muito próximo, penso que esta é uma situação muito grave. Se não fosse a escola estes alunos nunca teriam conhecido um museu e o mesmo acontece com muitas instituições que visitam o museu com crianças com

imensas dificuldades. A visita correu muitíssimo bem e os alunos, apesar de serem crianças com muitas dificuldades, gostaram da visita e portaram-se bem. Penso que neste caso a animação cumpriu o seu papel, conseguiu transmitir às crianças uma visão muito diferente do mundo, um que já existiu e dar-lhes a conhecer o mundo onde eles vivem. Penso que a visita serviu para que as crianças sintam que se integram num mundo e que fazem parte de algo maior do que apenas o bairro onde eles moram.

Este estágio fez-me crescer como pessoa em muitos aspectos. O primeiro foi o crescer internamente, como jovem adulta, pelo facto de ser responsável por um grupo de visitantes e de ter a responsabilidade, (e o dever) de transmitir informações correctas e sempre com a consciência de que estava a trabalhar e por isso devia ter uma postura muito mais adulta, pois se não o fizesse estaria a comprometer a imagem de um museu e de uma empresa com muita credibilidade na área. Esta postura e a simpatia que demonstrava com os visitantes tornou-se uma mais-valia importante no estágio, pois fez-me ultrapassar momentos de críticas menos construtivas com discernimento e educação para com determinadas pessoas que apenas vão a visitas guiadas e a determinados programas culturais para criticar.

Como já referi anteriormente, aprendi também a valorizar a diferença e a escutar os outros, de forma que não seja só eu a transmitir os conhecimentos, mas também a adquiri-los. Todas as visitas são diferentes, não existe uma visita igual duas vezes. Um dos aspectos que mais condiciona uma visita guiada é a postura do público, os comportamentos, as atitudes, os comentários.

Um outro aspecto que desenvolvi a par com a empatia foi o bom-humor nas visitas guiadas. Por si só, uma visita guiada, é uma actividade formal. No entanto e porque sou uma pessoa que apesar da formalidade da actividade, prefiro adoptar uma postura mais informal, utilizava o bom-humor para quebrar o gelo entre mim e os visitantes. Esta estratégia, que acabou por ser natural ajudou bastante a cumprir o meu papel com leveza e com descontração, no entanto, nunca esquecendo o rigor.

Este estágio fez-me pensar seriamente numa matéria que se ouve falar muito actualmente, que é a educação na cultura. Considero este assunto de extrema



importância e considero ainda é preciso continuar a trabalhar e a esforçarmo-nos cada vez mais para que este tipo de educação seja cada vez mais valorizada.

Sinto que com este estágio pude contribuir para uma melhoria da prestação do MDA na sociedade, com a implementação do meu projecto e com o reforço da campanha ambiental feita, actualmente, pelas escolas, pelos media, pelos vários projectos existentes nesta área provenientes de outras instituições.

Posso afirmar que os objectivos do estágio foram cumpridos, apesar de ter de me adaptar ao local conforma as necessidades e isso viu-se no meu projecto, assim como tive que me adaptar às tarefas que me eram incutidas, que faziam com que eu me sentisse mais uma trabalhadora do museu, a trabalhar para um mesmo fim e não apenas uma estagiária, pois colaborei diariamente com uma equipa, nas suas tarefas, interagindo e agindo no terreno, onde tentei sempre dar o meu contributo para que as tarefas corressem sempre pelo melhor.

Um outro aspecto que justifica o sucesso do meu projecto foi como já disse o feedback recebido pelos alunos. No entanto sei que o feedback foi positivo não apenas porque gostaram muito do museu ou porque as salas eram interessantes mas porque os guias, neste caso eu, são o cartão-de-visita para que uma visita com o público corra bem.

Existem alunos que fizeram visitas comigo duas vezes, porque iam com a escola e mais tarde com o ATL, e lembravam-se exactamente do que tinham visto, feito e o que tínhamos falado na visita anterior. Penso que este foi o aspecto fundamental para o sucesso das visitas e do projecto, pois o animador tem que ser uma alguém que promova a participação activa cívica e democrática dos grupos, tem que saber criar e descobrir valores nos sujeitos, conduzir à autonomia de aprendizagem do grupo, fornecendo pistas mas fomentando a auto-formação. Deve respeitar o grupo e promover a cooperação e a igualdade ao longo da visita, para que todo o grupo possa sentir-se estimulado e próximo do animador, tentando arranjar pontos de interesse em comuns para tornar a visita mais atraente.

Fundamentalmente, penso que se notava muito nas visitas que gostava realmente do que estava a fazer e acredito que isso ditou a forma como conduzi o meu projecto ao longo dos 9 meses.

Sinto que foi através da licenciatura, dos conhecimentos adquiridos ao longo dos 5 anos que consegui implementar um projecto e que consegui organizar e estruturar o estágio de forma que a teoria e a prática estivessem sempre presentes bem como a reflexão e o questionamento.

Um ganho muito importante, foi o aprender a ler e a interpretar a realidade consoante os vários comportamentos e atitudes dos sujeitos, aprendendo todos os dias a melhorar a minha prática e acrescentando sempre mais um pouco à minha experiência, tanto como licenciada em Ciências da Educação, mas também como pessoa singular na relação com os outros.

## Bibliografia

**Alves, F. e Sommerhalder, A.** (2006). O brincar: linguagem da infância, língua do infantil. *Motriz*, 2, (Pp: 125-132). Consultado em [Abril, 2008] em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/viewFile/100/77>.

**APOM.** (1971). *Museus e Educação*. Associação Portuguesa de Museologia. Lisboa.

**Aymon, B.** (2007). Olhares cruzados sobre a educação não formal. Análise de práticas e recomendações. Motivar os adultos para a aprendizagem – MAPA. Direcção Geral de Formação Vocacional.

**Barca, I.** (2003). Educação Histórica dos Museus. Actas das 2ª Jornadas Internacionais de Educação Histórica.

**Canário, R.** (1999). Educação de Adultos. Um campo e uma problemática. Lisboa: Educa.

**Canastra, F.**(s/d). Animação social, educativa e cultural? – Uma Aproximação Conceptual. Leiria. Consultado em [Março 2009] em: <http://anae.com.sapo.pt/rae/FC.pdf>.

**Duarte, A.** (1999). Educação Patrimonial – Guia para professores, educadores, monitores de museus e tempos livres. Texto Editora, Lda.

**Faria, M.** (2007). Avaliação. *In* Serviços Educativos na Cultura. (Pp: 67-76). Porto. Setepés.

**Faria, M.** (2000). *Educação – Museus – Educação. Projecto Educação e Museus*. Instituto de Inovação Educacional. Consultado em [Novembro 2008] em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/inovbasic/proj/arte/museus/museus-educacao.pdf>.

**Ferreira, F.** (2005). O local em Educação. Animação, Gestão e Parceria. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

**Ferreira, M.** (1979). Museus Para Quem? *In* APOM. Panorama Museológico Português – Carências e Potencialidades. Lisboa. Actas do Colóquio APOM 76.

**Garcia, E.** (1979). A medicina popular, o museu e a escola. *In* APOM. Panorama Museológico Português – Carências e Potencialidades. Actas do Colóquio APOM 76.

**ICOM.** (1995). Estatutos do ICOM. Disponível em [Maio 2009] em <http://www.icom-portugal.org/conteudo.aspx?args=55,conceitos,2,museu>

**Lima, M.** (1978). Museus e Universidades. *in* Museus Universitários. Sua inserção activa na cultura portuguesa. (Pp:113-121). Lisboa APOM.

**Lima, E.** (1992). A actividade da criança na idade pré-escolar. (Pp. 17-23). Disponível em [Outubro 2008] em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/inf\\_a.php?t=004](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/inf_a.php?t=004).

**Marandino, M.** (2004). A Transposição didáctica em museus de ciências. Revista Brasileira de Educação. Nº 26. (Pp. 95-108). Disponível em [Março 2009] em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27502608>

**Marques et al.** (\_\_\_\_). O educador como prático reflexivo. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

**Mendes, J.** (2003). Educação e Museus: Novas Correntes. Disponível em [Novembro 2008] em: <http://www.conimbriga.pt/>

**Ministério da Educação.** (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Departamento de Educação Básica – Gabinete para a expansão e desenvolvimento da educação pré-escolar.

**Pinto, M.** (2007). Evidências patrimoniais para a educação histórica: uma experiência educativa no centro histórico de Guimarães. (Pp.171-185). Disponível em:

<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/pinto.pdf>. Consultado em: Novembro 2008.

**Ponte, J. P.** (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM

**Primo, J.** (1999). Pensar contemporaneamente a museologia. Cadernos de Sociomuseologia. Nº 16. Disponível em [Março 2009] em: <http://www.museumonteredondo.net>

**Roso, A.** 2007. Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Das concepções às práticas de educadores de infância. Tese de mestrado. Lisboa. Faculdade de Ciências. [Texto Policopiado].

**Santos, C.** (2001). Museu e Educação: conceitos e métodos. Simpósio internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”.

**Santos, H.**(s/d). Avaliar “Competência(s)”. Como e Porquê? III Fórum Internacional: A educação na Primeira infância. Disponível em [Fevereiro 2009] em: [http://hen2.no.sapo.pt/avaliar-competencias\\_joane.pdf](http://hen2.no.sapo.pt/avaliar-competencias_joane.pdf)

**Silva, S.** (2007). Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus in Serviços Educativos na Cultura. Pp: 57-66. Porto. Setepés

**Trindade, R.** (2002). Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem. Novas práticas pedagógicas. Edições ASA. 2ª Edição.

**Trilla, J.** (2003). La educación fuera de la escuela. Ambitos no formales y educación social. Barcelona: Editorial Ariel.

Legislação:

● **Lei Quadro dos Museus Portugueses – Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto.**

Questionário de Avaliação das Visitas Guiadas

Este questionário surge da vontade de querer melhorar o nosso serviço junto do público que nos visita. Assim, convidamo-lo a deixar o seu contributo para podermos servi-lo melhor, avaliando as nossas visitas guiadas. Os dados e o seu tratamento são confidenciais.

**Dados Pessoais**

Data de nascimento \_\_\_\_\_

Sexo - M \_\_\_\_\_ F \_\_\_\_\_

Situação Profissional - Contratado \_\_\_\_\_ Efectivo \_\_\_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

Habilitações Literárias - 12º ano \_\_\_\_\_ Bacharelato \_\_\_\_\_

Licenciatura \_\_\_\_\_ Mestrado \_\_\_\_\_ Douturamento \_\_\_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

**Núcleo Visitado**

Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos \_\_\_\_\_

Aqueduto das Águas Livres \_\_\_\_\_

Reservatório da Mãe d'Água \_\_\_\_\_

Reservatório da Patriarcal \_\_\_\_\_

Nascentes \_\_\_\_\_

**Visita Realizada**

\_\_\_\_\_

**Escolaridade dos Visitantes**

Pré – escolar – Idades \_\_\_\_\_

1º Ciclo – Ano \_\_\_\_\_

2º Ciclo – Ano \_\_\_\_\_

3º Ciclo – Ano \_\_\_\_\_

Secundário – Ano \_\_\_\_\_

Superior – Ano \_\_\_\_\_

Outro – Ano \_\_\_\_\_

**Tipo de Instituição**

Ensino Público \_\_\_\_\_

Ensino Privado \_\_\_\_\_

**1. PORQUE CONSIDERA QUE FOI IMPORTANTE PARA OS ALUNOS TEREM VISITADO O MUSEU DA ÁGUA DA EPAL? (assinalar o que interessa)**

Complementa e sistematiza o programa curricular \_\_\_\_\_ A visita ao museu torna as aulas mais simples de leccionar \_\_\_\_\_ Promove um maior interesse na temática que será trabalhada na aula \_\_\_\_\_ É uma forma de despertar a atenção dos alunos na disciplina \_\_\_\_\_

**2. CONSIDERA QUE A VISITA CORRESPONDEU ÀS EXPECTATIVAS? (assinalar o que interessa)**

Pelos conteúdos abordados \_\_\_\_\_ Pela estratégia dinâmica utilizada pelo/a técnico/a \_\_\_\_\_ Pela actividade ou jogo final \_\_\_\_\_ Por ter trabalhado valores, princípios, atitudes e comportamentos a adoptar dentro de um museu \_\_\_\_\_ Por ter contribuído para uma maior consciencialização cívica \_\_\_\_\_  
Outro: \_\_\_\_\_

**3. CONSIDERA QUE A VISITA FOI ADEQUADA AO PÚBLICO-ALVO?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**4. PENSA QUE A VISITA CONTRIBUI PARA AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**5. CONSIDERA QUE A VISITA GUIADA É UMA BOA ESTRATÉGIA PARA A CONSCIENCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DOS ACTUAIS PROBLEMAS DE FALTA DE ÁGUA?**

Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

**COMO PENSA QUE PODEMOS DESENCADear UMA MUDANÇA DE ATITUDE NAS CRIANÇAS?**

(assinalar o que interessa)

Contribuindo com mais informação escrita sobre o tema\_\_\_\_\_Dando mais liberdade de expressarem as suas experiências sendo este o mote para expor o problema\_\_\_\_\_Permitir às crianças que realizem tarefas para que compreendam os fenómenos que se pretendem explicar\_\_\_\_\_Mostrando que elas são importantes na solução de um problema sobretudo se sensibilizarem os próprios pais\_\_\_\_\_

**6. COMO AVALIA A PRESTAÇÃO DO/A TÉCNICO/A DE SERVIÇO EDUCATIVO (TSE)?**

Má\_\_\_\_\_Suficiente\_\_\_\_\_Boa\_\_\_\_\_Muito boa\_\_\_\_\_

**6.1 – QUE ASPECTOS SUGERE QUE O/A TSE MELHORE?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**7. OUTRAS CRÍTICAS OU SUGESTÕES**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

O MUSEU DA ÁGUA DA EPAL AGRADECE A SUA COLABORAÇÃO!

O/A Técnico/a do Serviço Educativo que orientou a visita

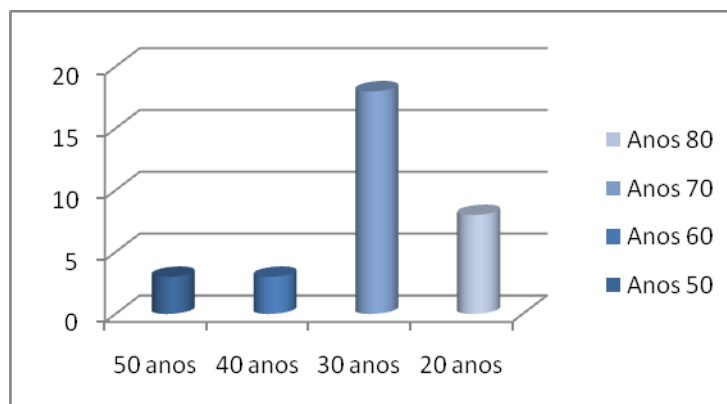
\_\_\_\_\_

Lisboa, \_\_\_\_\_

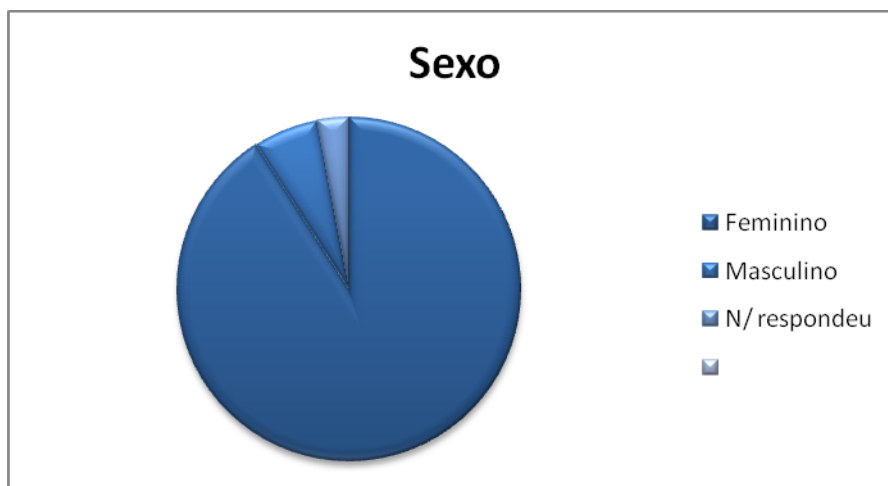


Anexo II  
Análise dos Questionários de Avaliação das Visitas Guiadas – Gráficos

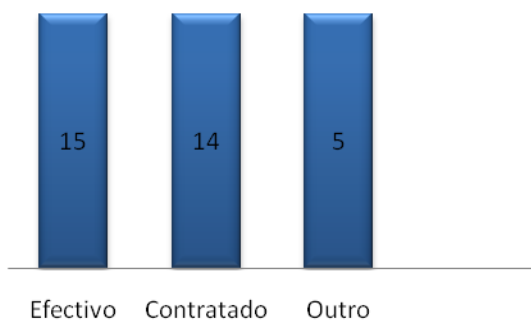
*Distribuição das idades  
dos Professores/  
Educadores*



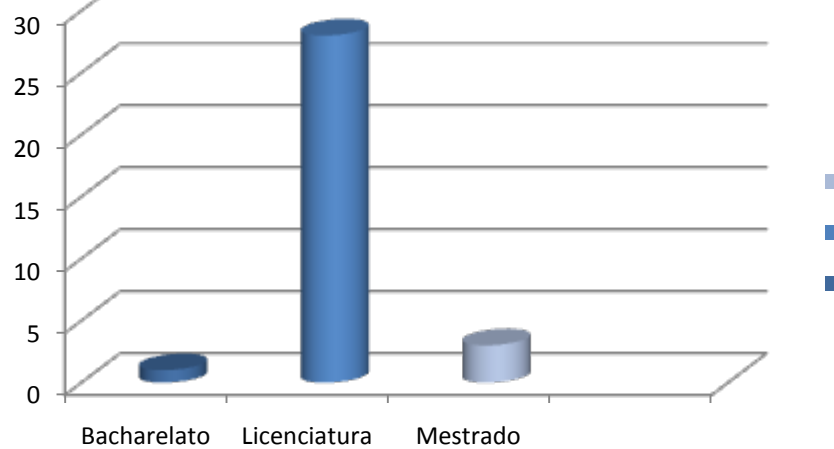
**Sexo**



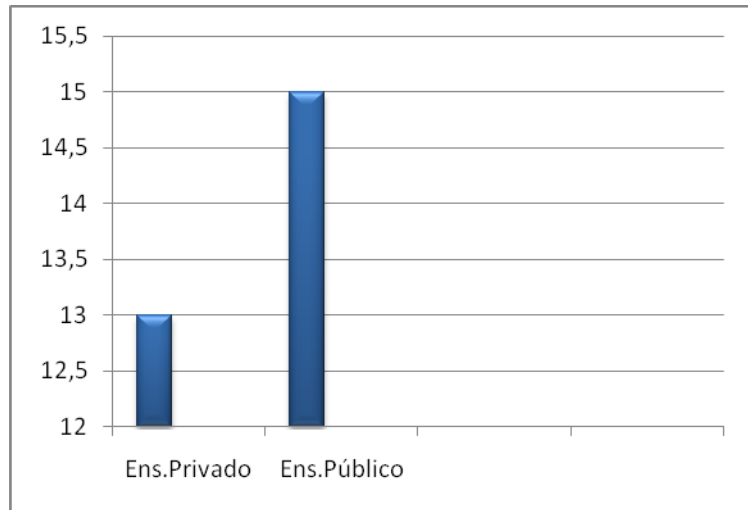
## Situação Profissional



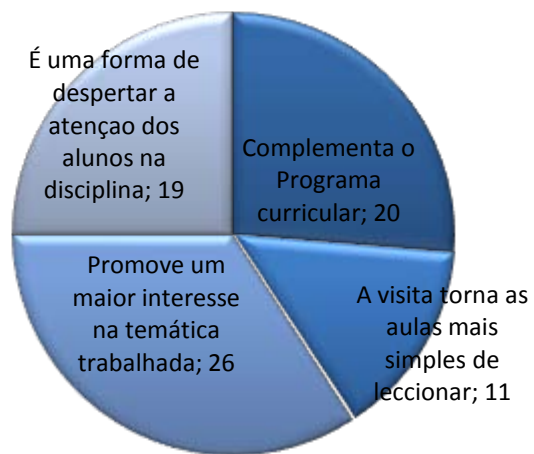
## Habilitações académicas dos inquiridos



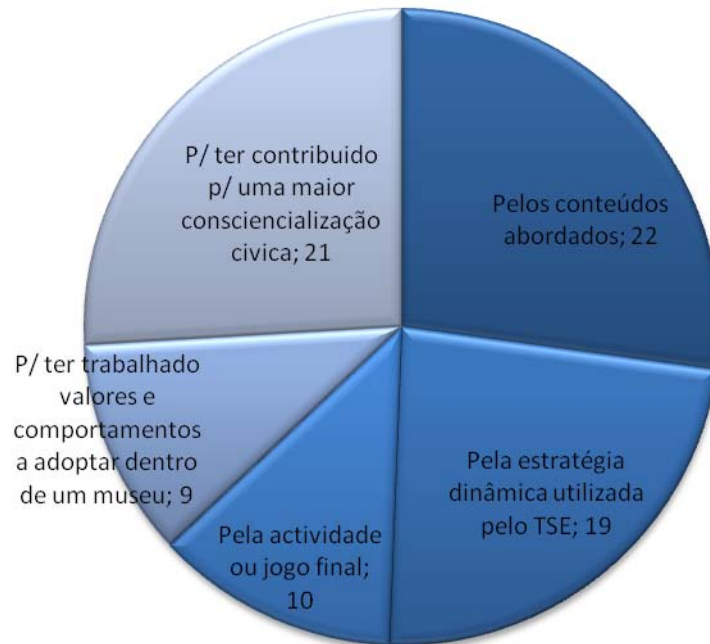
*Tipo de Instituição*



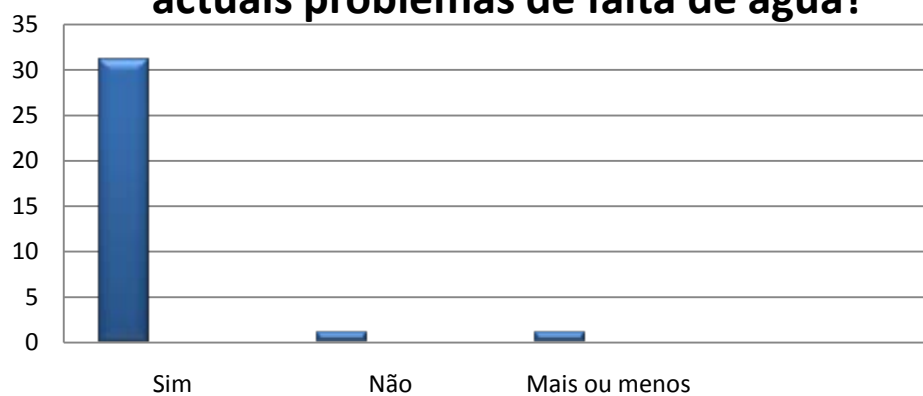
*Importância da Visita ao MDA*



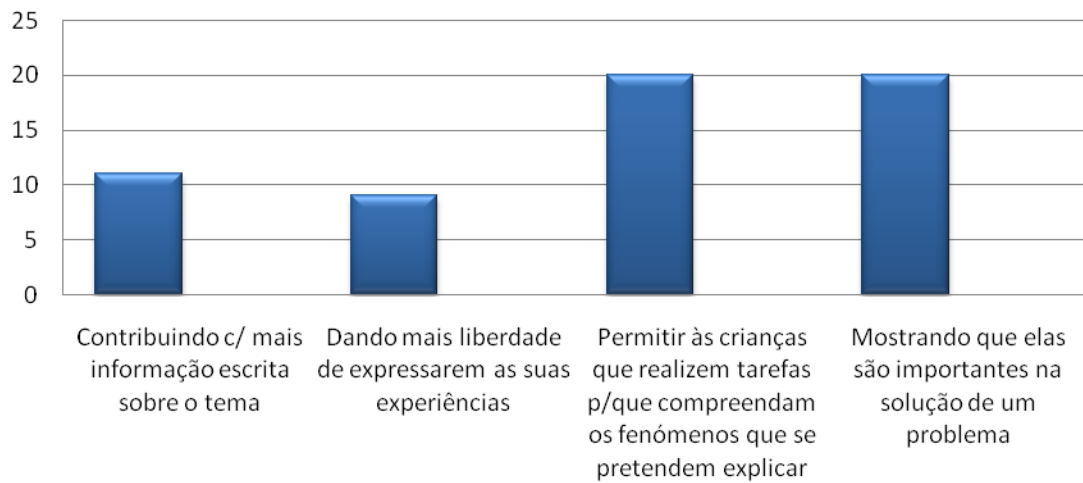
*Considera que a visita correspondeu às expectativas?*



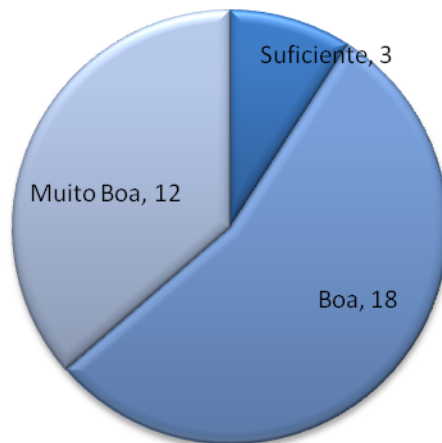
**A visita guiada é uma boa estratégia de consciencialização das crianças sobre os actuais problemas de falta de água?**



## Como podemos desencadear uma mudança de atitude nas crianças?



## Prestação da Técnica do Serviço Educativo



Anexo II

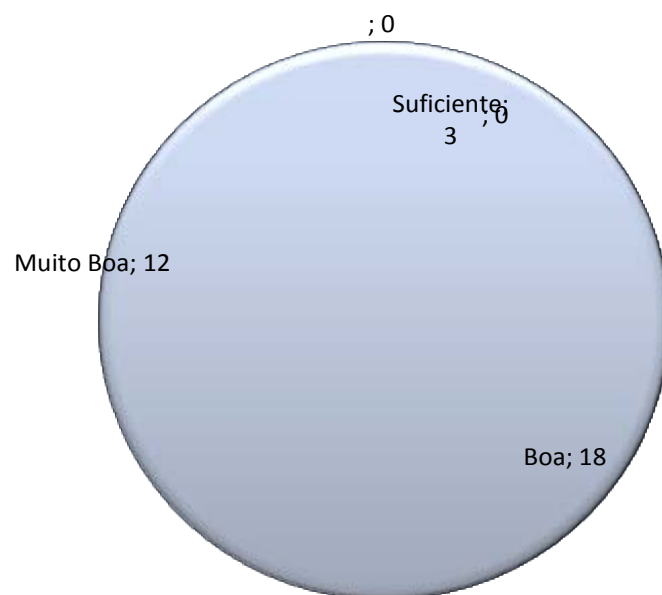
Análise dos Questionários de Avaliação das Visitas Guiadas

*Análise de Conteúdo dos Questionários (Questões: 3; 4; 6,1; 7)*

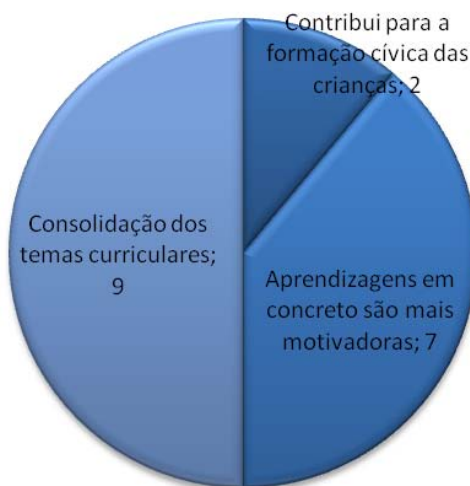
<i>Categoria</i>	<i>Indicadores</i>	<i>Frequência</i>
<i>Adequação da visita guiada ao público-alvo</i>	<i>- Promoção do desenvolvimento da criança;</i>	6
		8
	<i>- Estratégias adequadas;</i>	4
	<i>- Clareza da explicação;</i>	3
	<i>- Temas coincidentes com o programa curricular;</i>	3
<i>Contribuição da visita para as aprendizagens dos alunos</i>	<i>- Dificuldade de concretização de estratégias adequadas p/ o público-alvo;</i>	
	<i>- Contribui para a formação cívica das crianças;</i>	2
		7
	<i>- Aprendizagens em concreto são mais motivadoras;</i>	9
	<i>- Consolidação dos temas curriculares;</i>	

<p><i>Críticas à técnica do serviço educativo</i></p>	<p>-Utilizar mais materiais lúdicos (fantoques, imagens, livros, dvd's e objectos);</p> <p>- Criar um teatro sobre o MDA;</p> <p>- Experiências práticas;</p> <p>- Falar mais devagar;</p> <p>- Simpatia e atenção da técnica do serviço educativo;</p>	<p>5</p> <p>1</p> <p>3</p> <p>1</p> <p>1</p>
<p><i>Outras críticas</i></p>	<p>- Menos tempo de exposição;</p> <p>- Arranjar um jogo para o final da visita;</p> <p>- Divulgar mais o MDA;</p>	<p>1</p> <p>1</p> <p>1</p>

*Adequação da visita ao público-alvo*

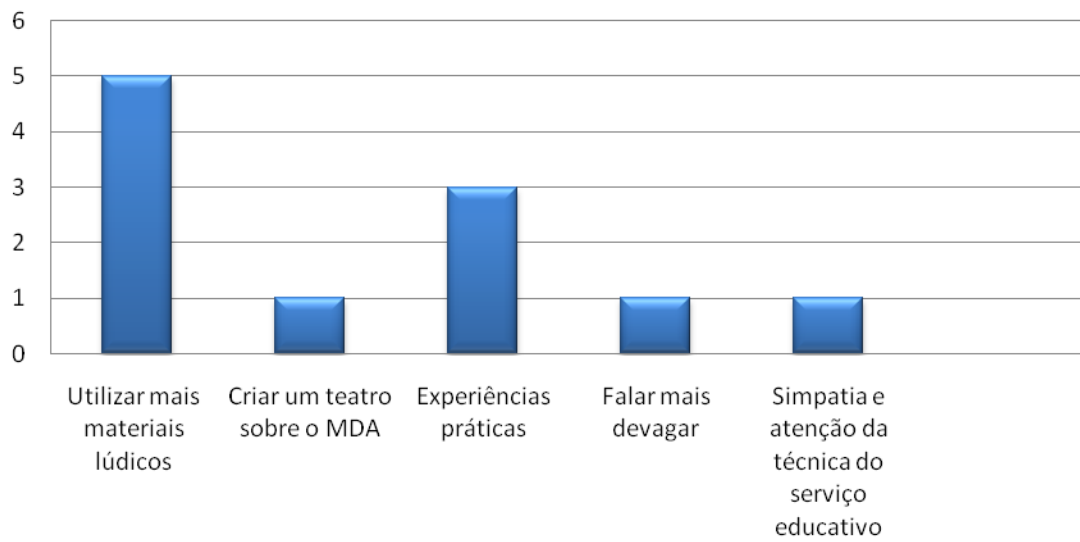


*Contribuição da visita para as aprendizagens do público-alvo*





## Críticas à técnica do serviço educativo





## FICHA DE MARCAÇÃO DE VISITAS GUIADAS

### MUSEU DA ÁGUA



Data de Visita \_\_\_\_\_

Hora \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_ Freguesia \_\_\_\_\_

Concelho \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_ Email \_\_\_\_\_

Nº Contribuinte \_\_\_\_\_ Pessoa de Contacto \_\_\_\_\_

#### Instituições Escolares

Pré – escolar – Idades \_\_\_\_\_

1º Ciclo – Ano \_\_\_\_\_

2º Ciclo – Ano \_\_\_\_\_

3º Ciclo – Ano \_\_\_\_\_

Secundário – Ano \_\_\_\_\_

Superior – Ano \_\_\_\_\_

Outro – Ano \_\_\_\_\_

#### Outras Instituições

Autarquias \_\_\_\_\_

Associações \_\_\_\_\_

ATL's \_\_\_\_\_

Colónias de férias \_\_\_\_\_

Outros \_\_\_\_\_

#### Tipo de Instituição

Público \_\_\_\_\_

Privado \_\_\_\_\_

Nº Visitantes \_\_\_\_\_

Nº Responsáveis \_\_\_\_\_

#### Núcleo a Visitar

Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos \_\_\_\_\_

Aqueduto das Águas Livres \_\_\_\_\_

Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras \_\_\_\_\_

Reservatório da Patriarcal \_\_\_\_\_

Nascentes \_\_\_\_\_

Conteúdos da Visita (breve descrição) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Guia da Visita \_\_\_\_\_

Custo de Ingresso \_\_\_\_\_

Factura

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_



# ***Amigos da Água***

---



MUSEU DA ÁGUA



## COMO POUPAR ÁGUA

Para poupar água não a podes desperdiçar nas tuas tarefas do dia-a-dia. Como por exemplo, na **CASA DE BANHO**:

**Lavar os dentes** –  
deves usar um copo  
e fechar a torneira,  
para não gastares  
mais água do que  
precisas;



**Lavar as mãos** – deves passar as mãos por água, mas enquanto as ensaboas, deves fechar a torneira e abri-la apenas quando precisares (cuidado, não deixes a torneira a pingar);



**Tomar banho** – deves tomar duche em vez de banho, porque gastas muito menos água. Enquanto numa banheira cheia se gastam 200 lt de água; se tomares um duche de 5 minutos gastas apenas 60 lt de água. E já sabes, enquanto te ensaboas fecha a torneira;

**Fazer a barba** – diz ao teu pai para fechar a torneira e encher o lavatório de água, assim, poderão poupar 15 lt de água ou mais;

**Descarregar o autoclismo** – descarrega-o só quando for necessário e tenta colocar uma garrafa de 1,5 lt dentro do autoclismo, para descarregar apenas a água que está dentro da garrafa, pois em cada descarga gasta-se 12 lt de água.



Na **COZINHA**:

**Máquina de lavar** – deve-se colocar a máquina a trabalhar apenas quando estiver cheia, pois gasta 30 lt de água; para poupar água, detergente e energia;



Se lavarmos a louça à mão, devemos encher o lavatório e devemos juntar alguma louça para lavar 1 ou 2 vezes por dia e assim, possamos poupar água;

**LAVAR A ROUPA:**

**Máquina de lavar roupa** – por a trabalhar apenas com a carga completa, pois consome cerca de 65 lt de água em cada lavagem; Se for preciso lavar roupa à mão, pode utilizar-se depois essa água para lavar o chão da cozinha;



No **JARDIM**:

**Regar as Plantas** – Para regar as plantas devemos regá-las de manhã cedo ou à noite, para não evaporar tão rapidamente; Para regar as plantas deve-se usar a água com que se cozeram os legumes e aproveitar a água dos ribeiros e dos poços.

### Alguns CONSELHOS:

Para poupar água podemos ainda corrigir alguns hábitos:

Fechar bem as torneiras quando estiverem a pingar;

Se o autoclismo perder água, devemos mandar consertá-lo assim que pudermos;



Chamar o canalizador quando um cano estiver rebentado;

Se faltar água na tua casa, recolhe apenas a água necessária e se sobrar não a deites fora, podes regar as plantas ou aquecê-la para lavar a louça;



Se vires água no meio da rua, que venha de uma conduta liga para a EPAL, Câmara Municipal ou Junta de Freguesia.

COMO POUPAR ÁGUA  
HOJE PARA  
CONSUMIRMOS AMANHÃ

Precisamos POUPAR ÁGUA  
HOJE para podermos  
consumir amanhã!

Museu da Água da EPAL

Rua do Alviela Nº 12

1170-012 Lisboa

Telef: 21 810 02 15/

Fax: 21 810 02 31

E-mail: [museu@epal.pt](mailto:museu@epal.pt)

[www.servicoaguaslivres.com](http://www.servicoaguaslivres.com)

[www.epal.pt](http://www.epal.pt)



MUSEU DA ÁGUA -  
Estação Elevatória a Vapor dos  
Barbadinhos



Para começar a visita guiada as crianças sentavam-se na primeira sala do museu, e começávamos a falar um pouco sobre a água.

Eu – Bom dia! O meu nome é Vânia e sou eu que vou orientar a vossa visita. Vocês sabem onde é que estão???

Alunos – No Museu da Água...

Eu – exactamente, estão no Museu da Água. Nós para começarmos a nossa visita, vamos começar por falar um bocadinho sobre a água...Vocês já falaram alguma coisa sobre a água lá na escola?

Alunos – Siiiiimmm, a água vem da chuva...

Eu – mais ou menos...para começar vamos falar sobre a viagem que a água faz todos os dias, a toda a hora, a todo o momento. Esta viagem começa onde, sabem?

Alunos – no mar, nas nuvens...

Eu – a viagem começa no mar e por causa do quê? O que é que aquece a água?

Alunos – o Sol...

Eu – pois é, então a água é aquecida pelo calor do Sol e formam-se umas gotinhas muito pequenas que sobem... e vão para onde?

Alunos – Para o céu, para as nuvens...

Eu – pois é, vai para as nuvens, dá-se a evaporação, já ouviram falar nisto?? Depois quando as nuvens já estão muito carregadas, a água cai...e pode cair em três formas...

Alunos – Chuva...

Eu – e se estiver frio, cai neve ou granizo. E a água do mar é doce ou salgada? E a das nuvens?

Alunos – a água do mar é salgada...a água das nuvens é salgada...

Eu – a água do mar é salgada, por causa das rochas e a água das nuvens não é salgada, é doce...porque o sal fica todo depositado no fundo do mar. O sal não se evapora, portanto, as gotas de água quando sobem vão doces e não salgadas. O que é que é mais pesado, é a água ou o sal? (faço uma experiência, de por sal na água e misturar).

Alunos – O sal...

Eu – Exacto, o sal é mais pesado, portanto fica em baixo, e o que sobe são as gotinhas de água. Ora bem, então e a água da chuva, quando cai, cai onde? Quem é que utiliza essa água?

Alunos – cai na terra, nos lagos, nas casas, no mar. As vacas bebem água.

Eu – pois é a água cai em todo o lado, no mar, nos rios, de cima da nossa casa, na terra, nos jardins, e quem a utiliza são os animais, todos os animais têm que beber água e as plantas e árvores. Porque se não beberem água, o que é que lhes acontece?

Alunos – Morrem. Sem água não há vida.

Eu – Pois é, tal como nós, se não bebermos água, nós também podemos morrer. E a água que nós bebemos, é doce ou é salgada?

Alunos – é doce.

Eu – pois é. E a água doce vem de onde?

Alunos – dos rios...

Eu – pois vem, a água que nós bebemos, a água doce, vem dos rios. E quando ela vem dos rios, está muito suja, e como nós não podemos beber água suja é preciso limpá-la, para que ela



fique potável. (experiência de por um líquido castanho na água, para que ela fique suja). Vocês bebiam esta água, assim suja?

Alunos – Nãaaaaoooo, porque está suja e podemos ficar doentes.

Eu – pois esta água está suja, é preciso limpá-la, sabem onde?

Alunos – Sim, numa fábrica de água...

Eu – Sim. Chama-se estação de tratamento de água, que é parecido a uma fábrica. É nesta fábrica que a água é tratada antes de vir para a nossa casa, para nós a podermos beber. Mais à frente, nesta visita, vamos falar mais um bocadinho sobre isso.

Eu – Então e no nosso planeta, vocês acham que há mais água ou mais terra? (mostra de uma imagem do planeta Terra)

Alunos – mais água.

Eu – Sim, é verdade, existe muito mais água do que terra, 70 partes de água e 30 partes de terra, portanto é muito mais água do que terra. Então e a maior parte da água é doce ou é salgada?

Alunos – Doce...

Eu – Então o que é que é maior, o mar ou os rios?

Alunos – o mar...

Eu – então existe muito mais água salgada no nosso planeta do que água doce, porque a água doce está nos rios, nos lagos, na água subterrânea (debaixo da terra) (aqui faço uma experiência sobre a água existente no planeta, dividindo a água em recipientes, para mostrar que existe muito mais água salgada do que doce). Então nós temos que poupar água no nosso planeta porquê?

Alunos – porque a água está a desaparecer...porque podemos ficar sem água...

Eu – o que está a desaparecer, não é a água do planeta, mas sim a água doce do nosso planeta, que é a água que nós usamos, não é?

Alunos –siiiimm...

Eu – ora bem, então agora quem é que me diz algumas maneiras de poupar água no nosso planeta?

Alunos – Fechar as torneiras, quando tomamos banho, quando lavamos os dentes...

Eu – sim é isso mesmo...quando lavamos os dentes, as mãos ou a cara, se fecharmos as torneiras, estamos a poupar água e assim gastamos só 2 lt de água. Se deixarmos as torneiras abertas gastamos 15 lt. Quando tomamos banho, devemos tomar como? de banheira ou de chuveiro?

Alunos – de chuveiro...temos que fechar a torneira...

Eu – sim devemos tomar banho de chuveiro e se fecharmos as torneiras e tomarmos um banho rápido, gastamos 65 lt de água, e se tomarmos banho de banheira gastamos cerca de 200 lt de água...

(No entanto, e como não podia deixar de lhes explicar o que tinha sido aquele local, explicava um pouco do abastecimento de água à cidade de Lisboa, como se pode ver no seguinte excerto):

Eu - Ora bem, vocês acham que antigamente as pessoas tinham água em casa? Tomavam banho? Bebiam água? Como nós fazemos hoje em dia? Será que tinham torneiras?

Alunos – Nãaaaaaaooooooooo...

Eu – Pois não, ninguém tinha água em casa. Então houve um rei que mandou construir, tipo uma ponte, que se chama o Aqueduto das Águas Livres, para trazer água para Lisboa. O que é

vocês acham que passava por cima desta ponte, que tem uns arcos muito grandes e que vocês, talvez, já passaram lá por baixo, de carro, quando vão para a praia ou...

Alunos – Sim, eu já passei por aí com os meus pais...

Eu – Então e o que é que o AAL trazia, acham que isto era uma ponte para os carros?

Alunos – Nãaaaaoooo...era para a água...

Eu – Para a água, muito bem! Esta ponte, funcionava, mais ou menos, como um escorrega...Vocês já andaram todos de escorrega, não já?

Alunos – Siiiiimmm....

Eu – Então e quando andam de escorrega é preciso alguém vos empurrar?

Alunos – Nãaaaaoooo...

Eu – Pois não...vocês escorregam sozinhos, não precisam de ajuda, e o mesmo acontecia à água que vinha pelo AAL, ela vinha sempre a escorregar sem ser empurrada, nem ajudada por nada. Vinha sozinha, pela lei da gravidade...quando forem mais velhos, vocês vão falar nisto lá na escola.

Então e já repararam que esta ponte tem dois tipos de arcos? Uns acabam num bico e os outros são redondos, de volta perfeita. Vamos todos imitar os arcos, com os braços façam lá um arco!

(E os alunos fazem, com os braços, um arco).

Eu – Muito bem! Então agora nós vamos passar para a sala onde vamos ver onde é que a água é tratada, antes de vir para a nossa casa.

(Os alunos levantam-se e dirigem-se para a última sala do museu, onde está a maquete de uma ETA- estação de tratamento de água).

Eu – ainda se lembram de falarmos do sítio onde a água é tratada antes de vir para a nossa casa?

Alunos – numa fábrica...

Eu – pois é! A água quando se tira do rio, como é que vem? Vem limpa ou vem suja?

Alunos – Suja.

Eu – pois vem, vem muito suja. E nós bebemos água suja? Porquê?

Alunos – Não, porque podemos ficar doentes.

Eu – pois é. Por isso a água antes de vir para a nossa casa tem que ser limpa. Porque a água que nós bebemos, a água potável, de que nós falamos à pouco, não pode ter três coisas: cheiro, sabor e quem é que sabe a outra?

Alunos – cor...

Eu – se a água da vossa casa viesse castanha, vocês bebiam essa água?

Alunos – Nãaaaaoooo...

Eu – pois não, porque essa água não se pode beber, não é água potável...Muito bem meninos, se não têm nenhuma dúvida, vamos passar para a sala das máquinas e ver como é que este sítio funcionava antigamente, para que é que servia. Pode ser?!

Alunos – Sim...

Eu – Ora bem, este sítio, onde nós estamos agora (sala das máquinas) já não está a funcionar, já não é preciso...mas antigamente estas máquinas serviam como um elevador para a água...Acham que a água tem pernas?

Alunos – Nãaaaaoooo...

Eu – pois não, a água não tem pernas, portanto ela precisa de ajuda para subir para os sítios mais altos, não é??



Alunos – Siiiiimmm...

Eu – Então antigamente, estas máquinas elevavam a água até ela ir parar aos sítios mais altos da cidade de Lisboa, como se fosse um elevador. Perceberam? Então vamos lá ver as máquinas a funcionar... (ponho a máquina a trabalhar).

Eu – Agora, vamos fazer uma roda e sentar no chão, para fazermos um jogo. Vamos fazer o jogo da mímica, que é assim: vocês têm que fazer gestos que tenham a ver com a água e que costumamos fazer todos os dias e pode ser: lavar os dentes, fazer a comida, beber água...qualquer gesto que tenha a ver com a água, mas não podem falar, só fazem o gesto, que é para os vossos amigos descobrirem qual é o gesto que vocês estão a fazer!  
(A visita termina e conduzo os alunos à saída do museu).

**Anexo VII**  
**Fotos das Visitas Guiadas**



Foto 1 – Visita Guiada à EEVB (Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos) com crianças do pré-escolar



Foto 2 – Visita Guiada à EEVB (Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos) com crianças do pré-escolar

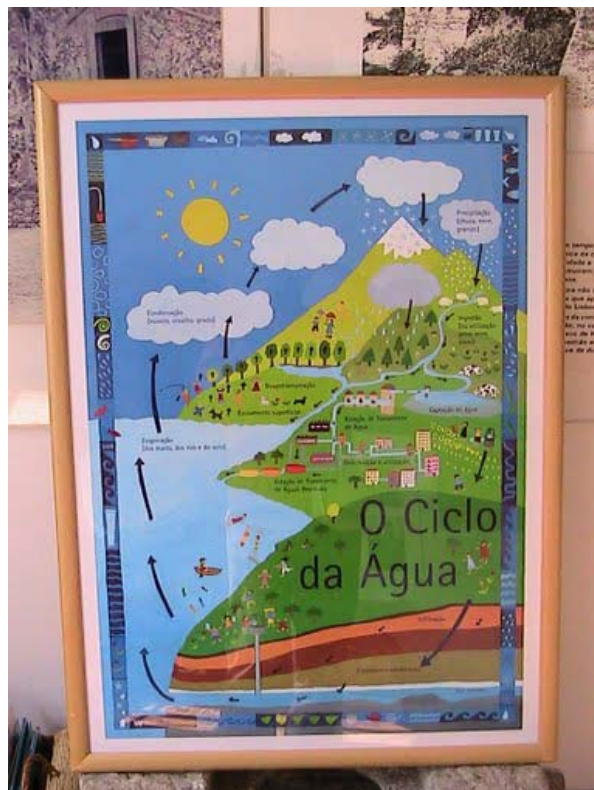


Foto 3 - Ciclo da Água  
utilizado nas visitas guiadas  
das crianças (pré-escolar e  
1º ciclo)

Foto 4 – Jogo da Mímica com crianças do pré-escolar



Foto 5 - Visita Guiada com crianças do 1º ciclo



Foto 6 – Visualização do filme



Foto 7 - Visita Guiada com Adultos no Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras

*Foto 8 – Visita Guiada com Adultos  
(RMAA) na Casa do Registo*



*Foto 9 - Participação no dia 1  
de Março – Reabertura do  
Aqueduto das Águas Livres*





*Fotos 10 e 11 - pequena representação  
numa  
visita guiada como Rainha D. Mariana  
D'Áustria*



## **O Museu da Água Visita os Hospitais** **- *Hospital de Santa Maria* -**

Este projecto surgiu a partir da vontade do Museu da Água da EPAL em participar mais activamente na comunidade, estando disponível para se dirigir a hospitais, sensibilizando este grupo para a herança patrimonial da EPAL, para um uso mais eficiente da água e sensibilização ambiental. Neste contexto, o MDA, propôs-se a animar a vida de crianças que se encontram em contexto hospitalar muito prolongado, de tal forma, que frequentam a “escola” dos hospitais, realizando actividades relacionadas com os conteúdos que tratam na escola.

As visitas, realizadas mensalmente, inicialmente consistiram em dar a conhecer o património da EPAL, e em explicações, muito simples sobre o tema da água, realizar experiências com água; realizar pinturas e desenhos sobre o património e sobre a água em geral e ainda a dramatização de uma peça de teatro improvisada.

O nosso maior objectivo é levar o Museu até àqueles que, por condições temporárias ou permanentes, não se podem deslocar até nós, ou seja: “O Museu Vai ao Hospital”.

**Tema Principal**

- A ÁGUA

**Instituição Acolhedora**

- Hospital de Sta Maria

**Calendarização**

- Mensalmente a partir de Dezembro

**Público-alvo**

- O público-alvo deste projecto são as crianças e jovens que estão internadas em contexto hospitalar.

**Finalidade do Projecto**

- Levar o Museu da Água da EPAL a prestar serviço à comunidade de forma activa, realizando workshops com crianças e jovens inseridos em contexto hospitalar prolongado, através da exposição do seu património cultural;

**Objectivos Gerais**

- Levar o património do Museu da Água da EPAL às crianças que estão inseridas em contexto hospitalar;
- Sensibilizar para a questão do problema ambiental patente no nosso planeta, através de workshops;
- Tratar, de forma educativa, temas como a poupança da água e a poluição do ambiente no nosso planeta;
- Trabalhar o conceito de educação patrimonial;

**Objectivos Específicos**

- Realizar actividades lúdicas, (pintura, teatro, experiências, etc) com as crianças e jovens, relacionadas com o tema da água;
- Explicar como é que o desperdício de água pode influenciar o ciclo da água e este o curso normal da natureza;
- Proporcionar momentos de lazer diferentes de modo a tornar a estadia das crianças no hospital menos dramática;
- Despertar nas crianças e jovens o interesse e a curiosidade sobre o tema da água e, sobretudo, de visitarem o Museu da Água da EPAL.

### **Actividades**

As actividades realizadas foram:

1ª Visita - Apresentação do Museu;

2ª Visita - Experiências com o Rei D. João V;

3ª Visita – O Ciclo da Água explicado por uma Lavadeira do século XVIII;

4ª Visita - Construção de Fantoques;

5ª Visita - Pintar o Aqueduto com Jean- Baptiste, um pintor da corte de D.João V;

6ª Visita – Cartazes de Sensibilização Ambiental e uma experiência com água;

### **Conteúdos**

Os conteúdos trabalhados nestas visitas foram sobretudo sobre a água. O ciclo da água, para que serve, a forma como se polui a água e o ambiente em geral. No ciclo da água, falámos sobre os seus estados, líquido, gasoso e sólido, explicando que a água que existe é sempre a mesma e que o ciclo da água é eterno e permanente.

Pretendi dar ênfase ao tema da poupança da água e às formas de poluição que o homem produz no planeta. A poupança da água é fundamental para que não se interfira ainda mais com o ciclo da água. È necessário ter em conta este processo e pensar que devido à acção do homem, o planeta está cada vez mais quente, que a camada do ozono está a diminuir, provocando doenças e provocando um aquecimento global prejudicial ao normal funcionamento da natureza.



## **Metodologia**

A metodologia utilizada na realização destas visitas foi muito dinâmica e informal. É importante termos em conta que as crianças estão fragilizadas devido ao contexto em que se encontram, sendo que um dos grandes objectivos, era diverti-las, utilizando várias formas para isso. Na primeira visita o Museu da Água pretendeu levar a sua mascote “A Gotinha”, em pessoa, como forma de apresentação. Nas visitas seguintes, o Museu propôs-se dar a conhecer personagens características de época (século XVIII).

A metodologia informal proporciona às crianças, aquilo que a escola proporciona em menor escala, que é a liberdade de as crianças aprenderem ao seu ritmo, fazendo as perguntas que quiserem e adaptando a planificação aos interesses deles. A metodologia teve que ser flexível, pois se a planificação da visita tivesse um tema mas no próprio dia eles quisessem falar sobre outra coisa, isso deveria ser feito, uma vez que não tínhamos um currículo que devêssemos cumprir nem uma planificação rígida a que estivéssemos presas. Portanto, a flexibilidade das planificações foi fundamental nas visitas que se realizaram.

## **Estratégias**

A principal estratégia utilizada foi a educação pela arte. Como? O Museu da Água pretendia que as crianças/jovens participem activamente nas actividades, desta forma, em todas as actividades existia um produto que deve fazer, um fantoche, um cartaz com o ciclo da água, pintar uma tela ou até mesmo fazer um quadro. Para que isto acontecesse preparámos as actividades de modo a que fossem dinâmicas, utilizando o pintar, recortar, colar, desenhar em grupo, para que as actividades promovessem a interacção entre as crianças e a cooperação entre eles.

Uma outra estratégia utilizada foi a utilização do conceito de educação patrimonial, ou seja, o facto de falarmos sobre o museu e sobre o património que a EPAL possui, pretendia que eles ficassem entusiasmados e interessados para quando saírem do hospital tenham vontade de visitar o museu. Este conceito deve ainda incutir nas crianças uma maior consciência cívica relativamente ao tema da água, à utilização eficaz da água e à poluição ambiental.

## **Avaliação**

A avaliação do projecto foi feita informalmente com conversas com a educadora depois de terminarem as actividades. O Museu da Água criou uma ficha de avaliação onde se pede uma avaliação qualitativa das visitas e algumas sugestões com que as educadoras gostassem de contribuir.

Assim, os objectivos a que nos propusemos foram cumpridos, a partir do momento em que nos apercebemos que as visitas tinham que ser muito dinâmicas, uma vez que as crianças/jovens não interagiam muito connosco.

### **1ª Visita – Apresentação do Museu**

## **Actividade**

A actividade é conhecimento das crianças e do espaço e esta actividade apresentará o Museu da água. Desta forma, a actividade será apenas de uma pequena introdução ao tema da água e nesta primeira actividade pretendemos dar a conhecer o Museu da Água da EPAL e o seu valioso património.

## **Objectivos**

Apresentar o Museu da Água da EPAL;

Introduzir o tema da água, falando um pouco das suas propriedades e das suas características;

Proporcionar momentos diferentes às crianças a quem a actividade se destina;

## **Recursos Materiais**

Cartazes do Museu da Água da EPAL;

Cartaz do ciclo da água;

Livros dos 4 núcleos do Museu (brochuras);

“Gotinha”

## **Participantes**

Educadoras do Museu; Crianças e pais, educadoras do hospital;

## **Conteúdos**

Os conteúdos a trabalhar nesta primeira visita terão a ver sobretudo, com alguma “desmistificação” dos museus, ou seja, na apresentação do Museu da Água da EPAL, pretendo referir quais são as suas particularidades: que tem quatro núcleos, todos localizados na cidade de Lisboa; apresentar as actividades que realizamos, com crianças, jovens, adultos e idosos, os passeios; as experiências que fazemos nas visitas com as crianças, etc.

Nesta visita falaremos sobre da água, (o ciclo da água), de acordo com a idade das crianças do grupo envolvido, aprofundando o tema sempre que necessário.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada será a de “exploração”, de forma a perceber qual a disponibilidade das crianças, numa 1ª fase irei iniciar a actividade mais devagar utilizando o lúdico, para que as crianças fiquem mais à vontade. Assim, a metodologia será a de perguntas e respostas, para perceber o que as crianças sabem e como posso introduzir a apresentação do museu e do tema da água. A metodologia pretende ser muito dinâmica para que as crianças tenham certos momentos diferentes e de descontração. Também será introduzida uma pedagogia informal, na qual as crianças aprendem o que consideram mais relevante, sem se preocuparem com as avaliações que terão que fazer no final de cada visita. São visitas para melhorar um pouco a qualidade de vida deles naquele espaço e não de ensino formal de conceitos relacionados com água. São apenas actividades de conhecimento e transmissão de informações que são relevantes para qualquer pessoa, em qualquer idade.

## **Estratégias**

As estratégias utilizadas, como já referi na metodologia, terão a ver com a utilização do lúdico, com a realização de jogos e de uma certa pedagogia interactiva, que se baseia, não apenas na exposição de informações que as crianças têm que dominar, mas sobretudo num jogo de perguntas às quais eles devem responder e participar activamente com relatos da experiência de cada um no quotidiano. A realização dos jogos, é também dinâmica, porque pressupõe que todas as crianças participem e contribuam com as suas vivências. Assim, ao contribuírem com a experiência e com a explicação de determinados conceitos que, inevitavelmente, lhes estão associados, as crianças conseguem encontrar algum sentido para as mesmas, pois compreendem que o que já viveram e experimentaram tem uma explicação científica.

# dacurta

## O Museu da Água voltou ao hospital

No seguimento da acção levada a cabo em Dezembro de 2008, em Janeiro o Museu voltou ao hospital e, desta vez, levou Sua Majestade, El Rei D. João V.

De Alvará debaixo do braço e acompanhado pelas estagiárias do Museu, lá foi o Excelentíssimo Rei D. João V, com toda a sua imponência, animar as 16 crianças que se encontravam internadas no Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria.

Durante uma hora foram feitas experiências, e foi-se falando do Aquecimento das Águas Livres.


Este segundo grupo de crianças era muito dinâmico e interagiu muito bem com o Rei e sua comitiva, fazendo perguntas, brincando, conversando e lendo uma história sobre uma gotinha de água que precisava de tomar banho.

Nesta visita, demos alta à gotinha que tínhamos deixado internada na



última vez, mas tivemos de internar Sua Majestade que, no decorrer do dia, se viu atacada de um grave caso de melancolia... Não sabemos muito

bem em que serviço ficou!

Prometemos voltar em Fevereiro ao hospital com mais personagens e mais histórias!  VÂNIA SILVA ROCHA MDA

*A aposta do Museu da Água continua a ser as crianças...*

O piquenique dos livros

No passado dia 23 de Abril, o Museu da Água, em conjunto com a escola EB1 nº 21 de Santa Engrácia comemorou o Dia Internacional do Livro Infantil, com a realização do Piquenique dos Livros no jardim do Museu.

Foram mais de 80, os participantes, que ao longo da tarde, participaram em grupos, nas várias actividades que foram realizadas. O Museu da Água contou um excerto da história “O Mundo É a Nossa Casa” e algumas adivinhas e rimas para que o momento se tornasse mais interactivo.

O Workshop dos hospitais

O Museu da Água continua com as suas visitas ao Hospital de Santa Maria. Nas últimas visitas levámos Jean-Baptiste, pintor francês da corte de D. João V, que pintou o aqueduto e que ensinou as crianças do Hospital a pintar em tela. A *aula* de pintura foi considerada um sucesso, registando boa afluência de público.

Já no final de Maio, fizemos cartazes de sensibilização ambiental e experiências com água, demonstrativas da forma como a água se distribui no nosso planeta. Fomos ainda convidados a participar na festa do Dia da Criança do Hospital, a qual contou com a presença da Dra. Maria Cavaco Silva, da Dra. Ana Jorge, Ministra da Saúde e do Prof. Gomes Pedro, Director do Departamento da Criança e da Família, entre outros convidados.

Vânia Rocha

ANEXO X  
Puzzle do Ciclo da Água





## O Reino da Poupança da Água

Conto utilizado nas visitas guiadas para o pré-escolar no MDA, sob a orientação de Bárbara Bruno, abordando temas tão importantes como: a poupança da água e a importância da água no planeta.

Não hesite em visitar-nos na Rua do Alviela Nº 12, 1170-012, Lisboa ou contactar-nos através do 21 810 02 15/52 ou através do e-mail [museudaagua@epal.pt](mailto:museudaagua@epal.pt).

Ilustração:

Autoria: Vânia Silva Rocha

Com o apoio de: EPAL S.A e Museu da Água



no

Numa terra muito bonita havia uma Rainha que gostava muito de água, pois tomava grandes banhos no lago que existia no seu palácio e tinha como sua conselheira uma Gotinha de Água.

Esta Gotinha de Água já tinha viajado muito, tinha andado pelos mares, pelos rios, pelas nuvens e até dentro dos copos das pessoas!!!

Mas esta Gotinha estava muito cansada e muito desiludida com tudo o que se estava a passar no

que era tão bonito e que as pessoas estavam a tratar tão mal – pensava a velha Gotinha de Água.

- A água está a ficar toda suja, o ar está a ficar poluído

e até as gotinhas amigas dela que estavam a descansar

gelo foram chamadas de urgência para ajudarem a limpar o planeta.

E a Rainha vendo-a assim tão triste e pensativa, perguntou-lhe:

- Que tens tu, velha Gotinha de Água, - como a tratava carinhosamente?

- Estou muito triste - respondeu a Gotinha de Água – minha Rainha, estamos a ficar sem água no nosso planeta para as pessoas poderem viver... até as minhas amigas gotas congeladas já foram chamadas.

- A sério??!! Então isso quer dizer que nós corremos perigo de vida?

A nossa terra também está a ficar sem água? – perguntou a Rainha.

- Sim, corremos um risco muito grande! As pessoas já começam a ter muita sede, já têm pouca água em casa, as fontes estão a secar porque não chove e o nosso lago está a ficar mais pequeno!!! – disse a velha Gotinha de Água.

O quê? O lago? As pessoas estão a ficar sem água?  
–perguntou a rainha muito indignada e continuou  
– Isso não pode ser! Eu vou falar com o Rei e os nossos conselheiros para tratar já deste assunto.  
Temos que fazer alguma coisa.

- Podemos começar por usar a água que não gastamos em casa para regar as plantas, as árvores de fruto e dar de beber aos animais porque eles também precisam de água.

Depois temos que dizer às pessoas para pouparem

água

a tomar banho, a lavar os dentes e a cara, para pouparem água na cozinha, fechando as torneiras.

Pois – disse a Rainha – se todos ajudarmos vamos conseguir salvar o planeta.

E assim foi, a Rainha falou com o Rei e com os Conselheiros, que ficaram muito assustados com a situação e foram logo falar com toda a gente em frente ao Palácio dos Reis.

No mês a seguir já tinha começado a chover e o lago já estava a aumentar outra vez, porque todas as pessoas tinham decidido fazer uma coisa:

**POUPAR ÁGUA!!!!!!!**

### **Observação de Visita Guiada**

Esta visita guiada teve como público-alvo idosos da CM de Lisboa provenientes do departamento de acção social. O grupo era constituído por cerca de 28 pessoas e 3 monitores.

A visita estava marcada para as 14.30h, tendo começado um pouco mais tarde, porque o público se atrasou. A visita guiada foi realizada por um estagiário do curso de Informação Turística, da escola superior do Estoril e a visita foi realizada em português. A linguagem bem como a restante visita foram adaptadas ao público que nos visitava. A visita correu muito bem, e os temas explorados, foram de acordo com o interesse do público, ou pelo menos assim pareceu, visto que fizeram muitas perguntas e fizeram comentários à explicação que estava a ser realizada. Foram abordados temas mais leves como por exemplo, a forma como se vivia em Lisboa no século XVII, antes da construção dos grandes monumentos que permitiram o abastecimento de água em Lisboa, tais como, o Aqueduto das Águas Livres, o Reservatório da Patriarcal, a Mãe D'Água das Amoreiras e a Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos. Foram abordados ainda algumas curiosidades, como a história do Diogo Alves e o nome da Serafina.

Uma das mais valias deste museu, é sem dúvida, o facto de se poder ver a trabalhar a roda que fazia o vapor subir. A visita terminou após 45 minutos, na sala das exposições temporárias, na qual estavam expostos quadros pintados por crianças iranianas, o que deixou muitos idosos maravilhados com a qualidade dos mesmos.

Acompanhei esta visita com muita atenção, uma vez que foi a primeira vez que vi uma visita guiada neste museu e por isso era necessário absorver toda a informação histórica possível que eu não possuo.

No final da visita tivemos um feedback muito bom, por parte do público e dos monitores, pois referiram por escrito e oralmente que a visita tinha sido muito interessante e que não tinha sido aborrecida.

No meu ponto de vista, penso que a visita correu muito bem, foram fornecidas as informações mais importantes e isso notou-se no feedback que nos foi dado. Esta observação foi muito importante, uma vez que irei realizar visitas guiadas, servindo assim, para interiorizar alguns conhecimentos históricos.

## **Diário de Campo - Visita a Chafarizes de Lisboa e ao Panteão Nacional**

Uma das tarefas realizadas nesta semana de estagio foi a preparação das Jornadas Europeias do Património, que consistiu na preparação dos materiais para a realização de algumas actividades, como sendo: O Passeio Inaugural dos Chafarizes da Zona Ocidental de Lisboa e o passeio O Post-Terramoto e a Inauguração da Estátua de D. José I.

Ambas as visitas foram realizadas pela responsável pelo serviço educativo do MDA da EPAL, em que eu a acompanhei com o restante do grupo.

O passeio dos chafarizes foi muito rico em informações históricas, apesar de ser um percurso relativamente pequeno, que começa no chafariz da Esperança passando pelo das Janelas Verdes, pelo chafariz das Necessidades e terminando no chafariz da praça da Armada. Em cada um dos chafarizes fez-se uma pequena abordagem relativa à história, construção e desenvolvimento dos chafarizes, ainda que de uma forma breve, uma vez que não existem muitas informações para fornecer. Houve também uma contextualização histórica da zona em que os chafarizes foram construídos, salientando os monumentos existentes, as igrejas e o mais relevante da zona. Neste passeio existiu ainda uma animação histórica de um aguadeiro da época, vestido a rigor e oferecendo água aos participantes do passeio.

Penso que a realização deste passeio foi muito importante em termos históricos, uma vez que esta é uma área com que tenho de me familiarizar com os temas trabalhados no Museu. O passeio foi realizado a pé, parando nos pontos importantes para o passeio e explicando o contexto histórico de cada um deles.

Relativamente à visita ao Panteão Nacional, que foi realizada em coordenação com o Panteão, o Museu da Água e o Museu Militar. Este passeio foi realizado pelo responsável do serviço educativo do MDA da EPAL.

A visita foi realizada pela parte da manhã e percorreu um percurso a pé desde o Panteão passando pela Fundição de Cima, onde se observou a estátua de D. José I, em gesso, parando depois nos locais em que a estátua pernoitou. Passamos depois para o Museu Militar para visitar o molde da estátua em bronze, de seguida passamos para o chafariz D'el Rey, havendo aí um lanche servido por um aguadeiro da época, onde foi servido pão-de-ló, muito típico da época e limonada. Também este passeio foi feito com animação histórica do aguadeiro e do Marquês de Pombal que nos acompanharam até ao

final da visita. No chafariz D'el Rey terminada a explicação histórica da época, dirigimo-nos à Praça do Comércio com visita à estátua de D. José I e explicação da construção da estátua e dos ornamentos envolventes da estátua, que representam o poderio e a força portuguesa da época. Na minha opinião, a visita foi muito participada e correu muito bem, uma vez que contou com a participação de 30 pessoas e todas terminaram o passeio. Também este passeio foi muito rico historicamente, uma vez que foram trabalhados conteúdos do post-terramoto, da acção do Marques de Pombal e de D. José I.

### **Reflexão - Setembro**

Este mês de Setembro pautou-se sobretudo pelo estudo da história da instituição, dos temas históricos que costuma trabalhar e dos conteúdos que passa à escola habitualmente, como a poupança de água, o ciclo da água e a forma como a água foi sendo utilizada pelo homem ao longo dos tempos.

Foi também um mês de reflexão acerca do projecto a desenvolver no Museu. O museu tem muitos problemas de recurso, sobretudo humanos e nomeadamente na realização de visitas guiadas, uma vez que o museu é composto por quatro núcleos. Desta forma, toda a ajuda neste ponto é bem-vinda, sobretudo com o pré-escolar e com o 1º ciclo. Assim, o meu projecto irá centrar-se nas actividades dirigidas ao pré-escolar (crianças dos 3 aos 6 anos), uma vez que não existem actividades em concreto, dirigidas a este público.

Desta forma o projecto será realizar actividades para crianças para crianças em idade pré-escolar e realizar visitas guiadas às mesmas e também ao 1º ciclo e em caso de necessidade ao 2º ciclo.

Este mês tive também o primeiro contacto com as visitas guiadas e os passeios existentes no museu e que são realizados mediante marcação prévia, nomeadamente o passeio “A Rainha Refresca-se” que se realiza nas nascentes do aqueduto, no aqueduto e na Mãe D'Água e com as visitas guiadas. Com estas consegui perceber quais os conceitos a trabalhar com os vários ciclos e as várias formas de o conseguir. No museu existem já vários jogos que são realizados no final da visita, para uma maior dinamização e para que as crianças possam adquirir os conhecimentos que aqui se lhes pretendem ensinar de uma forma mais leve, mais informal.

Este mês realizei também alguma pesquisa para colocar no relatório, não apenas pesquisa de termos históricos para realizar as visitas como também de alguma teoria sobre museus, educação informal e não formal e a forma como podem influenciar a vida das crianças, jovens e adultos.

Realizei também muitas tarefas administrativas, como fazer fotocópias, arrumações, fazer bases de dados, mas que são uma mais valia para mim, uma vez que de uma forma mais directa ou indirecta me põem a par do que acontece no museu.

Considero que este foi um mês muito positivo para mim, com uma grande avalanche de novas informações mas que são importantes para garantir a continuidade do meu estágio bem como o seu sucesso.

### **Diário de Campo – 17 Outubro**

No dia 17 de Outubro, iniciei a realização de visitas guiadas ao Museu da Água, para o público pré-primário.

A visita iniciou-se com a minha apresentação e com a realização de um jogo de mímica, relativamente a gestos que nós utilizamos quando usamos a água.

Esta visita foi alvo de uma preparação anterior, com a realização de uma história para explicar o ciclo da água e com a preparação de algumas imagens relativas ao tema, para que as crianças interiorizassem melhor os conhecimentos que estavam a ser expostos. No entanto, estas imagens tornaram-se um pouco inúteis uma vez que as crianças, que vinham de um colégio privado, já tinham muitos conhecimentos relativos à água: os estados da água, formas de poupar água, a distinção entre a água doce e a água salgada, a forma como as nuvens se formam, através da evaporação, dominavam também conceitos como a condensação e a infiltração nos solos. De certa forma, foi um pouco difícil dizer alguma coisa que eles não soubessem, mas foi também positivo porque pude explorar alguns dos conhecimentos que eles já dominavam. Os conceitos que menos trabalhados estavam eram os históricos, os aguadeiros, as lavadeiras, o funcionamento do aqueduto bem como a sua construção. Esta foi a parte mais bem trabalhada por mim nesta visita, pois foi onde eu pude explorar mais conteúdos com os quais eles ainda não estavam familiarizados. No final, subimos para a sala das máquinas, onde realizámos um jogo, o jogo das correspondências e viram a máquina a trabalhar. No entanto, penso que este jogo

era um pouco difícil para eles, e tinha também várias hipóteses, e penso que isso também os confundiu um pouco.

Considero que o público desta visita estava muito bem preparado, apesar de serem tão pequenos, penso até que se pode afirmar, que estava mais bem preparado do que alguns alunos dos 1º e 2º anos que têm vindo realizar visitas ao museu.

Apesar de ter gostado do público, eles eram um pouco dispersos, devido também à idade, pois eram muito pequenos e penso que a visita podia ter corrido melhor, penso que podia ter explorado mais os conceitos que já vinham trabalhados da sala de aula. Considero que um dos pontos fortes da visita foi não ter demorado muito tempo, e o facto de eles terem mostrado interesse, até um determinado ponto, pois a partir de um certo momento, notou-se algum cansaço nas crianças.

A visita demorou cerca de uma hora, o que penso ter sido o mais adequado para a idade do público, uma vez que eram muito pequenos e este museu é um pouco difícil de adequar para crianças tão pequenas, porque é um museu pequeno, com muita história e para os públicos mais novos, algo complexo.

### **Diário de Campo – 22 Outubro**

A visita guiada, desta vez, foi organizada de maneira diferente, uma vez que foi feita por duas pessoas, por mim e pela colega do museu. Mais uma vez foi uma visita para crianças do pré-primário, de 5 anos, e a visita dividiu-se em duas partes: na parte histórica do museu, falando da exposição e de como era antigamente a utilização da água, que foi realizada pela Bárbara, funcionária do museu e responsável pelo serviço educativo e na segunda parte da visita tratou-se sobre o tema da água, no geral. Estas crianças já sabiam muitos dos conceitos, que são um pouco mais complicados de explicar, como a o buraco e a camada do ozono, a poluição do meio ambiente e sobretudo da água e os vários conceitos que se explicam com o tema da água.

As crianças foram muito receptivas, participaram muito na visita, responderam às perguntas que foram colocadas e correctamente, o que me deixou mais confiante e segura para discursar, ainda que pouco, sobre a água. A visita pautou-se sobretudo pelas perguntas que foram feitas ao longo da visita, primeiro pela Bárbara e depois por mim.

Depois de a visita anterior, fiquei com muito receio e com muita falta de confiança, por não ter considerado que a visita tivesse corrido bem, o que me deixou muito insegura para realizar esta visita. Tem sido um pouco difícil, ter tempo para estudar os conceitos e a história básica do museu e penso que o meu medo vem sobretudo deste ponto, de pensar que se me fizerem uma pergunta eu posso não saber responder.

No entanto, penso que a visita correu muito bem, pelo menos foi essa a impressão que tivemos quando tivemos o feedback das educadoras e também das crianças, que participaram com muita vontade no jogo e respondiam às perguntas que eram colocadas. Claro que para isto contribuiu também o facto de as crianças terem sido muito bem preparadas antes de virem à visita e com estas crianças, pode dizer-se que se podem fazer muito mais coisas, do que simples desenhos com as crianças em idade pré-escolar, pois eles falaram em conceitos como a poluição do meio ambiente e da água em particular, da destruição da camada do ozono e do buraco que isso provoca e de algumas consequências que isso tem na vida das pessoas e na saúde das mesmas.

Após ter realizado esta visita, ainda que não tivesse feito toda, fiquei mais confiante, pois algumas dúvidas e inseguranças ficaram mais atenuadas, ainda que me sinta um pouco “fresca” nesta actividade. Não notei diferença nenhuma na atitude das crianças quando foi a Bárbara ou eu a realizar a visita, o que me parece bom, pois quer que continuaram receptivas como no início e nem as educadoras tiveram uma postura diferente nem fizeram qualquer comentário que me fizesse pensar que não tinham gostado da visita.

Desta forma, penso que estou a ir no bom caminho e, para além de saber que tenho de continuar a estudar para poder fazer as visitas, penso que também tenho que me adaptar melhor para que as visitas corram pelo melhor, tentar perceber os seus conhecimentos, assim que as crianças entram, pela forma como as professoras falam com eles. Considero que desta forma, e com algumas das perguntas que coloco às crianças consigo perceber a forma como posso falar com eles e a melhor forma de explicar os conteúdos e os temas que costumam ser tratados no museu, consigo perceber se posso aprofundar mais ou menos os temas, se eles vêm bem preparados ou não.



## **Reflexão - Outubro**

Neste mês ocorreram situações muito inesperadas para mim e completamente novas. Deparei-me com o início das visitas guiadas para as crianças do pré-escolar e isso foi uma situação que me deixou muito ansiosa e com muitas dúvidas, a tentar perceber se “tinha jeito”, se sabia transmitir os conhecimentos sobre o ciclo da água, se sabia explicar a exposição permanente, se conseguia fazer tudo isto de uma forma natural, sem demonstrar a minha grande falta de experiência, nestas andanças das visitas guiadas.

Apesar de considerar que a primeira visita não correu tal como eu a tinha planeado, ou seja, não cumpri todos os objectivos a que me propus, penso que foi uma boa aprendizagem e consegui tirar algumas ilações do que realizei: consegui perceber que com os públicos mais novos não vale a pena fazer tarefas em que eles não tenham que se mexer, pois estar num local durante uma hora a ouvir uma pessoa a falar, ainda que com participações dos colegas, é muito tempo e sobretudo quando as crianças são muito dispersas, que foi o que aconteceu da primeira vez. No entanto penso que a segunda visita correu muito bem e de acordo com o feedback da Bárbara, responsável do serviço educativo, o meu maior problema era começar, pois quando começava a falar conseguia tratar todos os temas e falar dos conceitos mais importantes da água. Também o feedback da escola foi muito positivo, pois disseram que tinham gostado muito da visita e que tinham aprendido várias coisas.

Este mês foi também um mês muito rico na aquisição de informações e conhecimentos, visto que conheci mais uma visita realizada pelo museu da água, “A Taverna da Água” da qual achei muito interessante, porque não é uma visita essencialmente histórica, mas sim uma visita de convívio, visto que grande parte da visita é passada na Casa do Registo, na Mãe D’Água, caracterizada de taberna, com comida e bebida. Para além de ter assistido a esta visita estudei mais sobre os temas históricos relativos ao museu da água e sobre o ciclo da água, pois para que as visitas corram bem, minimamente, é necessário que se consigam a explicar os temas que são básicos, da exposição permanente, relativos ao aqueduto, à sua construção e funcionamento que aproveita a lei da gravidade, a construção dos reservatórios e a construção dos chafarizes que abasteciam a cidade de Lisboa, fala-se acerca das lavadeiras e dos aguadeiros, dos primeiros contadores, do

primeiro sistema de abastecimento de água e da água que bebemos hoje em dia nas nossas casas.

### **Diário de Campo – 3 de Novembro**

Hoje realizei uma visita para crianças do 1º ciclo, do 3º ano. Para iniciar a visita comecei por colocar o filme relativo ao Museu da Água, que continha uma breve descrição dos quatro núcleos. Quando o filme terminou questionei-os se sabiam que o museu era constituído por quatro núcleos e se sabiam os nomes e comecei a perceber que eles ainda não tinham trabalhado muitas das coisas que foram tratadas aqui hoje.

Quando terminamos a parte introdutória (filme e algumas perguntas), fomos para a primeira sala do museu, onde tinha sido colocado o ciclo da água e alguns dos materiais necessários para a realização da visita. Para iniciar a visita comecei por perguntar se eles já tinham falado alguma coisa sobre a água e para começar a explicar o ciclo da água. As crianças apenas tinham falado ainda da viagem que a água faz, e dos termos que são a evaporação e a condensação. Para iniciar qualquer tema, introduzia-o como uma pergunta, perguntava se eles já sabiam alguma coisa sobre determinado assunto, se sabiam formas de poupar água, se sabiam os estados da água, se sabiam distinguir água potável da não potável, se pensavam que a água era sempre a mesma ou não, se sabiam quantas partes de água tinha o planeta Terra, para poder explicar todos os pontos que achei que seriam mais importantes. Falei ainda um bocadinho sobre o tema do tratamento de água das ETAR's e das ETA's (estações de tratamento de águas residuais e estações de tratamento de água, respectivamente).

Terminada a explicação do ciclo da água, comecei por explicar que antigamente a água não era tratada e que as pessoas não tinham água em casa. Tentei explicar o melhor que consegui que as pessoas tinham apenas 6 lt de água por família, enquanto hoje em dia nós gastamos apenas na descarga do autoclismo 12 lt de água de cada vez e por dia nós gastamos cerca de 250 lt de água. Quando referi este pormenor todos os meninos ficaram muito surpreendidos, pois não esperavam que, na totalidade, gastássemos tanta água por dia. Quando terminei a história mais medieval, falei um pouco acerca do aqueduto e da sua construção e funcionamento e como ia parar aos reservatórios que tinham sido construídos para guardar/reservar a água. Expliquei mais um pouco os sistemas que

retiram a água dos rios e abordei ainda os primeiros contadores que existiram em Lisboa. De seguida passei para a sala das máquinas e expliquei um pouco a construção da estação elevatória a vapor dos Barbadinhos e o seu modo de funcionamento, mostrando depois a máquina a trabalhar, para depois realizarmos o jogo final, em que se formaram duas equipas, rapazes para uma equipa e raparigas para outra. Para iniciar o jogo lançou-se o dado e fazia-se uma pergunta para as crianças responderem em equipa e cada uma das equipas tinha que ter um porta-voz, sendo que esse porta-voz é que me dava as respostas a mim. Este jogo foi muito divertido e correu muito bem, as crianças divertiram-se muito e notou-se que sabiam algumas coisas e que também interiorizaram conhecimentos que foram dados na visita. Portanto, o balanço que faço desta visita guiada é muito bom, eles gostaram muito, pois deixaram até um comentário que afirmava que tinham gostado muito do jogo e da visita.

Esta visita correu bem, porque já não estava tão ansiosa como nas visitas anteriores, em que me sentia um pouco insegura e sentia que me esquecia de alguns dos conhecimentos que eram necessários passar. No entanto, nesta visita isso não aconteceu, senti-me muito mais à vontade para transmitir os conhecimentos e para lidar com as crianças. Neste momento, sinto que estou no bom caminho.

## **Reflexão**

Hoje apresentei mais algumas ideias sobre actividades à Bárbara, guia do museu, para realizar com crianças do pré-escolar, pois sentia-me um pouco desorientada, sem saber que actividades escolher e que actividades realizar com crianças tão pequenas, visto que não é muito fácil explicar alguns dos conceitos que se tratam com o tema da água e é necessário entrarmos em sintonia com eles e falar um pouco a linguagem deles para os cativar e para que eles participem na actividade. Pretendo que as crianças, para além de receberem apenas, contribuam com aquilo que elas sabem, com a sua experiência.

Expus as minhas dúvidas e as actividades que tinha pensado em realizar e obtive uma resposta que me ajudou de certa forma a entender o que estou a fazer mal. Uma vez que já recolhi dados, sistematizei-os, através das observações, já conheço a missão do museu, já tenho delineado o que vou fazer para o meu projecto, pelo menos a ideia base, neste momento o que necessito fazer é escolhas, é decidir, no que afinal pretendo explicar e

pretendo abordar com as crianças, para depois decidir o como é que vou fazer o quê, mas neste momento o que é verdadeiramente necessário é saber o que quero trabalhar, e penso que é neste ponto, que ainda está tudo muito nublado, pois tenho o tema de base, que é a água e o ciclo da água, mas sinto que preciso de começar a afunilar a pesquisa e a seleccionar o que será realmente possível de fazer, para realizar o meu projecto, e foi neste sentido que a Bárbara me orientou e me elucidou qual o ponto em que eu estava a errar.

### **Diário de Campo - 12 de Novembro**

Esta visita foi de um 3º e 4º ano juntos. Por esta razão os alunos, uma vez que estavam todos misturados estavam muito inquietos, pois estavam muito animados. A visita foi um pouco difícil devido ao aluguer de espaço, que ocupou a sala das máquinas e a sala das exposições permanentes e portanto ficou condicionada em termos de espaço.

A visita correu muito bem e os alunos gostaram da visita, havendo um bom feedback por parte dos professores e dos alunos.

A visita decorreu com maior ênfase no tema da água e do ciclo hidrológico, pois tinha a ver com algo que ambas as turmas estavam a tratar na sala de aula, sendo que a parte histórica do museu foi muito leve, uma vez que as próprias professoras o pediram.

A visita iniciou-se com a visualização do filme institucional do museu, que apresenta os quatro núcleos do MDA (Aqueduto das Águas Livres, Reservatório da Mãe d'Água das amoreiras, Reservatório da Patriarcal e Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos). Quando o filme terminou fiz algumas perguntas para saber se os alunos tinham estado atentos ao filme e pude concluir que sim, uma vez que responderam correctamente às perguntas que tinha feito, o que também demonstrou que tinham capacidade de concentração e que assimilavam bem a informação. Esta atitude foi presente ao longo da visita, apesar de serem um pouco faladores.

No entanto, os alunos da tarde que pertenciam à mesma escola e quase não consegui fazer a visita, pois os alunos eram muito faladores e muito mal comportados. Portanto, a estratégia utilizada foi a de encurtar a visita ao essencial e ser dinâmica enquanto falava e fazer perguntas. Os alunos eram muito infantis, e se os da manhã souberam responder às minhas perguntas, os da tarde não, pois nem sabiam porque estavam no Museu da Água.

Desta forma, as duas visitas decorreram de forma muito diferente, porque o publico era muito diferente e é o publico que condiciona o caminho que uma visita guiada toma, dependendo da interacção com a guia e os seus comportamentos.

### **Diário de Campo - 13 de Novembro**

A visita correu bem e as crianças vinham bem preparadas da escola, pois respondiam correctamente às questões souberam explicar muito bem o ciclo da água.

No decorrer da visita disse aos alunos para fazerem uma experiência na sala de aula, de colocarem água num balde, mas as professoras não gostaram muito da ideia porque disseram que o refeitório era uma grande – limitações de espaço e provavelmente tempo, que às vezes condiciona algumas das actividades que se podem desenvolver na escola.

Fiz a experiencia do azeite e do sal, para mostrar a densidade dos líquidos e para demonstrar que há coisa que se dissolvem na agua, como o sal.

Expliquei o tratamento da água e o caminho que ela leva ate chegar as nossas casas e ate nos a podermos beber. Muitos dos alunos, enquanto eu falava, tiravam apontamentos, e não esqueçamos que eram alunos do 3º e 4º ano. Expliquei ainda os conceitos históricos relacionados com o museu e com o AAL.

Na sala das máquinas, expliquei aos alunos como funcionava a máquina e depois pu-la a trabalhar, para no fim da visita os alunos me colocarem questões, se assim o precisassem, acerca do funcionamento da maquina.

A professora teve uma atitude menos positiva, pois fazia comentários às dúvidas das crianças e às crianças em particular, situação, triste na sala de aula, mas também dentro de um museu e numa visita, na minha opinião.

O jogo das perguntas funcionou muito bem com estes alunos, pois para alem de se terem divertido, conseguiram consolidar os assuntos que tínhamos tratado na visita.

### **Diário de Campo – 14 de Novembro**

Esta visita foi feita com crianças de 4 anos e tentei adaptar os conhecimentos e a linguagem, que por vezes é difícil até para os alunos mais velhos. A educadora foi muito participativa e incitava a participação dos alunos na visita.

A visita compôs-se de: explicação sucinta do ciclo da água, fiz um pequeno teatro de fantoches, para esta explicação e não expliquei quase nada de história, pois os alunos eram muito pequenos. Fiz o jogo da mímica, que resultou muito bem.

O grande ênfase da visita foi a poupança da água e o aproveitamento dos conhecimentos que os alunos traziam da sala. Notava-se que tinha havido uma boa preparação dos alunos relativamente ao tema que se estava a trabalhar.

### **Diário de Campo – dia 20 de Novembro**

Os alunos que vieram a esta visita eram muito interessados. Isso notou-se logo na visualização do filme, quando no final me fizeram perguntas e sabiam responder às minhas questões.

Os conteúdos, mais uma vez tiveram mais a ver com a poupança da água e com o ciclo da água e muito pouco com a história do museu, pois também eram alunos de 5 anos.

Notava-se que vinham de um colégio, pois a postura era diferente. Eram muito bem comportados e calavam-se para ouvir os outros falar. As crianças vinham bem preparadas para a visita, pois a educadora era dinâmica com eles, na forma de falar e de explicar as coisas.

Na sala das máquinas fiz um jogo de mímica que resulta bem com alunos do pré-escolar, pois aderem sempre ao jogo e é sempre divertido, uma vez que são eles que escolhem os gestos de vão fazer ao meio da roda.

### **Diário de Campo - 2 e 3 de Dezembro**

A visita de hoje começou com uma hora de atraso, porque a escola veio de transportes públicos, situação que condicionou um pouco a visita. Comecei a visita pelo tema da água, (o ciclo da água, a poupança da água) para depois enquadrar a parte histórica do museu (construção e funcionamento do aqueduto, construção da estação elevatória e os rios de onde a água é captada). Esta visita correu muito bem, pois estava à espera de crianças muito irrequietas e até um pouco difíceis, visto que vinham de um bairro social, com um contexto socio-económico muito baixo. No entanto, fiquei muito impressionada pela positiva, porque se comparar esta visita com outras escolas que trazem crianças com uma bagagem mais recheada, posso afirmar que estas se portaram muito melhor. Nesta

visita destacaram-se alguns alunos, pela positiva, pela sua participação activa e ao longo da visita e pelo interesse que demonstraram respondendo correctamente às questões que ia colocando e iam colocando questões para tirarem as dúvidas.

No final da visita realizei o jogo das perguntas com eles, como forma de revisão do que tinha falado na visita. Considero que apesar de não terem interiorizado muitos conhecimentos que gostaram muito da visita e que se empenharam bastante durante a visita. Os professores desta visita, eram um pouco brutos com eles, ralhando com eles ao longo da visita, o que na minha opinião não é correcto uma vez que na visita o guia é que tem de conduzir a visita da forma como pensa que é melhor e explicar o que tiver que ser explicado. Não significa, no entanto, que os professores não possam fazer uma pequena intervenção, explicando, por vezes numa linguagem que eles sabem que as crianças percebem melhor, mas não foi de todo, o que estas professoras fizeram, ralhando com eles e tecendo comentários à medida que a visita decorria.

Mesmo os alunos que tinham mais dificuldade nas perguntas que eu fazia no jogo, conseguiam responder com a minha ajuda e com a ajuda dos colegas. Penso que as crianças gostaram da visita porque eu os deixava falar e participar com aquilo que eles me sabiam dizer e de acordo com aquilo que eles já tinham vivido e experimentado. Penso que esta é uma óptima estratégia para adequar consoante os públicos, claro, mas com estas crianças funcionou muito bem, porque se sentiram valorizados.

Na segunda visita realizada, no dia seguinte, o público era muito idêntico, uma vez que vinha da mesma escola e do mesmo contexto socio-económico. Tal como a visita anterior, começou com uma hora de atraso, porque a forma de cá chegarem foi a mesma.

Assim, a visita foi conduzida da mesma forma, tendo no entanto, demorado um pouco menos, o que acabou por ser compensado no jogo, porque fiz uma pergunta diferente a todos os alunos. Isto foi possível, porque eles eram menos que as crianças do dia anterior. A realidade das turmas era muito idêntica e havia também alguns alunos que se destacaram pela positiva. Na realização do jogo algumas crianças respondendo a quase todas as perguntas correctamente, não deixando por vezes espaço para as outras crianças responderem. No entanto, apesar de se destacarem dois ou três alunos, considero que foram turmas um pouco fracas tendo em conta que já frequentavam o 4º ano de escolaridade e a forma com que expus os conteúdos teve que ser mais simples pois

percebi à parida que eles não me estavam a entender com a linguagem que eu estava a utilizar inicialmente, tendo que mudar rapidamente de estratégia.

A atitude dos professores foi neutra, tendo apenas intervindo quando as crianças estavam mais desatentas e tendo “puxado as orelhas” quando eles não sabiam responder à questões que eu ia colocando ao longo de toda a visita.

Considero que a minha prestação no museu tem melhorado bastante desde que cheguei há três meses, na realização das visitas. Desta forma, pretendo terminar o meu projecto brevemente, para em Janeiro poder aplicar as minhas actividades com os temas que pretendo dividir, nas visitas.

### **Visita ao Hospital de Sta Maria**

Hoje iniciámos as visitas ao Hospital de Sta Maria, é para levar o museu a mostrar-se, é a divertir as crianças e animar um pouco os seus dias. Combinámos levar a mascote do museu, a Gotinha de Água, para animar as crianças e assim iniciarmos estas novas visitas, que estão também em preparação e em constante avaliação e reflexão, pelo Museu, uma vez que é a primeira vez que isto se realiza no museu.

Levámos algumas prendas connosco para dar às crianças. As mochilas com os livros que eles podem ler e fazer os exercícios. Levámos também um conjunto de cartazes que contêm explicação dos núcleos, do seu funcionamento e da sua construção.

Apesar de termos cumprido os nossos objectivos, considero que esta visita podia ter corrido muito melhor, se tivesse sido mais dinâmica. No entanto, penso que ainda vamos a tempo de reestruturar as actividades que pretendemos fazer durante as visitas e chegámos também à conclusão faz mais sentido fazer as actividades sazonalmente e não todas as semanas, porque os públicos são muito discrepantes e de contextos socio-económicos muito variados, tornando-se difícil fazer uma abordagem muito específica e elaborada.

Considero também, que apesar de a visita não ter sido um sucesso, que as crianças gostaram, mesmo tendo interagido pouco. Com esta visita percebemos que não podemos fazer apenas coisas teóricas, mas sim coisas mais práticas para tornar estas visitas mais interessantes para as crianças.



Reflectindo, um pouco acerca desta visita, que serviu para conhecer o público com que vamos lidar, foi uma visita quase “diagnóstica”, uma vez que não houve um diagnóstico anterior a esta mesma visita, apenas um conhecimento do espaço que poderíamos ocupar, tendo neste sentido sido muito importante termos realizado esta visita. Desta forma o projecto será reformulado, para que possa ser mais adaptado a esta realidade.

### **Diário de Campo - 9 de Dezembro**

A visita de hoje teve como público-alvo crianças do 1 ciclo, do 3 e 4 anos, que eram provenientes de Vila Viçosa. Foi uma visita muito interessante, tanto para mim, porque eram crianças muito simpáticas e de alguma forma, mais interessadas talvez por contactarem mais de perto com determinadas formas de utilização de água, do que quando são crianças de Lisboa, como por exemplo, a água utilizada na agricultura, a água que é utilizada na rega das plantas, etc...

Tenho vindo a reparar que crianças que vêm do interior, gostam mais e têm mais interesse, talvez porque vêm menos vezes a Lisboa, visitar um museu, porque têm menos oferta na terra deles e quando vêm cá, é uma alegria e empenham-se muito.

As crianças sabiam imensas coisas e respondiam correctamente a quase todas as perguntas que eu fiz durante a visita. Ficaram muito satisfeitos com o jogo que eu fiz, o jogo de perguntas dos museus e todos queriam responder às perguntas. A atitude dos professores foi muito positiva, porque deram-me espaço e não se meteram na minha explicação, para ajudarem as crianças.

### **2ª Visita ao Hospital – dia 11 de Dezembro**

Hoje deslocámo-nos ao hospital para realizar a segunda visita, para a qual tínhamos preparado algumas experiências, para fazer com as crianças. No entanto, quando lá chegámos, às 10 horas, disseram-nos que a educadora, que nos tinha acompanhado na visita anterior, não estava lá e eu e a Leonor decidimos não fazer a actividade hoje, porque não nos pareceu que fosse uma boa ideia, uma vez que não conhecíamos as crianças todas e as que conhecíamos, não sabíamos se se lembravam de nós, para fazerem as experiências connosco e por isso avisamos uma auxiliar do hospital, de que iríamos

amanhã e deixámos também o nosso contacto para a educadora ligar para nós se não pudermos ir amanhã.

### **Diário de campo – 29 de Dezembro**

A visita de hoje não correu muito bem, uma vez que as crianças eram muito irrequietas e muito mal comportadas. Tentei adoptar uma estratégia mais calma e deixa-las participar à vontade e fazer as perguntas que considerassem importantes. No entanto, muitas das perguntas eram completamente disparatadas não dando espaço para as restantes crianças, que tinham melhor comportamento, aprenderem.

A actuação dos professores foi completamente pacífica não repreendendo as crianças de forma nenhuma, tendo sido atribuído a mim esse papel.

Em termos de conteúdos falei apenas da água. No entanto penso que poderia ter pegado por outro lado e ter falado um pouco mais da poupança da água e aí a visita talvez, tivesse corrido melhor.

Como não estavam reunidas as condições para prosseguir a visita, terminei mais cedo e não fiz a visita que tinha planeado, com a realização do jogo

### **Diário de campo – dia 8 de Janeiro de 2009**

Hoje realizei uma visita a alunos da pré-primária. O público-alvo era diverso, com crianças de 2, 3, 4 e 5 anos e eram 45 crianças no total.

Nesta visita falei sobretudo do tema da poupança da água e do ciclo da água. A estratégia utilizada para fazer a visita foi a de fazer muitas perguntas para que eles me respondessem e para eu começar a explicar os conceitos de acordo com o que eles me respondiam.

Algumas das crianças eram muito pequenas e até quando realizámos o jogo da mímica estavam acanhadas, pois deu a entender que não faziam muito este jogo na sala de aula.

A atitude das educadoras foi positiva dando incentivos às crianças para que participassem na actividade. No entanto, uma das educadoras teve atitudes “duvidosas” pois quando um aluno se mostrava interessado em participar no jogo ou respondia a alguma questão, ela fazia sempre um comentário depreciativo, o que no meu ponto de vista é completamente

errado, não só porque está a lidar com crianças muito pequenas, mas também porque pode estar a condicionar as atitudes futuras das crianças, afectando-as negativamente.

### **Diário de Campo – dia 13 de Janeiro**

Hoje a visita da manhã teve a ver com um projecto no qual o MDA está inserido, em parceria com a Câmara de Lisboa, que é o “O Nosso Bairro”. Desta forma, as crianças que frequentam a escola do bairro da Madragoa vieram visitar o MDA.

A visita correu muito bem e consegui dizer todas as informações necessárias nesta visita, pois é um pouco diferente, ou seja, está mais adaptada ao projecto onde se insere. Desta forma, contei a história do Bairro da Madragoa, que apenas tinha ouvido ontem, quando a minha colega fez a primeira visita, e depois continuei a visita falando da história do museu e também do tema da água.

As crianças eram muito inteligentes e sabiam imenso sobre a água, o museu e o seu bairro, pois tinham-se preparado na sala de aula, antes de fazerem a visita. Os alunos eram participativos, pois quando fazia perguntas eles respondiam-me espontaneamente.

A professora também foi muito receptiva e também considerou a visita muito boa.

A visita da tarde foi dividida entre mim e a minha colega do serviço educativo, no entanto eu fiz a visita toda, tendo a minha colega, desenvolvido apenas o tema da história de arte. Os alunos da tarde vinham de uma escola privada, numa zona mais abastada da cidade de Lisboa e eram do 7º ano. Nesta visita notou-se muita diferença relativamente aos alunos, pois eram extremamente educados, bem comportados e muito sabedores, o que me leva a dizer que parece que as escolas privadas estão a fazer um melhor trabalho do que a escola pública. Obviamente que têm tudo a favor, mas a verdade é que a diferença é substancial.

### **Visita ao Hospital de Sta Maria - 15 de Janeiro**

Hoje visitamos as crianças do Hospital de Sta Maria. Confirmamos ontem com a educadora Rosário, que nos disse que seria no piso 6. Hoje, levámos do museu o Rei D. João V como personagem dinamizadora da actividade e levamos algumas das experiências preparadas como a dos clips e a da solubilidade.

Contamos ainda uma história em que cada um tinha que ler um cartão para que todos pudessem participar. Assim, para as crianças que não sabiam ou não queriam, eu lia na vez deles. A visita correu muito bem, as crianças gostaram muito, divertiram-se com a personagem e correu muito melhor do que a visita anterior, talvez por ter sido mais dinâmica e porque eram mais crianças, sendo que algumas delas apenas tinham apendicite, o que não complicava muito, pois tinham mais ânimo do que as restantes crianças.

Para esta visita posso fazer um balanço muito positivo e até nos pediram se nós podíamos levar materiais.

### **Diário de Campo – 16 de Janeiro**

Hoje fiz uma visita a crianças do 1º ano. Os alunos eram muito curiosos, mas também muito indisciplinados, o que dificultou um pouco a visita, pois fez com que se tornasse mais demorada e cansativa, tanto para mim como para os alunos.

No entanto, a professora gostou da visita e da minha prestação bem como os alunos.

### **Diário de Campo – 20 de Janeiro**

Hoje fiz uma visita guiada a crianças do pré-escolar. Como as crianças tinham entre 3 e 4 anos, decidi contar uma história de rainha para que eles percebessem o tema da água, uma vez que eram muito pequenos. Penso que a estratégia até resultou bem, mas no entanto penso que podia ter sido um pouco mais dinâmica, pois os alunos estavam um pouco inquietos no final da história.

As educadoras, no entanto, parece que não gostaram muito da visita pois consideraram a minha avaliação “suficiente”.

Porém, no meu ponto de vista, a visita correu bem, consegui transmitir as informações que tinha planeado e as crianças ouviram o que eu disse, mas afirmo, mais uma vez, que é difícil adaptar o MDA a crianças tão pequenas e arranjar estratégias que funcionem e que deixem as crianças a gostar de um museu.

### **Diário de Campo – 21 de Janeiro**

Esta visita foi um pouco difícil de se realizar porque os alunos eram muito barulhentos, no entanto, eram bem-educados. Provinham de um contexto sócio económico muito baixo com pouca capacidade para ouvir as informações e para reter e também não demonstravam muito interesse. A professora do grupo era meiga com os alunos e notava-se que os alunos gostavam dela.

A visita correu normalmente e sem incidentes e a professora fez uma boa avaliação no final da visita.

### **Diário de Campo – 22 de Janeiro**

As crianças que participaram na visita de hoje, notava-se que tinham sido preparadas anteriormente. Conheciam o tema que se estava a falar e até fizeram trabalhos na sala de aula sobre a água.

O professor era muito atencioso com os alunos e dirigia-se a eles como a pessoas adultas. Os alunos, notou-se ao longo da visita, possuíam muito respeito pelo professor mas de uma maneira informal, o que me deixou muito surpreendida pela positiva.

Fizemos um jogo sobre a água no final da visita. A avaliação do professor foi muito boa e considerou também que a visita tinha corrido bem e tinha sido importante para os alunos. Hoje tivemos uma simulação no museu, uma vez que no espaço onde estamos inseridos existem postos de cloragem. Desta forma, quando a escola chegou o coordenador do museu foi falar com o professor e explicar que enquanto estivesse a decorrer o simulacro, e mesmo que a visita já tivesse terminado, eles não poderiam sair, pois iria interferir com o que estava a decorrer. O professor foi compreensivo com a situação e nada de extraordinário aconteceu, uma vez que quando a visita terminou, o simulacro também já tinha sido dado por concluído.

### **Diário de Campo – 26 de Janeiro**

Hoje tive mais uma visita guiada para crianças do 1º ciclo. Os alunos de hoje vinham de um colégio privado e eram do 4º ano.

Eram crianças que vinham de um colégio com uma pedagogia diferente, de Pestalozzi, um pedagogo suíço.

Os alunos eram interessados e tinham conhecimentos da temática que estávamos a tratar, o que facilitou a visita.

Penso que os alunos gostaram a visita no geral, mas sobretudo do jogo, pois pediram-me para continuar, quando disse que já tinha terminado e consegui perceber que eram crianças interessadas. A professora fez uma boa avaliação da visita e acredito que tenha vontade de voltar.

### **Diário de Campo – 27 de Janeiro**

Hoje tive duas visitas guiadas. A da manhã foi na RMAA e como não existem tantas condições neste espaço os alunos tiveram que se sentar no palco. Eram alunos do 2º ano e tiraram alguns apontamentos sobre o que dizia. O professor era participativo e também fez uma boa avaliação da visita.

A visita da tarde foi uma visita um pouco difícil porque tinha idades muito diversas, e se é complicado fazer uma visita para crianças de 4/5 anos, porque temos de adaptar bastante a informação e a linguagem, para crianças de 2 e 3 anos é ainda mais difícil, pois algumas crianças com 2 anos ainda usam fralda e chucha. Foi uma visita excepcional pois já tinha tido a experiência de ter crianças de idades muito diferentes e também não tinha corrido muito bem. Não se trata apenas de ser mais difícil fazer a visita. Mas para as crianças também é difícil ficarem sentadas muito tempo no mesmo sítio sem saber onde estão ou qual é o objectivo. Uma criança com dois anos ainda não consegue perceber o que se pretende com uma visita guiada muito menos a um museu que tem explicações técnicas como o MDA. Porém, penso também que é bom para as crianças visitarem o espaço, mesmo que não tomem atenção, pois começam a incutir desde muito pequenos a importância das visitas a museus e mais tarde será algo natural. Penso que é uma boa estratégia para as creches e jardins-de-infância fazerem este tipo de actividades para habituar as crianças e incitar à participação.

### **Diário de Campo – 28 de Janeiro**

Hoje fiz uma visita para crianças do pré-escolar, com 5 anos, e para alunos do 1º ciclo, do 1º ano. Posso afirmar que a diferença mal se notou entre as duas idades, pois as crianças tinham o mesmo nível de conhecimentos, o que tornou a visita muito interessante.

Primeiro, porque me tinha preparado para adaptar e para simplificar a linguagem e depois porque os alunos responderam muito bem às questões que colocava; faziam questões; relatavam experiências, etc...

## **Fevereiro**

### **Diário de Campo - dias 10 e 11 de Fevereiro**

Estas duas visitas foram muito especiais visto que eram com crianças surdas-mudas. Estas crianças vinham da casa Pia e vinham acompanhadas de sete professoras, que faziam a tradução para eles compreenderem o que estava a ser explicado. No entanto, a primeira visita, considero que não correu muito bem porque as professoras não avisaram que tinham estas limitações e a visita que tinha sido preparada, teve rapidamente, que ser alterada, para que pudesse estar mais adaptada a estas crianças.

No decorrer da primeira visita a atitude das professoras não foi muito “normal”, uma vez que algumas delas, (eram 7) não trataram muito bem as crianças, falando com eles de forma muito ríspida. Mesmo relativamente ao que eu estava a dizer no decorrer da visita, as professoras questionavam mais e riam do que eu dizia, quase como se não acreditassem no que estava a dizer.

Mesmo assim, as crianças portaram-se muito bem, estavam muito atentas e eram muito amorosas comigo e não tive qualquer comportamento mais agressivo ou violento por parte destas crianças.

No dia seguinte com grupo era completamente diferente, os professores eram muito simpáticos com eles, notava-se que mantinham uma relação saudável entre professores e alunos, o que ajudou à realização da visita guiada.

Com este grupo, que era mais velho, havendo já alguns alunos com 13-14 anos, e do qual eu tive um pouco de receio, pois não estou muito habituada a lidar com adolescentes, a visita correu muito melhor, não só porque já estava mentalizada e já me tinha deparado com uma situação idêntica, mas também porque as crianças puderam participar, consegui fazer perguntas e consegui que eles me respondessem. Alguns deles sabiam muitas coisas e notava-se um grande investimento, interesse e curiosidade em perceber o que eu estava a dizer, sobretudo na sala das máquinas. Quando, no final da visita, lhes disse que podiam

ver à vontade a sala, alguns alunos não saíram de perto de mim enquanto não perguntaram sobre tudo o que lhes interessava, porque alguns deles falavam e também me conseguiam ouvir, a visita não terminou.

Penso que também os professores gostaram da visita, pois até me disseram para entrar na fotografia de grupo.

Estas duas visitas, foram um desafio que considero ter conseguido ultrapassar com sucesso. Fiquei muito sensibilizada com estas crianças, com os comentários, com a vontade de aprender, com a curiosidade que tinham e com as perguntas que faziam e sobretudo com o facto de existir uma relação tão boa entre professores e alunos, que nestes casos é ainda mais fundamental e determinante para o bom caminho e o sucesso destas crianças e jovens.

### **Visita ao Hospital de Santa Maria – 12 de Fevereiro**

A visita deste dia ao hospital, foi confirmada, no dia anterior, de modo a podermos decidir que actividade, iríamos realizar com as crianças.

A actividade que pretendíamos fazer, levar um bolo e uma limonada, não foi bem aceite, devido a condicionalismos próprios de um hospital, pelo facto de não sabermos se as crianças podiam comer. Assim, decidimos fazer um cartaz com o ciclo da água e levar o material necessário para fazermos o ciclo da água, com um frasco e deixando lá para que eles pudessem observar, como é que ocorria. O material, foi transportado por nós: levámos as pedras, a areia, a terra, a planta, para plantar, água e o frasco para fazer a demonstração às crianças. No entanto, não fizemos o ciclo da água, porque a planta era demasiado grande, assim plantámo-la e regámos e fizemos um acordo com as crianças, que elas tinham que regar para que pegasse e não morresse.

A actividade teve muita aderência e correu muito bem, as crianças fizeram grupos para construir o ciclo da água, nas cartolinas que tínhamos levado do museu. Cada grupo construiu o ciclo da água, como entendeu, com a nossa ajuda e com a ajuda das educadoras do hospital.

A Bárbara encarnou a personagem de lavadeira, para que houvesse uma maior dinâmica com as crianças, pois as personagens ajudam a descontrair e a iniciar uma conversa, com crianças que, por vezes, não têm muita vontade de fazer qualquer tipo de actividade.



Fizemos também no início da visita algumas adivinhas relacionadas com água, para quebrar o gelo, mas esta parte não correu muito bem, pois as adivinhas eram muito difíceis.

No decorrer da visita a “educadora-chefe” veio falar comigo e disse que estava a gostar muito, pois considerava que as visitas estavam a ter muita aderência e que estavam a correr bem. Referiu ainda a vontade de querer vir ao Museu da Água com as crianças, que se puderem deslocar, o que para nós é muito importante.

Assim, tendo em conta o feedback recebido até agora, consideramos que o projecto está a ser importante e a ser bem sucedido, o que significa muito para mim, pois fui eu que o construí.

### **Diário de Campo - 13 de Fevereiro**

A visita de hoje iniciou-se como de costume com o ciclo da água e nesta primeira parte fiz algumas experiências com água, como por exemplo: juntar água e azeite num tubo de ensaio; juntar água e álcool e a pedido de uma menina e porque estava com algumas dúvidas de que a água e o azeite não se misturavam, pediu-me para colocar primeiro o azeite e depois a água para perceber se era verdade o que eu tinha dito. Chegámos à conclusão que sim, que o azeite e o álcool não se misturam na água.

A visita correu normalmente, as crianças eram participativas e sabiam responder às perguntas que eram colocadas. Eram muito interessadas e atentas, colocando questões e fazendo comentários ao que estava a ser dito.

Também a actuação dos professores, devo dizer, que foi muito positiva, existia uma boa relação com os professores e as crianças e isso notou-se no comportamento que tiveram durante toda a visita.

Penso, que mais uma vez a visita correu muito bem e o meu desempenho tem-se desenvolvido cada vez mais. Para isto contribui muito, de facto, o feedback que tenho da parte do museu, mas também da parte dos professores e dos alunos, pois, quase sempre os alunos saem do museu com um sorriso na cara e muito bem-dispostos.

### **Diário de Campo – 19 de Fevereiro**

A visita de hoje correu muito bem e os alunos gostaram muito da visita. A visita teve principal incidência no tema da poupança da água, as crianças sabiam imenso sobre o tema e penso que o meu projecto está a ser bem-sucedido.

A visita da tarde foi muito diferente do que estou habituada, pois eram alunos do 10º ano. A visita correu bem, no entanto, não gostei da atitude das professoras, que notou-se que não gostaram da visita porque que eu era muito nova e que deveria ter aprofundado mais alguns temas.

### **Diário de Campo – 20 de Fevereiro**

Hoje tive duas visitas, da mesma escola, distribuídas pela manhã e pela tarde. A visita consistiu em fazer experiências com os alunos e tratar os conteúdos sobre a água e o ciclo da água, da poluição e também da história do museu.

Tendo em conta, que os alunos provinham da mesma escola, as visitas foram muito diferentes, pois os da manhã eram muito bem comportados e os da tarde eram muito irrequietos, faladores e não demonstraram muito interesse na visita. No entanto, penso que ambas as turmas gostaram da visita bem como as professoras que os acompanharam.

### **Diário de Campo – 25 de Fevereiro**

A visita de hoje foi com crianças do pré-escolar e a visita baseou-se sobretudo nas experiências com água. Trabalhei o tema da água e consegui introduzir alguns conceitos que eles não sabiam, como a evaporação e a definição de água potável. As crianças eram muito faladoras, mas também muito atentas o que facilitou bastante o decorrer da visita, pois torna a visita mais interessante.

As professoras eram dóceis e muito atentas aos alunos. Também fizeram uma boa avaliação da visita e em conversa comigo, no final da visita, disseram que tinha sido uma boa estratégia para aprofundar os conhecimentos que as crianças tinham.

### **Diário de Campo – 27 de Fevereiro**

Hoje tive um programa diferente com a minha colega do serviço educativo. Fizemos uma visita aos quatro núcleos do museu, que incluiu o AAL, a RMAA, o RP, de manhã e à tarde a EEVB. Em cada um dos núcleos se contou a sua história e no AAL a minha

colega falou ainda do tema da água e do ambiente, uma vez que eram alunos do 5º e 6º ano e estavam a tratar a temática na sala de aula.

Fizemos o percurso todo com os alunos de autocarro e os alunos, para além de muito faladores, próprio da idade, eram educados e inteligentes, pois mostraram que conseguiram assimilar a informação que nós fomos passando ao longo da visita.

De manhã apenas acompanhei a visita, para aprender mais sobre os temas que depois teria que falar. Também neste dia, foi ao AAL uma jornalista do Metro, fazer uma entrevista à minha orientadora e fez-me também algumas perguntas a mim, às quais eu respondi sem dificuldades.

De tarde, fui eu que fiz a visita à Estação Elevatória, onde contei apenas a história do local, uma vez que o resto já tinha sido dito nos outros núcleos. O feedback da visita foi muito positivo, tanto da parte das professoras, que afirmaram que gostaram muito da visita como dos alunos que também disseram várias vezes que tinham gostado.

## **Março**

### **Diário de Campo – 2 de Março**

A visita foi relativa ao meu projecto, uma vez que foi com crianças do 1º ano. Nesta visita os alunos fizeram desenhos relacionados com o ciclo da água. As crianças gostaram muito da visita guiada e as professoras fizeram uma boa avaliação. No entanto, um das professoras referiu que as visitas deviam ser mais lúdicas e não aprofundou mais a resposta, o que é só por si um pouco vago e deixa-me sem saber sugestões concretas.

Nesta visita os alunos foram separados em grupos de 5, para que houvesse material para todos. Distribui folhas brancas, lápis de cor e folhas de cor para poderem recortar e fazer os seus desenhos.

Os alunos tinham que desenhar o ciclo da água, tal como tinha explicado no início da visita. No fim levariam os desenhos para a escola. O feedback dos alunos foi muito bom e todos disseram que tinham aprendido muitas coisas novas.

### **Diário de Campo – 4 de Março**

Hoje fiz uma visita guiada ao AAL e ao RMAA, no entanto, tivemos alguns problemas climáticos, como por exemplo, a chuva.

Os alunos eram interessados, vinham já com alguma preparação e tiraram apontamentos, o que é raro de ver com crianças desta idade.

Quando terminamos a visita no AAL fui com eles de autocarro para o RMAA. A visita em geral correu bem e consegui perceber que afinal tenho mais tempo para falar um pouco mais sobre cada um dos núcleos, pois esta foi a primeira vez que fiz uma visita de dois núcleos.

### **Diário de Campo 5 de Março**

Hoje fiz uma visita a uma turma do 8º ano, porque a não havia mais gente disponível para fazer visitas.

As visitas para este tipo de público são sempre mais dirigidas para um determinado tema, ou para a história, ou para o tema da água, depende do que os alunos estão a leccionar na sala de aula e do que as professoras nos dizem no início da visita. Neste caso, esta visita foi mais dirigida para o tema da história.

Durante a manhã, os alunos visitaram o AAL e por isso apenas tive que mostrar a Estação Elevatória - Sala das Máquinas e explicar o seu funcionamento e mostrar apenas alguns pontos, que fossem importantes da exposição permanente e que eles ainda não tivessem falado na visita da manhã. Desta forma, a visita demorou apenas 45 minutos.

Apesar de este não ser o público a quem eu realizo visitas frequentemente, tenho consciência que tenho a formação necessária para realizar este tipo de visitas. A minha formação tem vindo a melhorar cada vez mais, devido à experiência que tenho em fazer visitas e ao que tenho aprendido, pois continuo, sempre que posso a assistir a visitas guiadas feitas pela minha orientadora de estágio, não apenas para relembra alguns pontos, que não se desenvolvem nas visitas com as crianças mais pequenas, mas também para aprender outros pormenores, pois, como afirma a minha orientadora, é disso que as visitas guiadas vivem. Por outro lado, no que toca à vocação e à paciência para adolescentes de 13/14 anos, afirmo que não tenho muita, pois para mim é enervante ver que todos os alunos têm um ar “de seca” e que estão ali apenas por obrigação.

### **Diário de Campo – 6 de Março**

A visita de hoje foi com alunos do 3º ano e a visita correu muito bem, mesmo sendo muitas crianças, o que é habitual neste museu.

Os alunos eram bem comportados, no entanto, tinham muitas dificuldades e por isso tive que fazer uma visita mais adaptada, relativamente à linguagem.

A avaliação desta visita foi muito boa, tanto por parte das professoras como dos alunos que gostaram muito da visita e o ponto alto da visita foi o jogo que foi muito divertido para as crianças.

### **Diário de Campo - 9 de Março**

Para esta visita a escola levou alunos do 1º ao 4º anos, todos misturados, o que tornou a visita difícil de gerir, pois a diferença era abismal. A visita não correu muito bem porque enquanto eu tentava adaptar e transmitir alguns conhecimentos as professoras responderam “Ah é natural não saberem os estados da água, são do 1º ano”. Achei esta afirmação um pouco descontextualizada, porque a experiência que tenho tido com o pré-escolar é o facto de os alunos saberem imenso, para quem ainda está no pré-escolar e isso tem sido uma conclusão positiva que tenho constatado. Este comentário faz-me admitir que os alunos não tiveram qualquer tipo de contacto com o tema que estava a ser trabalhado, questão que me deixa sempre surpreendida.

Pediram também que a visita fosse feita depressa por acharem que não tinham tempo de ir ao AAL. Penso que a atitude dos professores não foi a melhor, pois os professores estavam mais entusiasmados em ir ao AAL do que os próprios alunos e não deixaram sequer os alunos desfrutar da explicação e da visita à Estação Elevatória.

### **Diário de Campo – 10 de Março**

A visita da manhã foi realizada com crianças surdas/mudas que tinham ido à EEVB por isso esta visita foi muito mais curta.

Como eram crianças do 1º e 2º ano tive que falar muito pouco pois a reservatório da mãe d'Água tem uma explicação muito técnica.

Desta forma a visita demorou apenas 15 minutos e a dificuldade sentida foi a mesma da anterior, o ter eu falar apenas para a professora e ter que repetir as coisas muitas vezes, o

que me fazia perder um pouco no um raciocínio e depois ter que repetir para as crianças que eram capazes de ouvir.

Depois de ter terminado a visita fomos ver o terraço onde tentei explicar a construção do Arco do Triunfo, pois é uma explicação curta e curiosa.

Os alunos brincaram um pouco no terraço e a visita foi dada por encerrada. A avaliação dada à visita, no geral, foi boa.

A visita da tarde correu bem apesar de as crianças ainda não saberem quase nada sobre o ciclo da água, uma vez que ainda não tinham introduzido a matéria na sala de aula. Uma dificuldade sentida nesta visita foi a falta de tempo da escola para fazer a actividade que tinha preparado, que era o desenho. No entanto, penso que explorei bem o assunto da água e os alunos gostaram muito da visita.

A avaliação da professora também foi muito boa para a visita.

### **Diário de Campo - 11 de Março**

A visita foi feita com alunos surdos-mudos, que já tinham visitado a EEVB e portanto reconheceram-me assim que me viram.

A visita correu muito bem e mais uma vez achei-os muito interessados, faziam perguntas e estavam interessados no espaço. Foi uma visita muito mais fácil do dia anterior, sobretudo pela forma como os professores tratavam os alunos e pela postura e atitude que tinham na forma de lidar com as crianças.

Não realizei nenhum jogo, pois tínhamos muitas limitações, uma vez que existe uma professora que traduz o que eu digo e que traduz o que eles me querem dizer a mim. A visita correu melhor, porque as crianças já eram mais velhas.

A visita de hoje correu bem, as crianças começaram por lanchar e depois disso é que iniciei a visita, contudo a história sobre a construção do aqueduto. A visita correu muito bem, eram crianças muito interessadas e que faziam muitas perguntas, o que facilitou a transmissão de conhecimentos e as informações foram passadas de uma forma muito informal, fazendo com que se parecesse com um diálogo e não como uma aula ou uma visita de estudo.

Contei a história do Diogo Alves no outro lado do aqueduto e depois voltámos. Quando chegámos e as professoras preencheram os questionários, até agora nunca me tinham

dado um tão bom feedback, escrito no questionário. As crianças adoraram a visita porque lhes deixei fazer as perguntas que eles queriam e depois respondia. A professora teve uma ótima atitude, no meu ponto de vista, pois preencheu o questionário com a ajuda dos alunos, havendo mesmo citações dos alunos no questionário. Foi uma visita que correu muito bem, não só pela minha prestação, mas porque o público ajudou muito. Eram crianças do 3º ano e sabiam imenso, tinham muitos conhecimentos e notava-se que tinham preparado muito bem a visita.

Um dos pontos mais fracos desta visita foi o facto de não ter sido feito um jogo, uma vez que estávamos no aqueduto e não tinha lá nada preparado para que se fizesse. Não levei nada preparado porque de manhã tinha ido fazer uma visita na RMAA e seria difícil andar carregada o dia todo.

### **Diário de Campo - 12 de Março**

A visita foi da mesma escola, no entanto, não correu tão bem, uma vez que as crianças não eram tão interessadas nem faziam tantas perguntas como os colegas anteriores. Quando as crianças não realizam perguntas a visita torna-se pouco interactiva e pouco dinâmica, sendo que a guia, neste caso eu, apenas debito a história do Aqueduto. Hoje também não realizei nenhum jogo, uma vez que as turmas anteriores também não tinham feito. Esta professora criticou a visita dizendo que tinha sido muito teórica. No entanto, os professores até agora têm criticado o facto de não fazermos jogos ou de não termos actividades com as crianças. O que temos constatado até agora é que talvez seja dado excesso de importância às actividades lúdicas como o pintar ou o desenhar dentro dos museus. Para além de todo um conjunto de condições que não possuímos no aqueduto, como mesas, cadeiras, ou até um sítio onde possamos colocar alguma coisa de cima, a não ser o chão, limita logo à partida o tipo de jogos e actividades que podemos fazer e para além, o Museu da Água considera que para fazer actividades interessantes e que as crianças gostem não é necessário pintar ou desenhar, mas por exemplo, fazer experiências, fazer jogos e actividades diferentes das que estamos habituados a ver dentro dos museus. Temos tentado fugir ao conceito mais básico da educação pela arte, ainda que façamos uso dela, nomeadamente nas visitas que temos realizado ao hospital. No

entanto, para realizarmos estas actividades são necessárias condições, que actualmente o museu não possui.

### **Diário de Campo – 13 de Março**

A visita de hoje correu bem apesar de a escola ter pouco tempo e de termos feito tudo muito “a correr”. Este facto condicionou um pouco as informações transmitidas, pois tive que ser mais sintética e clara. Como os alunos visitaram dois núcleos, primeiro começaram pela visita do AAL, onde contei grande parte a história. Quando esta primeira parte terminou, fomos de autocarro para a EEVB, onde mostrei apenas a sala das Máquinas e um pouco da exposição permanente, apenas aquilo que não tinha contado aquando da explicação no Aqueduto.

No final das duas visitas, que fiz em tempo record, ainda fiz um pequeno jogo com os alunos. Os alunos gostaram muito da visita assim como as professoras e ficaram contentes por ter conseguido cumprir o tempo que eles me tinham pedido, uma vez que os condicionalismos vinham da parte dos autocarros e não da escola.

### **Diário de Campo -17 de Março**

Hoje fiz uma visita ao Reservatório da Mãe d’Água das Amoreiras e a visita correu muito bem.

Fiz a visita de uma forma um pouco diferente, pois falei menos no interior do reservatório e mais no exterior – terraço. As crianças sentaram-se no palco e como faz muito eco pedi-lhes, depois para se sentarem nas escadas do terraço para lhes dar o resto da explicação.

Eram crianças privilegiadas pois notava-se através da forma como falavam, da curiosidade que tinham acerca dos assuntos e da preparação que levavam que vinham de uma classe económica e cultural mais alta do que habitualmente.

Não aprofundei mais a visita aqui no reservatório porque eles vão voltar ainda esta semana ao AAL e aí falarei um pouco mais sobre a história do abastecimento de água à cidade de Lisboa.



### **Diário de Campo -18 de Março**

Hoje fiz uma visita a crianças do 3º ano e vinham de uma escola que já tinha visitado o MDA anteriormente, como acontece com muitas das escolas que nos visitam, que vão ano após ano.

A visita correu bem mas as crianças eram um pouco complicadas, pois sabiam poucas coisas e não deu para desenvolver muito sobre cada um dos temas. As dificuldades das crianças notaram-se bem no jogo, pois os alunos faziam muita confusão com as informações que eu lhes dei. No entanto as crianças eram bem comportadas e ouviam tudo o que lhes dizia, sendo que no final da visita, estavam muito contentes e tinham gostado muito da visita. Também a avaliação das professoras foi muito positiva o que me deixou muito satisfeita.

### **Diário de Campo -19 de Março**

As crianças da visita de hoje não demonstraram saber muito sobre os temas que se trataram na visita. Os alunos vinham todos misturados, desde o 1º até ao 4º ano, o que tornou a visita difícil.

Quando marcamos uma visita guiada, avisamos que os alunos devem vir apenas com outros alunos da mesma idade, pois se vierem todos misturados, é mais difícil para nós e os alunos também não têm uma visita com os conhecimentos que se espera que haja por exemplo no 4º ano. Mas sistematicamente as professoras levam os alunos misturados e não fazem caso dos nossos avisos. Compreendo que em termos de logística seja mais simples, no entanto, não é tão produtivo.

### **Diário de Campo – dia 20 de Março**

Esta visita foi uma surpresa por parte das professoras de ambas as escolas, uma vez que eles trocavam cartas, de uma escola para outra, e as professoras marcaram a visita de estudo em conjunto. Como estavam muito entusiasmados, em termos de barulho e até na travessia ao Aqueduto foi um pouco difícil controlá-los, no entanto penso que a estratégia adoptada foi a melhor, uma vez que dei tempo e espaço para que eles falassem e

brincassem com os outros, para depois os poder controlar melhor enquanto lhes transmitia as informações pretendidas.

A visita correu bem e no final fiz o jogo de perguntas para tornar a visita um pouco mais lúdica.

### **Visita ao hospital – dia 25 de Março**

Para esta visita preparámos uma actividade de construção de fantoches e uma peça de teatro.

A actividade começou com apenas alguns minutos de atraso, normal dentro do hospital de Sta Maria, que é muito grande e ainda mais com crianças doentes e algumas com mobilidade reduzida. A sala de hoje era muito pequena e crianças e educadoras ficaram um pouco apertadas, mas com algum jeito e distribuindo todas as crianças pelas mesas lá nos conseguimos instalar e começar a nossa actividade. Hoje tínhamos 11 meninos, mas alguns tiveram que sair no meio da actividade para irem fazer exames, que são alguns dos condicionalismos próprios das crianças que estão no hospital. Em todas as actividades existem muitas educadoras, o que é bom, pois desta forma todas as crianças conseguem ter ajuda quase personalizada.

Para começar as crianças construíram fantoches de cartolina, com material que nós levámos do museu, folhas de cor, cartolinas, paus para segurar o fantoche, lápis de cor, cola tesouras e os moldes dos fantoches, que eles depois pintaram, como por exemplo, um burro, o aguadeiro, o hortelão, o Diogo Alves, as cozinheiras, etc... Quando se terminou a tarefa de construir o fantoche, distribuímos as personagens do teatro pelas crianças de acordo com a personagem que tinham escolhido e o guião com a fala que iam dizer. Se alguns dos meninos não soubessem ler, as educadoras e nós, líamos em vez das crianças. A sala entretanto, estava disposta num circulo para que todos se pudessem ver e cada uma das crianças ia lendo à medida que o teatro avançava. A actividade correu muitíssimo bem, ainda cantámos no teatro, a canção das lavadeiras, continuando depois com o teatro. Até parecia que tinha sido ensaiado imensas vezes, pois saiu muito bem logo à primeira. Com isto tudo passou-se uma hora e meia, em que as crianças se esqueceram por momentos das suas vidas e das razões que as levam a estar ali e divertiram-se imenso com a actividade que fizemos.

Para o mês que vem vamos voltar ao hospital, com telas para pintarmos o aqueduto e vamos levar um pintor do século XVIII, de França, para os ensinar a pintar.

### **Colégio Académico – AAL - 26 de Março**

Esta visita ao Aqueduto foi toda misturada do 1º ciclo, uma turma de cada ano. As crianças eram muito bem comportadas e possuíam muitas informações sobre a temática que estava a ser tratada e as crianças do 1º ano estavam a trabalhar num projecto sobre a água.

Uma das grandes dificuldades das visitas no aqueduto são a falta de condições para realizarmos actividades e também o tempo gasto na visita, pois sem actividade, uma visita no aqueduto, pode demorar cerca de 1 hora e 30 minutos e torna-se difícil fazer um jogo depois de fazer a travessia, porque as crianças quando chegam já vêm muito cansadas e só querem comer e sentar-se, estando já muito dispersos e é complicado tentar acalmar 40 crianças. Esta é a principal razão pela qual eu não realizo um jogo na visita ao aqueduto.

### **Diário de Campo - 27 Março**

A visita de hoje mais uma vez correu bem, pois as crianças eram muito interessadas e faziam muitas perguntas, o que facilita o que eu estou a dizer, pois ajuda-me a organizar o meu próprio pensamento. As professoras, eram um pouco nervosas, pois gritavam muito com as crianças, tentando controlá-las o que fazia com que por vezes fosse ainda mais difícil eu mantê-las caladas.

Hoje fiz ainda uma visita à tarde com idosos, que correu muito bem, os idosos gostaram muito. Penso que este é um público que poderá vir a crescer e é necessário apostar nele, criando actividades mais adaptadas a estas idades.

### **Diário de Campo - 28 de Março**

Esta visita foi um pouco diferente das que costumo fazer, pois foi com adultos e foi um a visita mais dirigida para a captação e tratamento de água, o abastecimento de água à cidade de Lisboa e o tratamento que é realizado antes de ser distribuída para as nossas casas. Foi uma visita muito idêntica às que costumo fazer para as escolas, mas um pouco

mais aprofundado. Nesta visita fomos também à Casa do Registo, a pedido do professor que orientou a mesma e expliquei o que era e para que servia antigamente.

Esta visita correu muito bem, o professor filmou a visita quase toda e gostou muito da minha prestação e simpatia, que fez questão de expor no questionário que preencheu. Mandou ainda para o meu e-mail um agradecimento por eu ter enviado um guião com todas as informações que tinha dado na visita.

### **Diário de Campo - 31 de Março**

Agora que já estamos nas férias da Páscoa temos alguns ATL's e jardins-de-infância para nos visitar. Desta forma, hoje fiz a visita aos ateliers do museu das comunicações e tinha preparado uma gincana de água para realizar com eles, no entanto não foi realizada uma vez que a parte histórica e a travessia no aqueduto os cansou muito e também já não tinham muito tempo, tendo ficado apenas pelo jogo, o puzzle do ciclo da água, o que para os mais velhos não foi muito adequado tendo jogado apenas os miúdos mais novos os de 5, 6 e 7 anos. Para mim esta divisão tão natural foi ótima pois veio confirmar que o jogo está perfeitamente adequado às idades que escolhi, que foram precisamente estas. No entanto penso que podia ter corrido melhor se tivesse escolhido outro jogo para fazer uma vez que as crianças mais velhas não participaram no jogo.

A dificuldade acrescida foi a falta de tempo, mas acredito que a gincana fazia todo o sentido ser realizado neste espaço.

A coordenadora deste espaço foi muito simpática e gostou muito da visita e ficou muito admirada, quando em conversa, me disse que tinha falado com a Bárbara e ela lhe tinha dito que nós éramos só 3 no serviço educativo, para dinamizar quatro núcleos museológicos, referindo que éramos muito poucas para o tipo de trabalho que temos.

## **ABRIL**

### **Diário de Campo - 1 de Abril**

Como já referi na acta anterior, as visitas em tempo de férias não param, e esta semana são os ATL's. Assim, hoje houve mais uma visita de um ATL que começou de uma forma menos bem. Eram alunos dos 10 aos 13 anos e um dos alunos assim que chegou deu-me um beijinho na cara tendo eu ficado um pouco assustada. As professoras

perceberam de imediato e disseram-me para não me preocupar pois ele era um menino especial tinha síndrome de Asper e era normal que se ele me agarrasse e abraçasse não levasse a mal.

Passado este incidente inicial e depois de eu me ter desfeito em desculpas e de ter ficado super envergonhada lá prossegui com a visita. Sentaram-se todos no palco e falei-lhes do AAL e do que tinha sido e porque tinha sido construído bem como da RMAA.

A visita terminou passado 1 hora e não fiz nenhum jogo, uma vez que eles já eram um pouco mais velhos e na RMAA não existe espaço para fazer jogos, apenas jogos simples. A visita correu bem, o feedback dos alunos foi muito positivo, bem como o das professoras visto que disseram que tinham gostado muito da visita. A visita pela minha parte correu bem apesar do incidente inicial. Em relação aos questionários cheguei à conclusão até agora que as professoras criticam sempre a mesma coisa e sempre pela mesma razão: tentar fazer um jogo” quando não é realizado na visita que eles fazem.

### **Diário de Campo - 2 de Abril**

Hoje realizei uma visita com seniores da zona da Lourinhã. Apesar de não ser muito habitual realizar este tipo de visitas, a visita correu bem, os idosos gostaram muito e o feedback foi muito positivo. Desta forma penso que me sai bem, que expliquei convenientemente a história do abastecimento de água a Lisboa. A visita durou cerca de 1 hora e os idosos eram muito interessados e faziam perguntas.

### **Diário de Campo - 3 de Abril**

A visita de hoje foi inserida no meu projecto e foi realizada com crianças de 3,4,5,6 e 7 anos, tendo a maioria 4,5 anos.

Comecei por mostrar o filme do homem da água que é o mais adequado para estas idades, apesar de ser institucional, no entanto, mostrei na mesma, porque as crianças ficam com a ideia das imagens que viram. Nesta visita havia crianças que tinham apenas 3 anos e alguns deles ainda usavam fralda, outros chucha, havendo até uma criança que bebeu um biberão de leite enquanto viam o filme, esta mesma criança, passou a visita quase toda ao colo das educadoras e a chorar, pois não estava habituado a tanta agitação e a tanta gente.

Obviamente as crianças mais pequenas não perceberam nada da visita nem do museu. Comecei por falar um pouco da água e tentei fazer perguntas às crianças de 4/5 anos para que a visita fosse adequada a alguma das idades presentes. Falei apenas dos temas que eles me iam falando: água potável; poupar água; o ciclo da água e fiz uma experiência em que sujei água para lhes mostrar que não podemos beber água suja sem ser tratada. Assim a visita nesta parte foi muito rápida, e de seguida tentei explicar um pouco o museu onde estávamos, explicando o aqueduto como sendo uma ponte para a água e depois passei para a sala das máquinas onde disse que aquela máquina servia como um elevador para a água para levar a água para a casa das pessoas. Depois disto, que não demorou muito tempo, fomos fazer o puzzle do ciclo da água. Escolhi 12 meninos que tinham uma peça cada um deles e perguntei aos outros o ciclo da água para que o soubessem construir. Feito este jogo e porque eram muitos meninos, 42, o que também dificultou as actividades, fiz o jogo da mímica, para que mais meninos pudessem participar. A visita correu bem e as crianças gostaram imenso.

A avaliação da educadora também foi “muito boa”, porque referiu que os temas tratados foram adequados e foram tratados à medida que eles iam falando, mostrando uma adaptação da visita ao público.

Fiquei muito bem impressionada com as educadoras, uma vez que, tinham muitas crianças e conseguiam tratá-las bem e dar-lhes atenção. A minha prestação na avaliação da educadora foi muito boa, pois de facto tentei fazer com que a visita contribuísse para as aprendizagens das crianças, de acordo com as idades, pois alguns deles eram muito pequenos.

A visita da tarde inicialmente não foi marcada para mim, no entanto, a minha colega pediu-me para a realizar. A visita correu normalmente, foi uma visita que correu bem e agora noto uma grande diferença, pois não sinto o nervoso miudinho que sentia antes e por isso noto que já tive uma grande evolução.

#### **Diário de Campo - 4 de Abril**

A visita correu bem. O grupo de amigos, era um bocadinho chato e achou que eu tinha feito a travessia muito depressa. Para cá, fiz a travessia, penso que mais devagar, pois a

organizadora do grupo, não me disse mais nada. Este grupo era um grupo de amigos que se interessava pelo aqueduto e portanto marcou a visita.

### **Diário de Campo - 6 de Abril**

As crianças que participaram nesta visita vinham de um ATL e eram muito irrequietas e considero que a principal razão para serem tão irrequietas é por serem um grupo muito heterogéneo, dos 5 aos 10 anos, o que tornou muito difícil fazer uma visita que tenha sido adequada para algum dos públicos. A parte histórica foi muito superficial, para que todas as crianças pudessem desfrutar da visita guiada.

### **Diário de Campo – 7 de Abril**

A visita correu bem, tentei adaptar a visita ao público, que também eram crianças dos 5 aos 10 anos. É complicado fazer visitas com os mais pequenos misturados com os mais velhos, porque a discrepância é muito grande. Houve uma crítica das professoras para com a visita, pois consideraram que o grupo devia ter sido dividido em 2 grupos. Esta crítica até faria sentido se houvesse alguém disponível e houvesse mais espaço para que se pudessem fazer 2 visitas em simultâneo no mesmo espaço.

### **Diário de Campo – 15 e 16 Abril**

As visitas correram bem. Eram crianças que já tinham tido alguma preparação na sala de aula, pois tinham muitas informações sobre a água.

Na primeira visita as crianças eram mais problemáticas e sabiam muito pouco, pois não retinham a informação e eram crianças tão diferentes que pareciam que não vinham da mesma escola.

Os conteúdos abordados foram os mesmos e todas as professoras tiveram a mesma atitude, deixando-me guiar a visita calmamente. O jogo correu bem em ambas as visitas, embora não fossem muito tolerantes uns com os outros. No entanto, as crianças gostaram da visita, mesmo os que eram mais irrequietos, pois estiveram atentos durante a visita e no decorrer do jogo.

### **Diário de Campo - 17 Abril**

O RMAA foi visitado por alguns alunos do 3º ano e a visita decorreu normalmente. Eram crianças um pouco irrequietas, o que é normal nestas idades e falavam muito uns com os outros, uma vez que também eram muitos. Assim, os professores não tinham muito controlo nos alunos. Notava-se que estavam muito eufóricos pelo facto de terem saído da escola e terem ido a uma visita de estudo.

Neste espaço fiz também o jogo das perguntas, ainda que tenha sido um pouco diferente, pois não tinha os cartões e por isso tive que fazer as perguntas que me ia lembrando, improvisando um pouco o jogo e em vez de uma garrafa de água, que não tinha passámos um boné. Nas visitas ao RMAA não costumo falar sobre o ciclo da água, mas apenas da parte mais histórica deste monumento.

### **Diário de Campo - 20 de Abril**

A visita de hoje foi feita com alunos do 2º ciclo e tentei fazer uma visita mais completa pela parte histórica e não falei muito sobre o ciclo da água.

A visita decorreu normalmente e demorou cerca de uma hora. Os alunos eram muito dispersos o que dificultou um pouco a visita. No entanto portaram-se bem, pois disse-lhes as regras no início e ao longo da visita os alunos foram avisados pelo professor. Tendo em conta não tinham um elevado nível de conhecimentos os alunos gostaram da visita e um deles, que no início parecia muito irrequieto, no final quando lhe perguntei se tinham gostado da visita disse que não porque tinha sido muito pequena. Este comentário deixou-me contente porque significa que a visita fluiu naturalmente e que os consegue agarrar, pois a visita demorou cerca de uma e meia e os alunos nem sequer repararam que já tinha passado tanto tempo.

Assim penso que a opinião foi geral e os alunos gostaram da visita. O jogo foi uma boa estratégia para eles decorarem o que tinha sido dito sobre o aqueduto e o abastecimento de água a Lisboa.

### **Diário de Campo - 23 de Abril**

Hoje realizei uma visita ao ensino pré-escolar, de uma escola privada, que visitou a exposição permanente do Museu da Água. A exposição permanente deste museu é um



pouco complicada para este nível de ensino e uma vez que eram crianças dos 4/5 anos de idade tive que adaptar o mais possível a informação que pretendia passar para as crianças. Assim, e como se pode verificar pelo meu projecto realizei a visita das experiencias com água, pois é uma visita dinâmica que utiliza mais a ciência e não tanto a história. Esta visita transmite conhecimentos gerais sobre a água, as características da água potável, a forma de tratamento da água, o ciclo da água. E algumas das experiencias realizadas são: ver a diferença entre materiais pesados e leves e perceber porque uns afundam (pedras) e os outros não (rolhas de cortiça); misturar alguns ingredientes na água, como o sal ou açúcar; misturar soja na água para demonstrar a água não potável e alguns dos ingredientes que se dissolvem na água; e a experiencia dos clips, mostrando que a água se mantém unida e as suas moléculas tendem a juntar-se umas às outras. Terminada esta primeira parte da visita guiada, em que as crianças puderam realizar cada um uma experiência (empurrar as rolhas de cortiça para baixo) é necessário contextualizar o local onde estamos e para que servia aquele museu.

Assim, para iniciar o contexto mostrei a sala do AAL, explicando-lhes que servia para trazer água para a parte mais baixa da cidade de Lisboa e ainda na exposição permanente, mostrei a “fábrica da água”, onde se trata a água para depois ir para as nossas casas – Estação de Tratamento de Água. De seguida passámos à sala das máquinas, onde mostrei como funcionavam e expliquei que servia de elevador para a água, para ir para os pontos mais altos da cidade. Terminada esta explicação e depois de perguntar se alguém tinha dúvidas, fizemos um jogo. O jogo da mímica em que eles têm que fazer gestos que tenham a ver com água, por exemplo, lavar os dentes, tomar banho, beber água, entre outros.

Quando as crianças não sabem eu digo-lhes gestos e por vezes as educadoras também os incentivam para eles fazerem gestos, jogando também. Nestas idades as crianças são muito envergonhadas e tímidas, sobretudo quando não conhecem e estão num sítio estranho. Por isso é que o jogo de mímica funciona tão bem, porque lhes permite interagir com os colegas.

Esta visita correu muito apesar de as crianças serem pequenas e ainda não terem preparado nada sobre o tema da água, o que dificultou um pouco. No entanto eram

crianças muito inteligentes e percebiam o que se estava a dizer, tendo sido muito interactivos.

A educadora realizou uma boa avaliação da visita e da minha prestação, referindo que a visita estava adequada às idades das crianças bem como a linguagem utilizada.

Apesar de não existirem muitas visitas para este nível, o pré-escolar, neste museu, penso que terão tendência a aumentar, pois a avaliação tem sido muito positiva, o que inevitavelmente me deixa muita satisfeita e me faz pensar que estou a cumprir os meus objectivos com sucesso.

### **Diário de Campo - 27 de Abril**

As visitas de hoje correram muito bem, os alunos eram muito interessados e mantinham respeito aos professores, notando-se que existia uma boa relação pedagógica entre os professores e alunos. Tive visita de manhã e de tarde, da mesma escola. A visita correu bem e consegui realizar um jogo, o jogo de perguntas, que é habitual e que resulta sempre muito bem com alunos desta idade, pois eram do 3º ano.

### **Diário de Campo – 28 de Abril**

A visita de hoje foi feita na RMAA com duas turmas. Esta visita teve algumas dificuldades, não provocadas pelo público mas pelo espaço onde nos encontramos, uma vez que o reservatório tem uma acústica muito forte, fazendo muito eco e consequentemente provoca dificuldades na comunicação com os alunos, sobretudo quando os alunos falam todos ao mesmo tempo e gritam por cima uns dos outros.

Os alunos eram muito indisciplinados, o que leva a que eu tenha que falar mais alto do que eles, perdendo-se muito tempo e a visita torna-se muito mais cansativa. Tendo em conta que as crianças eram tão mal comportadas tentei encurtar a visita de modo a captar a sua atenção, sobretudo no terraço, uma vez que eles dispersaram-se muito. Tentei simplificar ao máximo a informação que lhes queria transmitir, mas mesmo assim a visita foi difícil.

No final da visita houve um jogo que correu normalmente onde se percebeu que alguns alunos, apesar da conversa, ouviram o que eu disse e conseguiram interiorizar.

### **Diário de Campo – 29 de Abril**

Hoje fiz, mais uma vez, duas visitas na RMAA. As visitas de hoje decorreram normalmente, sendo que os alunos da tarde eram muito diferentes dos da manhã, sobretudo em comportamento. Os alunos da tarde apesar de serem do mesmo ano vinham melhor preparados, em termos de conteúdo e também em termos de comportamento, pois eram muito melhor comportados.

Mais uma vez posso afirmar que o comportamento das crianças tem muito a ver com o espaço onde estão a realizar a visita, pois o RMAA é um espaço propício à dispersão dos alunos, por ser, como referi acima, um local com uma acústica muito forte, em que o que eu digo propaga-se durante 7 segundos.

Um dos aspectos que tenho a apontar às crianças que visitam o RMAA é o facto, de em todos os grupos, haver crianças que deixam lixo no chão, como se achassem que estavam na rua, o que pode ser pensado facilmente, pois o RMAA é feito de pedra e não tem qualquer tipo de decoração ou mobiliário, sendo a beleza dele próprio a sua decoração.

### **Visita ao Hospital Sta Maria - 30 de Abril**

Hoje fomos mais uma vez ao hospital de Sta Maria realizar uma actividade com as crianças internadas. Fomos para o piso 7 e estavam presentes cerca de 10 crianças, sendo que algumas delas estavam gravemente doentes.

Nesta actividade levamos um pintor francês da corte de D. João V para ir pintar o Aqueduto. Para iniciar a visita a minha colegas, que encarnava a personagem do pintor, apresentou-se com um verso e as crianças gostaram muito, bem como as educadoras.

Levamos telas com o Aqueduto desenhado, para os mais crescidos pintarem e para os mais pequenos levamos telas com uma gotinha de água desenhada. A visita e a actividade funcionaram muito bem e as crianças gostaram imenso.

## **MAIO**

### **Diário de Campo - 6 de Maio**

Hoje fiz duas visitas de duas escolas diferentes. A visita da manhã correu muito bem, as crianças eram muito bem comportadas e estiveram calados enquanto eu falava e lhes contava as muitas histórias sobre o Aqueduto e sua construção. Foi uma visita que

decorreu dentro do normal, onde não houve tempo para fazer um jogo, pois já tinha demorado cerca de 1 hora e 30 minutos. Os alunos gostaram muito da visita e os professores tinham boas atitudes para com as crianças, repreendendo-os quando era necessário mas davam-se bem. Uma das professoras até pegou algumas alunas, do 4º ano, ao colo, para conseguirem ver melhor a vista e porque uma das crianças estava com medo. É preciso ter em conta que o nível sócio-cultural dos alunos era elevado, mas estavam inseridos numa escola pública e não privada. Este tipo de situações não costuma ser muito comum em escolas públicas e já comprovei algumas vezes que os professores quando trabalham em colégios privados/externatos tratam os alunos de maneira diferente. Gostei muito de fazer esta visita exactamente por esta razão, porque a relação pedagógica entre professores e alunos era muito boa. Os professores gostaram muito da visita bem como os alunos.

A visita da tarde já foi muito diferente. Eram crianças do 3º ano e muito irrequietas e algumas mal comportadas e a visita foi feita com muitas paragens, em que lhes tive que dizer muitas vezes para se calarem e para me deixarem falar. Não fizemos a travessia completa, porque foi um dia muito quente e no AAL o Sol incomoda muito, sobretudo na hora de maior calor. Assim, fizemos só uma pequena parte, na qual permiti ainda que eles pudessem ver o interior do aqueduto, quando passamos para o outro lado.

Depois da travessia fizemos um jogo de perguntas, em que os alunos não se portaram muito bem, pois fizeram muitos disparates e o jogo demorou muito tempo, não por eu ter feito muitas perguntas, mas porque tive que os chamar à atenção muitas vezes. Este jogo funciona sempre muito bem, pois não são necessários muitos materiais e pode ser realizado em qualquer lugar.

Em conversa com um dos professores, disse-me que as turmas eram muito boas, pois eram inteligentes e astutos, mas que faziam muitos disparates. No entanto, penso que eles gostaram da visita e a visita correu bem. Também a relação dos professores com os alunos era boa apesar de terem que os chamar muitas vezes à atenção.

Fazer duas visitas por dia é um pouco complicado, porque se torna muito cansativo, e nesta visita da tarde já me sentia cansada, pois já nem as perguntas do jogo me saíam naturalmente.

### **Diário de Campo - 7 de Maio**

Hoje troquei as visitas com a minha colega e por isso fiz uma visita ao 5º ano de manhã e ao 9º ano à tarde.

A visita da manhã correu muito bem, os alunos eram muito espertos e sabiam responder às minhas questões. Foi uma visita muito rica em termos de conteúdos porque os alunos eram inteligentes. Falei sobre o ciclo da água, a necessidade de poupar água e sobre as questões que estão a afectar o nosso planeta, como o efeito de estufa e o degelo dos glaciares. Quando terminei esta parte mais científica da visita. Depois falei da parte histórica que se fala sempre em qualquer visita. As crianças gostaram da visita e iam fazendo perguntas e interagindo muito comigo à medida que a visita ia decorrendo. A relação que se estabeleceu foi muito importante para que a visita tenha corrido bem.

Quando a visita terminou, em termos de exposição teórica passamos para a realização do jogo, o jogo da água, em que se fazem duas equipas. Na visita de hoje, o jogo foi disputado entre rapazes e raparigas. Este jogo costuma ser sempre muito divertido e as crianças gostam sempre, no entanto, os alunos de hoje zangaram-se muito uns com os outros, porque os rapazes diziam que as perguntas das raparigas eram mais fáceis do que as deles. No final acabei por empatar o jogo para não haver mais disputas.

A visita da tarde, foi com alunos do 9º ano e para mim isto é uma dificuldade à partida, pois é difícil impor uma atitude de respeito para com adolescentes destas idades. No entanto, consegui fazer a visita até ao final, com muitas paragens pelo meio, a esperar que eles se calassem, mas a meio da visita penso que consegui captar a atenção da maioria e a partir desse ponto deixei de ser tão ríspida e comecei a falar de uma forma mais suave. A visita demorou cerca de 1 hora e quando, depois de por a estação elevatória a funcionar, perguntei se alguém tinha alguma dúvida e como me disseram que não, afirmei que a visita tinha terminado. Alguns dos alunos exclamaram: “Já acabou???” e eu respondi que sim. Depois disto alguns dos alunos que estiveram mais interessados na visita vieram ter comigo e fizeram-me algumas perguntas, às quais eu respondi.

### **Diário de Campo - 8 de Maio**

Esta visita correu muito bem, os alunos eram bem comportados e interessados e já vinham preparados para a visita ao Aqueduto. A visita começou logo de uma forma

peculiar, pois pouco antes de eles chegarem, começou a rega dos jardins então a relva ficou imprópria para nós nos podermos sentar, tendo que os sentar nos bancos, onde ficam um pouco dispersos. Com a rega veio também alguma brincadeira com a água, tendo eu e alguns dos alunos ficado um pouco molhados. No entanto, nem os alunos nem os professores ficaram incomodados com a situação, apenas eu, que estava molhada da cabeça aos pés.

Ultrapassado este pequeno incidente, comecei por lhes perguntar o que é que eles já sabiam sobre o Aqueduto e alguns dos alunos disseram que sabiam quem o tinha construído e que abastecia a casa das pessoas. Comecei por explicar porque é que tinha sido construído e qual era a sua função bem como tudo o que estive à volta do aqueduto e que é costume falar-se numa visita. Os alunos não fizeram muitas perguntas e por isso esta conversa foi relativamente rápida.

Terminada a parte expositiva fizemos a travessia do Aqueduto e no parque Monsanto, contei-lhes a história do Diogo Alves.

Quando voltámos para o outro lado, fizemos o jogo das perguntas e os alunos gostaram muito do jogo como da visita.

Tanto feedback dos alunos como o das professoras foi muito positivo afirmando várias vezes que tinham gostado muito da visita e que tinha sido ótima.

Da parte da tarde fui para o museu. Hoje aconteceu-me uma coisa muito curiosa. Enquanto estava a conversar com as minhas colegas ligaram duas pessoas para falar comigo para marcar uma visita guiada. Isto não teria nada de estranho, não fosse eu apenas estagiária e houvesse mais gente a quem se pode pedir para marcar visitas. No entanto já há pessoas, que como já fizeram visitas comigo, ligam para o museu e pedem para falar comigo para marcar visitas. Esta situação deixa-me muito satisfeita, pois significa que as visitas correm bem, que as pessoas gostam e que ficam curiosas de voltar e de visitar os restantes núcleos.

### **Diário de Campo - 9 de Maio**

A visita de hoje foi com adultos, finalistas do curso de educação básica e educadores. Nunca tinha feito uma visita com o ensino superior e portanto foi uma estreia, que correu bem, no meu ponto de vista.

A professora que ia a orientar o grupo já realizou várias visitas com o Museu da Água e com a minha orientadora de estágio. Neste dia, como a minha orientadora estava ocupada com outra visita, disse que seria eu a fazer.

A visita decorreu normalmente. Dividi um pouco mais o discurso, debitando a história fundamental à entrada, e que demora mais tempo para depois realizarmos a travessia pelo Vale de Alcântara. Penso que com adultos esta estratégia funciona melhor, pois conseguem absorver melhor a informação que é transmitida, pois fizemos três paragens para irmos conversando aos poucos. Com crianças esta estratégia não funciona tão bem, pois dispersam-se mais facilmente.

Penso que o público ficou muito satisfeito com a visita e ficaram entusiasmados para visitar o Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras e para fazerem o passeio da Rainha Refresca-se na Pista do Barroco. Portanto penso que promovi positivamente o património da EPAL.

### **Diário de Campo - 11 de Maio**

Hoje realizei duas visitas. A visita da manhã foi com crianças do 1º ciclo, do 4º ano, de uma escola um pouco carenciada de Lisboa, pelo menos era o que as crianças davam a demonstrar. A visita não correu muito bem pois as crianças eram muito mal comportadas e portanto passei mais tempo a mandá-los calar do que a fazer a visita. As professoras também não conseguiam mantê-los interessados nem conseguiam que eles se calassem. No entanto consegui fazer a visita toda e ainda fiz o jogo com eles.

A realização do jogo foi a parte da visita que correu melhor, apesar de alguns alunos não terem vontade nenhuma de estar aqui presentes. No entanto e com as perguntas que fiz no jogo, penso que eles até prestaram atenção ao que eu disse pois, quase todas as perguntas que eu fiz eles responderam acertadamente.

A visita da tarde foi com crianças de várias idades, desde os 12 anos até aos 16 e eram crianças do ensino especial, com défice de retenção de informação. No entanto a visita correu muito bem e se inicialmente eles não interagiam comigo, não respondiam às perguntas que eu fazia, a medida que se estabeleceu uma empatia eles começaram a interagir mais comigo e respondiam às perguntas que eu fazia e até colocavam dúvidas. A visita foi muito curtinha, mais adaptada a este tipo de público.

Quando estava a terminar a visita, perguntei à professora se achava que poderia fazer um jogo com eles e ela questionou-me que tipo de jogo era. Eu respondi que era um jogo muito simples de perguntas e que as perguntas iam ser muito fáceis. Ela respondeu-me que não sabia, pois eram crianças que não retinham a informação e portanto não sabia se o jogo ia funcionar. Mas disse-me também que poderíamos tentar para ver se funcionava. Foi muito gratificante ver que sim, que o jogo correu muito bem. Uma vez que as perguntas eram fáceis, e tentei simplificá-las ao máximo, para que eles me entendessem e percebessem a pergunta, e ajudei alguns a responder, dando mais pistas do que costumo dar às outras crianças. No entanto notou-se um esforço da parte dos alunos para responderem correctamente ao que eu lhes perguntava.

Penso que a estratégia utilizada ao longo da visita, de interacção constante com os alunos foi muito importante para que isto tivesse acontecido.

Gosto muito de fazer visitas com este público pois são muito mais agradecidos e muito mais ternos do que as crianças ditas “normais” em que muitas vezes nem sequer dizem adeus quando se vão embora.

### **Diário de campo – 14 de Maio**

A visita de hoje, foi feita a crianças do pré-escolar de 3 e 4 anos. Eram crianças muito simpáticas e participativas e divertiram-se muito na visita guiada. Fiz experiências com as crianças e falei sobretudo da água. As crianças sabiam muito pouca coisa e tive que explicar tudo desde o início para que conseguissem compreender o tema que se estava a tratar.

Na parte histórica do museu, falei apenas do aqueduto e tentei fazer uma comparação com uma ponte para que eles percebessem o que estava a ser dito.

Utilizei uma experiência que funciona sempre muito bem, porque os alunos trabalham em grupo e tem que interagir uns com os outros. Coloca-se um recipiente com água e com algumas rolhas de cortiça e uma pedra lá dentro, para ver o que vai ao fundo mais facilmente e para eles tentarem afundar as rolhas. A explicação tem a ver com a força de impulsão, que faz com que a água, que esta em maior quantidade, tem mais força e faz com que a rolha fique à tona da água.



Fizemos também o jogo da mímica com os gestos da água, que da também para relembrar formas de poupar água.

A visita da tarde foi da mesma associação, de Santa Engrácia, que pertence ao mesmo bairro que o museu. No entanto, esta visita deu-se com crianças mais de 5 anos. A visita fez-se facilmente, porque eram muito menos alunos, apenas 17. A visita teve o mesmo alinhamento que a da manhã, mas com mais alguns pormenores, nos conteúdos.

As crianças, apesar de não saberem muito sobre o tema, eram muito participativas. No entanto, a educadora teve uma postura muito negativa. Ao longo da visita, interrompeu-me 4 vezes, tomando o meu lugar e explicando os conteúdos da forma que ela queria. Esta situação deixou-me mesmo muito zangada e tive a confirmação que há educadores e professores que não sabem distinguir os espaços onde se encontram e pensam que a visita ao museu é só o prolongamento da sala de aula e portanto acham que podem tomar o lugar de quem realiza as visitas e impor a forma como percebem os conhecimentos que estão a ser transmitidos.

Esta atitude da educadora fez com que eu própria perdesse o entusiasmo pela visita e me sentisse injustiçada pelo que tinha acontecido, uma vez que a visita estava a seguir os contornos que os alunos deixavam. Quando as crianças mais pequenas fazem um comentário ou demonstram saber alguma coisa, o que eu fazia era pegar naquilo que eles disseram e continuar a explicar um pouco melhor a palavra, o conceito ou a ideia que tinham transmitido. No entanto, a educadora, não foi isso que fez, pois apenas quis mostrar que falava de temas muito avançados para a idade das crianças.

### **Diário de Campo – 15 de Maio**

A visita de hoje também foi com crianças do pré-escolar. Portanto a visita baseou-se sobretudo em experiências e não apenas em expor os conteúdos. A visita teve que ser breve pois as crianças tinham apenas 3 anos e a grande maioria das crianças desta idade, para além de nem conseguir ficar sentada durante mais do que 15/20 minutos, não consegue ter concentração para todo esse tempo (que é o que dura a exposição teórica) e portanto não assimilam nem percebem o que está a ser dito.

Esta visita teve algumas dificuldades. Uma foi o facto de os alunos serem tão pequenos e os alunos mais velhos, de 5 anos, não terem sido bem preparados para o tema. O mau

comportamento dos alunos e o barulho também incomodou bastante, uma vez que tinha que gritar para eles me ouvirem e tinha que me repetir muitas vezes, no entanto eram muito queridos e simpáticos, tendo à vontade, quando se referia à participação. O comportamento das educadoras também não foi o melhor, pois estiveram a visita toda a conversar e faziam também muito ruído de fundo.

Como técnica que estava a fazer a visita guiada, tenho alguma autoridade para mandar calar os alunos se eles estiverem todos a conversar, mas não me sinto à vontade, nem tenho autoridade para pedir aos professores/educadores que se comportem melhor, penso que este tipo de atitude faz parte da educação de cada indivíduo.

Nos questionários de avaliação as educadoras não concordaram uma com a outra, pois uma delas considerou a minha prestação “muito boa” e outra apenas “suficiente”.

Na realização do jogo da mímica, houve duas crianças que também não gostaram e destabilizaram muito. No entanto, o feedback das crianças foi positivo e conseguiram interiorizar algumas das informações que transmiti ao longo da visita, pois notou-se com a realização do jogo.

### **Diário de Campo – 18 de Maio**

Hoje foi um dia especial pois foi o Dia Internacional dos Museus e por isso fui “enviada” para o AAL para realizar duas visitas guiadas, em inglês.

A visita da manhã estava marcada para as 11 horas. A visita era para um grupo de um hotel. No entanto, qualquer pessoa podia juntar-se à visita pois era entrada livre. As pessoas foram chegando e eu pedia-lhes para que esperassem mais um pouco, pois a visita ia começar dentro de momentos, mas ainda esperávamos o grupo do hotel. A visita começou por volta das 11h 30 e o grupo do hotel chegou logo de seguida. Desta forma, tive que fazer primeiro a visita em português e depois em inglês. O passeio não correu muito bem porque a porta do bairro da Serafina estava fechada, uma vez que o segurança tinha partido primeiro que eu, a acompanhar um outro grupo que estava com o coordenador do museu.

No entanto as pessoas eram super simpáticas e não levantaram nenhuma questão.

A visita da tarde correu muito melhor. O grupo era maior, quase 40 pessoas e foi uma verdadeira visita guiada, uma vez que havia muitas pessoas que estavam bastante interessadas e faziam muitas perguntas e conseguimos visitar os dois passeios do AAL. Tive que ficar no AAL, depois do final da visita, pois podia aparecer outro grupo e eu tinha que fazer uma visita guiada. No entanto, esta situação não se verificou.

### **Diário de Campo – 20 de Maio**

A visita de hoje foi ao RMAA com crianças do 1º ciclo. As crianças tinham já alguma informação sobre o local que estavam a visitar, o que facilitou bastante o decorrer da visita.

Os professores tinham uma boa relação com os alunos, apesar de estarem muito entusiasmados e por isso se terem sido faladores.

A visita decorreu normalmente, sem incidentes e demorou cerca de 1 hora.

### **Visita ao Hospital de Sta Maria - 21 de Maio**

Neste mês fomos mais uma vez ao hospital de Sta Maria. Para a visita de hoje tínhamos preparado cartazes de sensibilização ambiental e uma experiência com água, na qual representamos a quantidade de água existente no planeta e a forma como esta distribuída nos vários locais: água subterrânea, água salgada, água doce nos ribeiros, lagos, etc...

Depois fizemos uns cartazes para reflectir sobre o tema da poupança de água. Cada criança fez o seu cartaz individualmente com a ajuda das educadoras. Apesar de termos muitas crianças nesta actividade, muitas delas estavam bastante doentes. No decorrer da actividade a educadora - coordenadora perguntou-nos se nós conhecíamos alguém eu tivesse filhos com 8 ou mais anos, que pudessem emprestar um vestido para uma menina que foi baptizada no dia 28 lá no hospital. A minha colega disse logo que sim, que a minha colega arranjasse o vestido eu ia entregá-lo no dia a seguir.

No entanto, como a filha da minha colega era mais pequena, os vestidos não davam, por isso perguntamos a outra colega do museu se tinha um vestido que a filha dela não vestisse, que pudesse emprestar. A colega disse que sim e no dia a seguir levou o vestido e disse-me para o oferecer à menina que se ia baptizar.

### **Diário de Campo – 25 de Maio**

A visita de hoje teve contou com várias dificuldades. Para isto houve duas razões: 1ª porque os alunos eram muito mal comportados, muito faladores e muito inquietos. Enquanto eu chamava a atenção eles calavam-se, mas assim que começava a explicar eles começavam a falar entre si, o que incomodava bastante, pois eram 38 alunos. A 2ª razão era que os professores eram piores do que os alunos, havendo até alunos que se sentaram à volta de uma professora e a professora é que falava com eles e, para além de ninguém ter repreendido os alunos, era a professora a falar com eles, o que fez com que a visita tivesse sido muito cansativa.

Fiquei um pouco espantada com a avaliação dos professores, pois consideraram que a visita tinha sido longa e que a linguagem não tinha sido adequada. Espanta-me esta crítica, pois disseram que eram crianças do 3º ano e quando fui ver a ficha dos dados da escola, reparei que também tinham trazido crianças do 2ºano. No entanto, nenhuma professora se dignou a dizer qual era o ano dos alunos, uma vez que a informação que eu tinha, era da data da marcação da visita.

As crianças não retinham a informação, porque não ouviam e estavam sempre a brincar, o que se reflectiu no jogo das perguntas que realizei no final da visita, pois em 38 alunos, apenas 2 me responderam acertadamente às perguntas.

Um outro problema na escola é o facto de terem uma aluna surda-muda e de não terem trazido um professor do ensino especial para que a criança pudesse perceber o que estava a ser dito ao longo da visita, tendo ficado completamente à parte. Esta criança tinha muitas dificuldades de aprendizagem e não sabiam como estimulá-la.

### **Diário de Campo - 26 de Maio**

Hoje quem visitou o Museu da Água foram alguns alunos do colégio Moderno, do 4º ano. A visita decorreu normalmente e falei um pouco sobre tudo do museu. Falei sobre o ciclo da água, e de tudo o que lhe está subjacente. As crianças eram muito queridas e simpáticas e sabiam imenso. Eram também muito interessadas e isso facilitou o decorrer da visita, pois permitiu que a explicação fizesse mais sentido para eles e se enquadrasse mais no interesse dos alunos. A estratégia utilizada ao longo da visita foi a de pergunta/resposta, em que eu fazia perguntas aos alunos para ver o que eles sabiam e

depois, quando tinham algumas dúvidas, a estratégia foi de pergunta/resposta, mas no sentido inverso, pois eles faziam as perguntas e eu dava as respostas. Assim conseguiu/se criar uma relação de empatia e eles conseguiam captar e reter melhor a informação que foi transmitida.

Ao longo de toda a visita foi utilizada esta estratégia, se bem que nas últimas duas salas, não foram feitas muitas perguntas.

Depois de realizar a visita no 1º piso do museu, subimos para ver a Sala das Maquinas, para explicar o seu funcionamento e para ver as máquinas a funcionar. Ainda nesta sala fizemos o jogo das perguntas.

O feedback das crianças foi muito positivo, pois disseram que tinham gostado muito da visita e tinham aprendido coisas novas, bem como o da professora, pois referiu no questionário que preencheu, que a visita tinha sido adequada porque tinha utilizado boas estratégias e que tinha explicado bem as dúvidas aos alunos.

### **Diário de Campo - 27, 28 e 29 de Maio**

Hoje vou fazer também uma reflexão sobre as visitas anteriores uma vez que a escola que veio fazer as visitas dos últimos três dias foi sempre a mesma: o Colégio Moderno e os alunos eram todos do 4º ano.

Todas as turmas vinham muito bem preparadas e o nível de conhecimentos dos alunos era muito idêntico, o que tornou as visitas mais fáceis de realizar, pois os alunos faziam imensas perguntas e foi fácil interligar todos os assuntos que pretendia abordar. As visitas decorreram normalmente, e foram divididas em três partes como de costume. A primeira parte sobre o ciclo da água, a segunda sobre o abastecimento de água e a terceira parte foi o jogo das perguntas que costumo realizar.

As professoras tinham uma boa relação com as crianças e notava-se muito respeito dos alunos pelos professores.

### **Reflexão**

Este mês foi um pouco mais trabalhoso do que os anteriores, não apenas porque coincide com o final do estágio, mas também porque temos muitas actividades programadas para este mês.

Uma das actividades desenvolvidas foi a de o AAL ter estado aberto até às 22 horas, sábado, com entrada livre, de acordo com a programação da Noite Longa dos Museus. Desta forma, fiquei na entrada, vestida de Rainha D. Maria Ana d'Áustria e fizemos a recepção dos visitantes, quase 1000, desde as 18 horas, respondendo a todas as perguntas e dando as informações necessárias.